



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
PROGRAMA DE MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM:
CONTEXTOS LUSÓFONOS BRASIL- ÁFRICA**

LUCINEIDE PASSOS DE SOUZA

**IDENTIDADE, MEMÓRIA E LINGUAGEM: OS FESTEJOS DE SÃO ROQUE DA
COMUNIDADE DE CABOTO EM CANDEIAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

LUCINEIDE PASSOS DE SOUZA

**IDENTIDADE, MEMÓRIA E LINGUAGEM: OS FESTEJOS DE SÃO ROQUE DA
COMUNIDADE DE CABOTO EM CANDEIAS-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Estudos de Linguagem: Contextos Lusófonos
Brasil-África, da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afrobrasileira.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S716i

Souza, Lucineide Passos de.

Identidade, memória e linguagem : os festejos de São Roque da comunidade de Caboto em Candeias-BA / Lucineide Passos de Souza. - 2025.

128 f. : il., mapas, color.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

1. Identidade cultural. 2. Memória coletiva. 3. Linguagem. 4. Política linguística.
I. Roque, São, Festa de - Caboto (Candeias, BA). II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 398.098142

LUCINEIDE PASSOS DE SOUZA

**IDENTIDADE, MEMÓRIA E LINGUAGEM: OS FESTEJOS DE SÃO ROQUE DA
COMUNIDADE DE CABOTO EM CANDEIAS-BA**

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagens na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB Campus dos Malês.

Aprovada em: 18/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira de Andrade Lima (Examinadora interna)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Denilson Lima Santos (Examinador interno)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza (Examinadora externa)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Aos que, de diferentes formas, contribuíram para a construção de mais uma identidade, um processo imerso em memórias e marcado por diferentes linguagens. Este trabalho é, de certo modo, um reflexo das histórias que carreguei e das palavras que ajudaram a moldar meu caminho. A todos que acreditaram, incentivaram e acompanharam nesse percurso, minha eterna gratidão. Que as memórias que guardamos e as linguagens que usamos sigam nos conectando e nos transformando.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que me guiou em cada passo desta jornada, me sustentando e renovando a cada dia.

Aos meus pais e meus irmãos, pelo amor incondicional e apoio constante, que permitiram acreditar na minha capacidade e seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Às minhas filhas, pelo carinho, paciência e compreensão, que tornaram este processo ainda mais significativo.

Aos amigos, especialmente Margareth Ribeiro, que estiveram ao meu lado com palavras de incentivo e amizade, tornando essa caminhada mais leve e gratificante.

A comunidade da Igreja de São Roque em Caboto, Candeias - BA, por compartilhar suas memórias enriquecendo esse estudo.

Ao professor Alexandre Cohn da Silveira, pela competência e dedicação na orientação. Pelo incentivo e compreensão até a conclusão desse trabalho.

A todos, minha eterna gratidão, pois este trabalho reflete a soma de cada um de vocês na construção da minha trajetória e na realização deste sonho.

Identidade (Jorge Aragão)

Elevador é quase um templo

Exemplo pra minar teu sono

Sai desse compromisso

Não vai no de serviço

Se o social tem dono, não vai

Quem cede a vez não quer vitória

Somos herança da memória

Temos a cor da noite

Filhos de todo açoite

Fato real de nossa história

Se preto de alma branca pra você

É o exemplo da dignidade

Não nos ajuda, só nos faz sofrer

Nem resgata nossa identidade(Bis)

RESUMO

A pesquisa Identidade, memória e linguagem: os Festejos de São Roque da comunidade de Caboto em Candeias-BA. Esse território possui uma manifestação cultural, a Festa de São Roque, que ocorre anualmente, precisamente nos dias que precede o dia 16 de agosto de cada ano, o dia do santo. Conta-se que a festa teve início depois que uma imagem do santo foi encontrada nas ruínas da Senzala do Engenho de Freguesia, situada na comunidade de Caboto. Essa investigação elege como problemas centrais de pesquisa o seguinte: O que a Festa de São Roque representa para a identidade da comunidade de Caboto? Quais aspectos identitários evidenciam a cultura negra dos escravizados nessa comunidade? Quais mudanças ocorreram com o passar do tempo e quais aspectos provocaram o esvaziamento dos Festejos de São Roque? O objetivo da pesquisa é, portanto, apresentar, a partir das memórias dos participantes dos festejos, do passado e ainda de hoje, a Festa de São Roque, buscando entender melhor as pertencas identitárias e culturais da comunidade de Caboto, em Candeias - BA. Enquanto, objetivos específicos discutirão a relação de identidades, memórias e linguagens como elementos conceituais da pesquisa. Também procuraremos compreender a relação entre memórias e linguagem na construção de memória social. Vamos investigar como a festa se atualiza ao longo dos anos, reconhecendo nas narrativas, as memórias como elemento colaborador para a perpetuação cultural do Território. Por fim, procuraremos perceber que representações de políticas linguísticas surgem nas linguagens apresentadas na pesquisa e se há contribuição da festa para o desenvolvimento cultural e turístico de Caboto. O percurso da metodologia tratou de uma investigação desenvolvida através de um caráter exploratório, com a etapa bibliográfica da pesquisa e uma investigação documental, com uma abordagem qualitativa na análise dos dados. A pesquisa incidiu com a escuta das narrativas de cinco moradores da comunidade de Caboto, participantes veteranos da festa. Dentre eles estão 04 mulheres e 01 homens, com idade média entre 60 e 82 anos, através de entrevista semi-estruturada. Como considerações finais, apresentamos que a pesquisa não só reafirma a relevância dos Festejos de São Roque como um patrimônio imaterial, mas também evidencia a necessidade de preservação e valorização dessas práticas. Percebemos que as heranças da ancestralidade negra contribuíram para a formação da memória social existente na comunidade. Portanto,

a continuidade dessas tradições é fundamental para a manutenção da identidade cultural da comunidade, servindo como um elo entre o passado e o presente a fim de preservar a identidade coletiva desse povoado.

Palavras-chave: identidade cultural; memória coletiva; linguagem; política linguística; Roque, São, Festa de - Caboto (Candeias, BA).

ABSTRACT

The research Identity, memory and language: the São Roque Festivities of the Caboto community in Candeias-BA. This territory has a cultural event, the Festa de São Roque, which takes place annually, precisely on the days preceding August 16th of each year, the saint's day. It is said that the festival began after an image of the saint was found in the ruins of the Senzala do Engenho de Freguesia, located in the community of Caboto. This investigation chooses as central research problems the following: What does the São Roque Festival represent for the identity of the Caboto community? What identity aspects highlight the black culture of the enslaved in this community? What changes occurred over time and what aspects led to the emptying of the São Roque Festivities? The objective of the research is, therefore, to present, based on the memories of participants in the festivities, from the past and even today, the São Roque Festival, seeking to better understand the identity and cultural belongings of the Caboto community, in Candeias - BA. While, specific objectives will discuss the relationship of identities, memories and languages as conceptual elements of the research. We will also seek to understand the relationship between memories and language in the construction of social memory. We will investigate how the party is updated over the years, recognizing in the narratives, memories as a contributing element to the cultural perpetuation of the Territory. Finally, we will seek to understand what representations of linguistic policies emerge in the languages presented in the research and whether the party contributes to the cultural and tourist development of Caboto. The methodology path dealt with an investigation developed through an exploratory character, with the bibliographical stage of the research and a documentary investigation, with a qualitative approach in data analysis. The research focused on listening to the narratives of five residents of the Caboto community, veteran participants of the party. Among them are 04 women and 01 men, with an average age between 60 and 82 years old through a semi-structured interview. As final considerations, we present that the research not only reaffirms the relevance of the São Roque Festivals as an intangible heritage, but also highlights the need to preserve and value these practices. We realized that the legacies of black ancestry contributed to the formation of the existing social memory in the community. Therefore, the continuity of these traditions is fundamental to maintaining the

community's cultural identity, serving as a link between the past and the present in order to preserve the collective identity of this village.

Keywords: cultural identity; collective memory; language; language policy; Saint Roque Festival - Caboto (Candeias, BA).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	SEÇÃO I – IDENTIDADES, MEMÓRIAS E LINGUAGENS	19
2.1	SOBRE “IDENTIDADE”	19
2.1.1	A identidade cultural	28
2.2	SOBRE “MEMÓRIA”	31
2.2.1	A construção social da memória	36
2.3	SOBRE A “LINGUAGEM”	40
3	SEÇÃO II – PERCURSOS DA PESQUISA	48
3.1	TIPO E MÉTODOS DE PESQUISA	48
3.2	CONTEXTO E SUJEITOS DE PESQUISA	49
3.3	INSTRUMENTOS DE PESQUISA	51
3.4	SOBRE A ANÁLISE DOS DADOS	53
4	SEÇÃO III – A FESTA DE SÃO ROQUE	54
4.1	FESTA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E IDENTIDADE	54
4.2	SOBRE A FESTA DE SÃO ROQUE DO CABOTO	59
4.2.1	As Cartas	62
4.2.2	As Esmolas	63
4.2.3	Lavagem da Igreja	65
4.2.4	As Novenas	66
4.2.5	Procissão Marítima	68
4.2.6	A Alvorada	69
4.2.7	Missa Festiva	70
4.2.8	Procissão Terrestre	73
4.2.9	Festa Dançante	75
4.2.10	Santa Mazorra	76
5	SEÇÃO IV – A VOZ DOS SUJEITOS DA FESTA DE CABOTO	79
5.1	CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS E SUAS IDENTIDADES	79
5.1.1	A pesquisadora como sujeito de sua pesquisa	83
5.2	AS MEMÓRIAS DOS FESTEJOS DE SÃO ROQUE	85
5.3	AS LINGUAGENS E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS	94
5.4	DESENVOLVIMENTO CULTURAL E TURÍSTICO DE CABOTO	104
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	110

1 INTRODUÇÃO

A comunidade de Caboto, em Candeias – BA, possui uma manifestação cultural, a Festa de São Roque, que ocorre anualmente, precisamente nos dias que precedem o dia 16 de agosto de cada ano, o dia do santo. Conta-se que a festa teve início depois que uma imagem do santo foi encontrada nas ruínas da Senzala do Engenho de Freguesia, situada na comunidade de Caboto. Os negros, na condição de escravizados, acharam a imagem que logo foi cultuada na comunidade, tendo sido atribuído a ela várias curas.

Esses mesmos negros trazidos de África eram escravizados no engenho e trabalhavam na plantação da cana-de-açúcar e na produção do açúcar, além de realizarem as atividades domésticas. Um desses engenhos do Recôncavo baiano, o Engenho Freguesia, hoje abriga o Museu do Recôncavo Wanderley de Pinho. Esse engenho, e outros, como o de Caboto (em ruínas), de Novo Caboto, Engenho São João, Cachoeirinha e Santa Inês formavam os engenhos da Freguesia construídos por volta do século XVI, na primeira sesmaria concedida a Sebastião Álvares. O Engenho Freguesia tem sua localização às margens da Baía de Todos os Santos, (Santos, 2008 p. 27-28)¹.

As celebrações que acontecem há vários anos na comunidade de Caboto podem ser o fio condutor para registrar a história do local através das memórias de moradores da região. Através dessas memórias, é possível reforçar identidades silenciadas e invisibilizadas ao longo de décadas por conta de um racismo estrutural e cultural que nem sempre valoriza as riquezas culturais de povos negros, indígenas e das comunidades tradicionais. Esse é o compromisso maior da pesquisa que desenvolvemos, aproximando saberes historicamente marginalizados dos estudos da linguagem legitimados pela universidade.

¹ SANTOS, Jair Cardoso dos, nascido em Candeias, região metropolitana de Salvador - BA. Mestre em Crítica Cultural pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Licenciado em História e Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Bahia, pós graduado em Educação pela PUC do Rio de Janeiro, em História e Cultura Afro- Brasileira pela Fundação Visconde de Cairu e em Direito Público pela Fabac/CCJB. Escritor de quatro livros: "Entre as leis e as letras: Escrivivências identitárias negras de Luiz Gama", Quarteto Editora, 2017, "Candeias: História da Terra do Petróleo", escrito para a Edição comemorativa aos 50 anos do município de Candeias, em 2008, "A vida Conta uma História - Biografia da Professora Dalila Baptista dos Santos", Arco Iris, em 1989 e "Candeias: O Fim da Área de Segurança Nacional", Editora Bureau, em 1986. Professor na Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias, do Colégio Estadual Polivalente de Candeias e do Colégio da Polícia Militar de Candeias. Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/2990612803554819

O apagamento de conhecimentos, culturas e saberes dos povos escravizados faz parte de um processo de racismo que sustenta ainda a estrutura social brasileira, sendo importante o estudo de suas manifestações e estratégias para que haja o movimento contrário, antirracista. Conforme Almeida (2020, p. 50), o racismo estrutural é definido a partir da constituição das relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O autor refere-se ao tratamento recebido pelo negro desde a abolição da escravatura, sofre-se racismo na formação da sociedade, considerando as questões políticas, econômicas, jurídicas e sociais.

Cresci na comunidade de Caboto, participando ativamente dos Festejos de São Roque, e, aos 22 anos, já casada e com duas filhas, mudei para o centro do município de Candeias. Por questões familiares, deixei de participar da festa por mais ou menos doze anos. Ao retornar ao convívio da comunidade, pude notar que a festa estava diferente e essas alterações me inquietaram durante alguns anos, despertando um interesse em conhecer as origens da festa, minha história e de Caboto e a causa dessas modificações.

Atualmente, enquanto participante e pesquisadora dos Festejos de São Roque em Caboto, percebo que ao longo dos últimos 20 anos ocorreram várias mudanças: na organização dos festejos, na participação da comunidade, no número visitante e na geração de renda promovida pela festa. Esses aspectos revelam um esvaziamento nas etapas da festa. Diante desse contexto, essa investigação elege como problemas centrais de pesquisa o seguinte: O que a Festa de São Roque representa para a identidade da comunidade de Caboto? Quais aspectos identitários evidenciam a cultura negra dos escravizados nessa comunidade? Quais mudanças ocorreram com o passar do tempo e quais aspectos provocaram o esvaziamento dos Festejos de São Roque?

O interesse pela pesquisa surgiu por observar que as tradições da comunidade de Caboto – Candeias/BA – estão sendo perdidas. Percebe-se uma redução significativa do número de pessoas que, atualmente, participa das comemorações de São Roque, comparado à multidão de 40 anos atrás, onde residem minhas mais antigas lembranças da festa. O principal aspecto que denota o enfraquecimento da festa é o desinteresse, em grande medida construído pelo poder público e suas instituições, que afeta grande parte da comunidade, no sentido de não valorizar as heranças e identidades ancestrais que permeiam essa

manifestação cultural. Esse desinteresse institucional e político é uma das manifestações de apagamento da cultura e da identidade negra na comunidade de Caboto, na Bahia e no país como um todo.

Observa-se ainda a falta de sentimento de pertencimento dos atuais moradores da região quanto às suas origens e a história da comunidade de Caboto. Tudo indica que essas pessoas são descendentes de negros escravizados do engenho Freguesia, portanto, a Festa de São Roque dessa localidade pode se caracterizar como uma manifestação cultural católica, com participação dos ancestrais negros, como forma de cultuarem suas divindades africanas diante da situação violenta da escravatura.

Isto exposto, a presente pesquisa procura responder algumas indagações que vão orientar os caminhos de investigação. Primeiramente, gostaríamos de entender melhor qual o papel da Festa de São Roque para a cultura local do povo de Caboto – Candeias, BA? Como as memórias e as linguagens dos festejos de São Roque contribuem para o reconhecimento das identidades culturais do território de Caboto – Candeias, BA? Como a festa vem se transformando ao longo do tempo para resistir às adversidades e manter vivos os aspectos culturais ancestrais do povo de Caboto? Quais adaptações são feitas para atender às novas identidades dessa população? Que memórias sustentam as tradições identitárias desse povo? Que contribuições a festa pode trazer para a região atualmente?

Pressupõe-se que os rituais religiosos e as manifestações culturais se constituem a partir de linguagens diversas, as quais são ideológicas e repletas de valores relativos às suas comunidades de práticas. Portanto, as linguagens contribuem para a constituição e o desenvolvimento das identidades, sendo importante resgatar o passado histórico da comunidade, para melhor entender o processo dessa constituição identitária. Quanto ao povo de Caboto e à Festa de São Roque, isso pode ser feito a partir das memórias das pessoas mais antigas, bem como através de documentos existentes e produções relativas a pesquisas históricas anteriormente realizadas. A cultura ancestral se constitui, em grande medida, a partir da linguagem oral, por isso é importante visitar as memórias e vivências de pessoas mais antigas, que nasceram/cresceram nesse contexto social, suas emoções e decepções ao longo dos tempos, crenças e anseios. Nesse grupo de sujeitos, eu me insiro.

O objetivo da pesquisa é, portanto, apresentar, a partir das memórias dos participantes dos festejos, do passado e ainda de hoje, a Festa de São Roque, buscando entender melhor as pertencas identitárias e culturais da comunidade de Caboto, em Candeias - BA. Enquanto, objetivos específicos discutirão a relação de identidades, memórias e linguagens como elementos conceituais da pesquisa. Também procuraremos compreender a relação entre memórias e linguagem numa construção de memória social. Vamos investigar como a festa se atualiza ao longo dos anos, reconhecendo nas narrativas, as memórias como elemento colaborador para a perpetuação cultural do Território. Por fim, procuraremos perceber que representações de políticas linguísticas surgem nas linguagens apresentadas na pesquisa e se há contribuição da festa para o desenvolvimento cultural e turístico de Caboto.

Vale destacar que, neste trabalho, estamos nos pautando nas políticas linguísticas “in vivo” (Calvet, 2007), ou seja, aquelas que se constituem nas práticas linguísticas das interações humanas cotidianas. Nos importa aqui perceber, por exemplo, que apesar de a língua ter uma normatização e ser ensinada, em grande medida, a partir de sua estrutura e funcionamento do ponto de vista da gramática normativa, nas práticas do dia a dia essas “regras” são constantemente quebradas e/ou ajustadas às necessidades, valores e intenções de quem a usa. No que diz respeito a esse trabalho, procuraremos perceber como há resistências linguísticas e subversões às regras da gramática tradicional nas práticas de linguagem analisadas, trazendo elementos relevantes que nos permitirão perceber traços de falares dos escravizados de outrora nas peças de linguagem presentes na Festa de São Roque.

Dessa forma, nosso trabalho se organiza, preliminarmente, com uma Introdução e três seções argumentativas, além das considerações nossas. Na Seção I, “Identidades, Memórias e Linguagens”, apresenta-se uma fundamentação teórica em que são discutidos os conceitos de “Identidade”, “Memória” e “Linguagem”, a fim de construir uma base que sustente as análises das memórias de participantes dos festejos de São Roque, buscando identificar as pertencas culturais da comunidade de Caboto em Candeias – BA. Esta discussão apoia-se, principalmente, em Hall (2006), Bosi (1994), Le Goff (2013) e Bakhtin (2006). Ainda nessa seção, surgem duas subseções: “A Identidade cultural”, que expõe sobre a construção da identidade cultural da sociedade, e, “A construção social da memória”,

a qual discute a importância da interação social para a construção da memória dos elementos culturais de uma sociedade.

Na seção II, dando continuidade ao estudo, são apresentados os “Percursos da pesquisa”. Neles expõem-se os caminhos percorridos para desenvolver a pesquisa (bibliográfica, documental e de campo), os métodos investigativos utilizados, o cenário da pesquisa, seu contexto social dos sujeitos da pesquisa. O objetivo é colocar o leitor a par do roteiro metodológico realizado durante esse estudo, procurando apresentar um caminho seguro para as reflexões que são destacadas.

Na Seção III dessa dissertação, intitulada “Festa de S. Roque”, é descrita todas as etapas da festa conforme relatos de moradores da comunidade de Caboto e a origem da festa. Isso inclui as práticas de linguagem presentes em todas as fases dos festejos, como as Novenas, a Missa, as Procissões, marítima e terrestre, bem como a Santa Mazorra. Nesta seção, além de uma descrição das manifestações culturais, as práticas de linguagem dialogam com as questões apresentadas na seção anterior, percebendo a festa como uma manifestação político-linguística da identidade do povo de Caboto construída pela ancestralidade negra.

Por fim, na IV Sessão, com o título, “A voz dos sujeitos da Festa de Caboto”, apresenta a relação das narrativas expressas nas entrevistas com os conceitos teóricos “Identidades, Memórias e Linguagens” que fundamentaram a pesquisa, a fim de elucidar os objetivos, comprovar ou não as hipóteses considerando os possíveis resultados.

Acredita-se que a investigação tenha grande relevância social para a comunidade local, pois persegue objetivos que relacionam as identidades perdidas através de patrimônio imaterial e material, as memórias, enfim, documentando a história desse lugar, a pesquisa estará possibilitando ao leitor a valorização cultural local e a compreensão do porquê que as tradições culturais estão sendo perdidas em Caboto/Candeias - BA.

2 SEÇÃO I – IDENTIDADES, MEMÓRIAS E LINGUAGENS

Nesta seção discutem-se os conceitos de “Identidade”, “Memória” e “Linguagem” a fim de subsidiar a fundamentação teórica da pesquisa desenvolvida. O objetivo é construir uma base que sustente as análises das memórias de participantes dos festejos de São Roque, buscando identificar as pertencças culturais da comunidade de Caboto em Candeias - BA. Nessa discussão pretende-se apresentar as considerações desses conceitos apoiados, principalmente, em Hall (2006), Bosi (1994), Le Goff (2013) e Bakhtin (1997).

2.1 SOBRE “IDENTIDADE”

Dubar (1999 *apud* Faria; Souza, 2011) conceitua a identidade como o resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais, a ação nos quais os sujeitos estão inseridos, e biográficos, envolve a história, habilidades e projetos da pessoa. Essa semelhança refere-se às experiências vividas e socializadas entre pares. O autor afirma que a “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável” (Dubar, 1999 *apud* Faria; Souza, 2011, p. 36).

Segundo Martinazzo (2010), a identidade demarca as semelhanças e diferenças entre os seres humanos, destacando suas características físicas, seu modo de pensar, ser e agir, bem como permite ao sujeito construir e desenvolver os traços da sua própria história. São as características pessoais que cada um possui, os laços que unem um grupo ou o diferencia de outro.

Conforme Bauman (2005, p. 17) a identidade é definida como autodeterminação, ou seja, o “eu postulado”. Para ele, as identidades habitualmente referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem. Segundo o autor, existem dois tipos de comunidades: as de vida e as de destino. A primeira refere-se aos indivíduos que vivem juntos, em ligações absolutas, e a segunda remete às comunidades de ideias cultivadas por uma multiplicidade de princípios. O teórico explica que a identidade só se expõe nas comunidades do segundo tipo, na qual há o comparecimento de diferentes ideias e, por isso, também a crença na precisão de escolhas sucessivas, tornando um mundo de diversidade e policulturas.

Em sua perspectiva, Ciampa (1987 *apud* Faria; Souza, 2011) entende identidade como “metamorfose”, ou seja, algo em constante modificação, sendo o resultado provisório do cruzamento entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem. A personagem, que, para o autor, é a experiência pessoal de um papel antecipadamente uniformizado pela cultura, é essencial na construção identitária: representa-se a identidade de alguém pela objetificação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo autônomo da atividade.

Diante da pesquisa sobre os festejos de São Roque em Caboto, percebemos como os sujeitos constroem diferentes identidades ao longo dos anos, transmitem a cultura através das gerações, perpetuam a devoção ao santo como compromisso e gratidão e tentam manter viva as etapas da festa rompendo, às vezes, as determinações das autoridades religiosas. Enfim, as pessoas da comunidade assumem novos costumes, valorizando a fé e a devoção ao santo padroeiro a partir de novas perspectivas culturais e sociais.

Conforme Gomes (2002), nenhuma identidade é construída no isolamento, ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. De acordo com a autora, “tanto a identidade pessoal, quanto à identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto, estas identidades são formadas a partir das relações dialógicas estabelecidas com os outros” (Gomes, 2002 p. 39). Dessa forma, a identidade pessoal e a identidade social são moldadas através de interações e relações com outras pessoas, destacando a importância dessas relações para o desenvolvimento de uma identidade completa e coesa.

Stuart Hall apresenta, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, as três diferentes concepções de identidade que se pautam nas visões de sujeito ao longo da história. A primeira é chamada de “identidade do sujeito do Iluminismo” que o autor define dizendo que

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como: um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o

mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo [...] (Hall, 2006, p.10).

Nessa concepção, o autor expressa o sujeito numa visão individualista, caracterizado pela concentração e aliança em que prevalece a capacidade de razão e de consciência, um núcleo interior instituído de forma contínua e idêntica.

Sobre a segunda concepção, de acordo com o autor, o sujeito é visto com a "identidade do sujeito sociológico", a qual, nas palavras de Hall,

[...] se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado num diálogo contínuo com os mundos "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" em (Hall, 2006, p. 12).

Diante dessa concepção, o indivíduo aprecia a complexidade do mundo moderno e adota que o núcleo interior do sujeito. Esse núcleo é formado na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura, constituído pelo social, o sujeito é considerado parte e todo, essa concepção estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais em que ele habita, tornando ambos reciprocamente mais unificados e prováveis.

E, por último, o autor apresenta a definição da concepção de "identidade do sujeito pós-moderno", a qual

[...] É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2006, p. 13).

De acordo com o autor, essa identidade não é fixa, essencial ou permanente, mas, pode ser formada e transformada sucessivamente, sofrendo a influência dos diferentes sistemas culturais. Essa visão de sujeito assume contornos históricos e não biológicos, e o sujeito adere a diversas identidades em diferentes contextos.

O autor defende ainda, que a identidade se torna uma "celebração móvel" formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou confrontados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). Ele confirma a historicidade da identidade, negando a possibilidade de ser biológica,

retrata que o sujeito adquire identidades diferentes em distintos momentos, identidades que não são integradas ao redor de um “eu” coerente, são divergentes, podendo ser desarticuladas constantemente.

Observamos esses conceitos durante a pesquisa, não só como pesquisadora, mas atuando junto à comissão organizadora dos festejos de São Roque em Caboto. Quando os sujeitos expressam uma mudança de comportamento ao longo dos anos, encontramos pessoas que, antes, eram envolvidas com as etapas da festa e, atualmente, professam outra crença, como evangélicos, por exemplo. Outros deixaram de participar da festa por não suportar as lembranças trazidas de pais devotos do santo, que faleceram no último ano. São “celebrações móveis” que influenciam na construção da identidade dos sujeitos da comunidade de Caboto.

Apesar dos conceitos de identidade abranger várias áreas do conhecimento – como Filosofia, Psicologia Sociologia, dentre outras – destaca-se dimensões da identidade como os aspectos pessoais, as conexões e grupos sociais (família, amigos etc.), a pertença a um grupo étnico, racial e/ou cultural, sua identificação de gênero e orientação sexual, a profissão, expressão nas redes sociais e no ambiente digital, identidade sexual. Todas essas dimensões de identidade estão interligadas e podem ser influenciadas por fatores como origem étnica, contexto sociocultural, experiências pessoais, educação, dentre outros. Igualmente, todos esses aspectos identitários podem interagir de maneiras complexas e mudar ao longo do tempo à medida que as pessoas passam por diferentes experiências de vida e desenvolvem novas perspectivas. Além disso, os contextos sociais e culturais podem desempenhar um papel importante na formação e expressão da identidade do sujeito.

A identidade é constituída ao longo do tempo através dos processos que se transformam a partir das experiências vividas pelo sujeito. A esse respeito, Hall (2006) expõe:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significações e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (Hall, 2006, p.13).

Compreende-se que, com a globalização, o avanço tecnológico nas comunicações e as circulações de ideias, as identidades individuais tornaram-se mais fluídas e pluralistas. As pessoas não são mais limitadas a uma única identidade baseada em sua nacionalidade, etnia, gênero ou classe social. Em vez disso, elas têm a capacidade e a liberdade de explorar e adotar várias identidades, dependendo do contexto e das circunstâncias socioculturais em que vivem, estabelecendo uma multiplicidade de identidades e provocando/demandando, assim, mudanças na sociedade a partir da diversidade identitária que vai sendo constituída constantemente.

Com a difusão das tecnologias da comunicação, percebe-se uma maior divulgação da festa comunidade de Caboto no aspecto turístico. A sua procura se dá, principalmente, pelas postagens em redes sociais dos restaurantes, onde os turistas frequentam, atraídos pela culinária local. Dessa forma, muitos sujeitos cabotenses assumem e/ou divulgam novas identidades nas mídias, a fim de propagar a sua comunidade, sua cultura e seus interesses.

As mudanças nas sociedades podem contribuir para a formação de diferentes identidades, como se constata na diferenciação entre as sociedades tradicionais e as modernas apresentadas por Giddens (1990 *apud* Hall, 2006). O autor destaca que as sociedades tradicionais possuem e eternizam os conhecimentos dos antepassados, transpondo o tempo e o espaço numa perspectiva de presente, passado e futuro. Tais sociedades veneram o passado e os símbolos culturais são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações (Giddens, 1990, *apud* Hall, 2006, p.14). Já as sociedades modernas, em contraste, são definidas como importantes por conta da experiência de convivência com a transformação instantânea, integral e sem interrupções. Trata-se de uma mudança rápida, abrangente e contínua, em que as práticas sociais são constantemente observadas e aperfeiçoadas diante de novas informações. (Giddens, 1990 *apud* Hall, 2006, p. 15).

Baseando-se nas ideias de Giddens, entende-se que nas sociedades tradicionais, o passado é altamente valorizado, e os símbolos culturais são importantes porque transmitem a experiência acumulada de várias famílias. Enquanto, na modernidade, as mudanças são rápidas e contínuas, porém os sujeitos refletem e reavaliam constantemente suas ações, tradições e crenças, ao invés de simplesmente seguirem os costumes herdados do passado. Em resumo, a

diferença essencial entre as duas sociedades está na maneira como elas lidam com o passado/presente e na forma como as mudanças se processam. As sociedades tradicionais se apegam ao passado e valorizam a continuidade, enquanto as modernas abraçam a mudança e vivem de maneira mais reflexiva e questionadora.

A respeito dessas mudanças na modernidade, o autor atribui a causa à Globalização, que não é objeto desse estudo, mas acreditamos que esse fenômeno influencia na formação das identidades dos indivíduos, principalmente, sob os aspectos culturais num determinado espaço e tempo. Com relação a essa questão, Hall (2006), acrescenta:

A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da "sociedade" como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço" (Giddens, 1990, p. 64). Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais (Hall, 2006, p. 68).

A globalização cultural refere-se à interação e propagação de ideias, valores, tradições e práticas culturais entre diferentes sociedades. Essa ação foi possibilitada pelas tecnologias desenvolvidas na globalização, com a modernização dos sistemas de comunicação que desencadeou a utilização em massa das redes sociais. Isso pode levar à homogeneização cultural, com a predominância de culturas dominantes. A homogeneização cultural é o grito angustiado daqueles/as que estão convencidos/as de que a globalização ameaça solapar as identidades e a "unidade" das culturas nacionais (Hall, 2006, p. 77).

Hall (2006) exhibe o conceito do que denomina "identidades culturais" como aspectos de identidades que surgem de "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. O autor percebe que as condições da sociedade contemporânea estão "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais". (Hall, 2006, p. 9).

Hall (2006) afirma ainda ser difícil unificar a identidade nacional em torno da questão da raça. Sobre isso, expõe:

A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de

representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (Hall, 2006 p. 63).

A população brasileira tem em sua formação cultural contribuição significativa dos povos africanos que aqui desembarcaram capturados e vendidos, os quais viveram por mais de três séculos na condição de escravizados servindo aos brancos. Os negros e negras da África são responsáveis pela constituição de parte da cultura brasileira. Silenciados, tiveram em seus corpos violentados e a negação das suas culturas pelo desejo do colonizador. Do sofrimento nasce o movimento de luta por liberdade e justiça social e, desde então, batalha-se por conquistas de direitos criando suas marcas de identidade.

Fernandes (2010) expõe como ocorrem os encontros com o colonizador reforçando as diferenças raciais:

A questão sobre a raça tem sua origem no encontro do colonizador europeu com o colonizado, o ameríndio, o negro, o índio entre outros. Este encontro elimina a alteridade, pondo as diferenciações entre os grupos como parâmetro para se medir a superioridade de uns sobre os outros. Neste encontro com pessoas de peles de cores distintas, os colonizadores europeus percebem a branquitude, tornando-a parâmetro para diferenciações raciais, pelas quais buscaram legitimar e justificar a dominação, desumanização e coisificação de índios e negros (Fernandes, 2010, p. 23).

Diante dessas diferenças se manifesta o racismo:

O racismo está ancorado na crença da existência de raças humanas, hierarquizadas e classificadas mediante o contraste de características físicas, psicológicas, morais, intelectuais e estéticas, denotando uma escala de valores para legitimar uma suposta inferioridade e superioridade entre os grupos humanos (Munanga, 2003 *apud* Fernandes, 2010, p. 25).

Desse modo, percebe-se a construção do racismo na sociedade, sobretudo o racismo contra os negros e as dificuldades encontradas para a formação de sua identidade. Fernandes e Souza (2016) pontua que o racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira, pois cria fronteiras simbólicas intransigentes, constituindo binarismo identitários, ou seja, uma identidade do que é "ser negro" contraposta ao que é "ser branco", fundamentadas

em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos (Fernandes; Souza, 2016, p. 28).

Conforme Gomes (2002) “a inferiorização do corpo negro como um instrumento utilizado pelo regime escravista e usado para justificar a reificação do homem negro e encobrir as intenções econômicas e políticas”. De fato, a identidade negra no Brasil foi formulada e marcada historicamente pelo processo de escravização e pela construção social que a inferiorizava. Durante o período colonial, os africanos e seus descendentes foram vistos, predominantemente, como propriedade e subordinados, sendo associados à servidão e ao trabalho forçado.

A respeito da identidade negra, Gomes (2002) ainda expõe ideias importantes sobre a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos:

Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade (Gomes, 2002, p. 39).

A autora afirma que o espaço escolar pode ser uma importante oportunidade de edificar a identidade negra nos indivíduos desde crianças. No processo educativo, a diferença coloca-se cada vez mais de maneira preponderante, pois a simples existência do outro aponta para o fato de que não somente as semelhanças podem ser consideradas como pontos comuns entre os humanos (Gomes, 2002 p. 39).

A autora ainda acrescenta em outra pesquisa sobre a contribuição da educação na construção da identidade negra:

Entre os processos culturais construídos pelos homens e pelas mulheres na sua relação com o meio, com os semelhantes e com os diferentes, estão as múltiplas formas por meio das quais esses sujeitos se educam e transmitem essa educação para as futuras gerações. É por meio da educação que a cultura introjeta os sistemas de representações e as lógicas construídas na vida cotidiana, acumulados (e também transformados) por gerações e gerações (Gomes, 2003, p. 170).

Por sua vez, Hall (2003) aponta questões a serem consideradas na construção da identidade negra:

Somos tentados a exibir o significante "negro" como um dispositivo que pode agregar a todos negros e negras, policiando as fronteiras políticas, simbólicas e posicionais como se fossem genéticas. [...] "*Negro*" não é uma categoria de essência numa direção à homogeneidade, existe um conjunto de diferenças históricas e experiências que devem ser consideradas e que localizam, situam e posicionam o povo negro (Hall, 2003, p. 345).

Essa discussão é impulsionada pela ação política e fortalecimento da consciência negra, promovendo a cidadania e a luta por direitos. A causa negra representa um espaço de resistência e de afirmação cultural, onde a história e as tradições afro-brasileiras são preservadas e celebradas.

Machado (2011) concorda com essa discussão quando diz:

O debate sobre a causa negra surge como parte dos movimentos sociais que se fortalecem em torno dessa identidade negra, da cidadania, seja por meio da politização em torno de uma consciência negra com a sua cultura, intentando marcar uma cidadania diferenciada, cidadãos com direitos e enquanto negros, afirmados pela sua cultura, ou seja, através das suas práticas religiosas, culturais como sua música, suas práticas esportivas como a capoeira e outros (Machado, 2011, p. 204).

Considerando que a identidade negra é formada por um conjunto de experiências/históricas, culturais e sociais que variam amplamente incluindo os atravessamentos coloniais que moldaram as questões raciais presentes nas sociedades contemporâneas, principalmente nos currículos eurocêntricos. Ações que valorizem a cultura e a religião afro-brasileira, bem como práticas antirracistas podem contribuir para uma identidade negra.

Além dessas questões, as novas tecnologias, especialmente as redes sociais, permitem que as pessoas criem e negociem identidades em tempo real. Isso pode resultar em uma maior fragmentação e múltiplas versões de identidade para cada pessoa.

Conforme Galvão (2020), "existe uma identidade nas Tecnologias de Informação e Comunicações". O autor descreve que essa identidade influencia de maneira prática na vida dos usuários, principalmente nas redes sociais, "causando inclusive problemas éticos ou jurídicos" no caso do uso de dados ou elementos confidenciais. Galvão (2020) acrescenta ainda, sobre o ambiente visual:

Os ambientes virtuais são comumente vistos como um outro contexto no qual a pessoa pode se expressar, onde envolve os mesmos problemas clássicos concernentes à identidade pessoal, como o problema da liberdade de expressão e da privacidade. Quanto mais tempo o usuário se dedica em

interações em plataformas, sites ou apps sociais, maior é a identificação que ele terá com seu perfil ou avatar (Galvão, 2020, p. 109).

Apesar dessa afirmação, as identidades formadas a partir das tecnologias da comunicação e informação podem apresentar diferentes identidades. É importante destacar que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, afetadas tanto pelos processos de socialização quanto de globalização dos meios de comunicação e informação” (Teixeira; Ribeiro, 2021 s/p.). Diante dessa afirmação, compreende-se que o avanço das tecnologias tem possibilitado uma interação em diversos aspectos, com diversos propósitos em tempo real. A identidade das pessoas pode ou não ser real, podendo assumir diferentes formas de identificação.

Concordando com alguns apontamentos feitos anteriormente, Souza; Costa (2015 p. 42) expõem que “a nossa identidade reproduz nossa sociedade, permeada por relações de dominação, condições para que ela se fortifique e se renove”. Essa abordagem compreende a identidade como algo que não é intrínseco ou estático, mas sim algo que se constrói e se transforma ao longo do tempo por meio da interação com o ambiente social, com a cultura e com as relações que realizam ao longo da vida.

Ao considerar a identidade como um processo social e uma construção dinâmica, podemos entender melhor a complexidade e a variedade das experiências humanas. Isso também ajuda a reconhecer que a identidade é algo que evolui ao longo do tempo e que pode ser influenciada por muitos fatores externos.

2.1.1 A identidade cultural

Nesse segmento do texto será discutida a ideia de cultura e de multiculturalismos considerados importantes para compreender as mudanças nas identidades das pessoas que constituem a comunidade de Caboto, objeto dessa pesquisa. Nesse sentido, partimos da ideia de Santos (2011), que destaca que “[...] a construção das identidades é marcada por uma intencionalidade que se desenvolve em contextos de relações de poder” e que os processos dessa construção devem ser considerados. Ele acrescenta ainda que o processo identitário envolve “o sentimento de pertencimento a um povo, a uma cultura, nacionalidade, região, religião, grupo, ou a outra forma que a identidade cultural, quase sempre, significou o não pertencer a outro” (Santos, 2011, p. 145).

Santos (2011) apresenta o conceito da formação da identidade cultural a partir das contribuições de Hall (1997), Woodward (2000) e Silva (2000) como relacional. Ele diz que:

Nasce e se desenvolve na relação com o outro. Só afirmamos que somos, a que grupo pertencemos (nação, região, sexo), quando existe um não nós e um outro que não faz parte dos nossos. Só há sentido em afirmar a nacionalidade brasileira, por exemplo, frente a um não brasileiro, caso contrário essa afirmação seria desprovida de sentido. Logo identidade e diferença são indissociáveis. Sem a diferença não há identidade (Santos, 2011, p. 145).

Nesse sentido, quando o autor fala sobre a identidade cultural e a ideia de "nós" e "eles", refere-se à construção de fronteiras figuradas que definem quem pertence a um determinado grupo e quem não pertence. Portanto, a identidade e a diferença se complementam e estão intrinsecamente ligadas na formação das identidades culturais. Conforme Hall (2006, p. 8), a identidade cultural é composta por "aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso 'pertencimento', às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais". É devido a esse processo que a humanidade se forma de múltiplas identidades.

As palavras da participante da festa e São Roque, na entrevista dada a essa pesquisa, demonstram esse sentimento de pertencimento quando afirma que "nós e eles" definem o sentido de sua identidade atual. Ela diz: "(...) eu não sou filha de Caboto, mas, me considero como tal por que eu tenho muito mais da minha vida vivida lá (...), quando me casei e passei a amar o lugar de coração, a terra e as pessoas que tenho e que me cercaram" (Bica, 2024). Compreende-se que a Festa de São Roque, em Caboto, influencia as identidades dos sujeitos que ali chegam e se acomodam no aconchego da religiosidade expressa pela comunidade.

Sobre a cultura, exibe-se a definição de Hall (1997 apud Godoy; Santo, 2014, p. 6) que diz: "toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação". Dessa forma, essa pesquisa apresenta um conjunto de práticas sociais que possuem uma dimensão cultural.

Sobre culturas nacionais, Hall (2006) apresenta uma discussão, dizendo que:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza todas as

nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (Hall, 2006, p. 50).

O autor relaciona as culturas como um mecanismo para compreender a construção das identidades de uma nação a partir de símbolos e representações, assim “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça”, uma cultura nacional pretende associar os indivíduos numa identidade cultural, com o intuito de retratá-los como “pertencendo” à mesma família nacional (Hall, 2006 p. 59).

As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importante. (Hall, 2006, p. 73). Nesse sentido, destaca-se a relevância da identidade cultural nas pequenas comunidades, entendendo sua importância para garantir os sentidos de pertencimento que ocorrem quando há identidade cultural numa sociedade.

Essas diferentes identidades culturais fortalecidas constituem o multipluralismo ou pluralismo cultural, conforme explica Martinazzo,

O multiculturalismo ou pluralismo cultural reconhece, identifica e valoriza o mosaico cultural que se compõe de muitas e diferentes culturas, seja numa localidade pequena, numa cidade ou até mesmo em um país, sem que haja, necessariamente, o predomínio de uma dessas culturas sobre as demais. (Martinazzo, 2010, p. 42)

Em sociedades multiculturais os indivíduos frequentemente possuem identidade formada por múltiplos fatores que refletem a diversidade cultural ao seu redor. Pode-se considerar tanto a identidade individual quanto coletiva. Dessa forma, o multiculturalismo proporciona uma gama de experiências culturais em diferentes lugares envolvendo música, dança, arte, literatura, culinária, religião, entre outros aspectos culturais.

Na comunidade de Caboto, percebe-se a diversidade cultural na Festa de São Roque, pois os sujeitos envolvidos misturam a fé e o lúdico nas expressões culturais. As pessoas estimam os cânticos e hinos em louvor ao santo ao mesmo tempo em que valorizam a brincadeira que mistura o sagrado e o profano com as particularidades da Santa Mazorra, que vamos abordar melhor mais adiante.

Outro aspecto que merece atenção nessa discussão é trazido por Hall (2006) que explica que, devido à globalização, os acessos globais a bens e serviços tem enfraquecido essa pluralidade cultural. Segundo o autor,

[...] os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas" como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante, distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (Hall, 2006, p. 74).

Entende-se o Multiculturalismo como responsável pela valorização e promoção da cultura, incentivando o respeito e a apreciação de diferentes tradições, crenças e modos de vida. Enquanto, as atividades globais têm grande relevância no desenvolvimento da sociedade num processo de integração em termos sociais, políticos, econômicos e culturais, facilitando intercâmbio de bens e serviços, o acesso a informações e cultura. Esses processos podem trazer um grande desafio para a sociedade, à preservação das identidades culturais.

Na próxima subseção, discutiremos sobre o conceito de memória, um elemento essencial para entendermos as questões que envolvem as identidades culturais da comunidade de Caboto.

2.2 SOBRE “MEMÓRIA”

Além de apresentar o conceito de memória à luz dos teóricos e pesquisadores, nesse segmento, o texto tratará da memória enquanto instrumento de registro da identidade e da cultura dos sujeitos participantes dos Festejos de São Roque em Caboto, Candeias-BA.

Segundo *Michaelis* – dicionário online de Língua Portuguesa – memória (sf) significa “a faculdade de lembrar e conservar ideias, imagens, impressões, conhecimentos e experiências adquiridos no passado e habilidade de acessar essas informações na mente”. O dicionário ainda apresenta um significado na área da Psicologia, explicando que é a “função psíquica de um indivíduo de reproduzir um estado de consciência passado e reconhecê-lo como tal”. Ambas as definições

apresentadas são corroboradas pelos estudiosos da questão utilizados nessa investigação.

Sobre a ativação da memória, Pedrazani (2019) expõe que,

A faísca que desencadeia o rememorar pode acontecer pelo contato com um aroma/odor, um sabor, uma imagem, um cenário, um lugar, um som, um acontecimento - que às vezes, como um fecho de luz, rapidamente perpassa os olhos e, sem sabermos o porquê, nos faz voltar a um momento que não nos é claro de maneira imediata, mas que nossa memória nutre e reconstrói. [...] (Pedrazani, 2019, p. 67).

São estímulos que podem evocar lembranças passadas de maneira quase instantânea, muitas vezes, de formas inconscientes e cientes do motivo pelo qual essas memórias estão sendo resgatadas. A memória pode ser ativada por diversos gatilhos sensoriais e como essas lembranças são reconstruídas na mente humana.

Seguindo essas ideias, Assumpção e Castral (2022) explicam que o papel da memória na difusão das experiências implica a formação da identidade. Os autores ainda descrevem que “o passado revisitado no presente pressupõe influências sociais e individuais: fatos e ações que ressoam no presente somado a fatos e ações que acabaram no esquecimento compõem determinado processo de identidade”. (Assumpção; Castral, 2022, p.17). Compreende-se, portanto, que as lembranças que ressoam no presente, juntamente com aquelas que foram esquecidas, contribuem para moldar nossa identidade. Cada experiência vivida, lembrada ou esquecida, contribui para a construção de quem somos no presente, refletindo não apenas nossas experiências individuais, mas também as influências sociais que moldam nossa percepção do mundo e de nós mesmos.

Em concordância com essas questões, Bosi (1994) expõe que:

[...] começa-se a atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (Bosi, 1994, p. 9).

A relação entre o passado e o presente, especialmente no contexto da memória e do corpo, é fundamental para entender como nossas experiências anteriores moldam nosso comportamento e identidades atuais, envolvendo os

aspectos emocionais, físicos e culturais. Diante disso, concordamos com Tolentino (et al) quando nos explicam que:

As memórias constituem a nossa capacidade de perceber e reunir experiências, saberes, sensações, emoções e sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar. Elas são essenciais a um grupo porque estão atreladas à construção de sua identidade. São o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de continuidade e de experiência, isto é, de identidade (Tolentino *et al.*, 2013, p. 7).

Dessa forma, a memória desempenha um papel crucial na formação da identidade individual e coletiva de uma comunidade. Ela não apenas armazena experiências passadas e conhecimentos acumulados, mas também ajuda a moldar a compreensão de quem somos como indivíduos e como grupos. A memória constrói a narrativa da nossa vida, permitindo que lembremos e façamos sentido de nossas experiências passadas. Essas memórias formam a base da nossa identidade pessoal, ajudando-nos a entender quem é e como se chega ao ponto atual.

Há um interesse no registro do histórico das identidades da comunidade de Caboto através dessa pesquisa, pois, ao apresentar as memórias dos participantes dos festejos de São Roque, constituímos o assentamento das lembranças do passado que a todo tempo é lembrado como base para a organização dos Festejos no presente. As comparações, as mudanças e até mesmo as renovações ocorridas nas etapas dos festejos afirmam como as memórias registram as identidades dos sujeitos e da comunidade de Caboto.

Conforme Le Goff (2013), a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Diante do exposto, entende-se que a memória pode produzir a identidade de uma comunidade, de forma individual ou coletiva transmitindo impressões do passado para as gerações futuras.

De acordo com o autor, a memória individual permite que cada pessoa construa sua própria narrativa pessoal, baseada em suas experiências, valores e relações pessoais. Essas memórias individuais contribuem para a formação da identidade pessoal e influenciam as escolhas e ações ao longo da vida. Enquanto a memória coletiva refere-se ao conjunto de experiências, histórias e tradições compartilhadas por um grupo ou comunidade. Essas memórias coletivas ajudam a definir a identidade cultural de uma comunidade, transmitindo valores, crenças e

heranças culturais de uma geração para outra. Elas fortalecem os laços sociais, promovem o senso de pertencimento e proporcionam um contexto para entender o presente e planejar o futuro.

Observamos essas concepções no relato de uma entrevistada ao referir-se às memórias de sua participação nos festejos de São Roque quando ainda era jovem: “O interesse da gente era muito grande, não só pela festa religiosa, mas também a festa profana, ou seja, a festa dançante, a queima de fogos que era o ponto alto da festa que hoje não temos mais” (Bica, 2024). Essas lembranças podem reviver esse aspecto da festa que há algum tempo havia esquecido, mas que pode retratar uma saudosa satisfação para os sujeitos participantes da festa do padroeiro de Caboto.

Peres (2021) retrata em seu estudo sobre a construção da memória coletiva a partir da reflexão de Halbwachs (1990):

As memórias são construídas ao longo do tempo pelos grupos sociais, já que as pessoas lembram no sentido literal e físico dos acontecimentos, porém é na coletividade que vai determinar o que vai ser lembrado. Portanto quanto mais forte seja o grupo social, mais forte vai ser as memórias, já que são os grupos que estamos inseridos é que estruturam nossa memória e as rememorações vem de acordo com a vivência do tempo que se vive, seria como recordarmos uma imagem do passado, e ela seria a impressão deixada pelos acontecimentos ocorridos e permanece fixada na memória das pessoas (Peres, 2021, p. 72).

A construção da memória coletiva é um processo complexo que envolve a interseção de várias forças sociais, culturais, políticas e históricas. A memória coletiva refere-se às lembranças compartilhadas por um grupo que formam parte essencial de sua identidade e união social. As histórias e mitos contados dentro de uma comunidade ajudam a formar a memória coletiva. Essas narrativas podem ser transmitidas oralmente, através de literatura, ou por outros meios de comunicação, reforçando um senso comum de identidade e propósito. Nesse sentido, festas, eventos, celebrações e festividades, bem como rituais e outras cerimônias culturais como a festa de São Roque, também contribuem para a memória coletiva, conectando indivíduos a uma narrativa mais ampla da comunidade. Assim,

[...] O papel da memória é tradicionalmente valorizado entre os mais velhos, assim como suas lembranças constituem patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com as novas gerações, sejam crianças ou adultos. Ao velho e ao antigo cabe, na sociedade tradicional, papéis e padrões comportamentais apoiados no valor da respeitabilidade [...] (Magalhães, 2009, p. 1 *apud* Fialho, 2020 s/p).

Geralmente, são os mais velhos quem detêm o conhecimento das histórias familiares que compõem o acervo de informações orais difundidas entre as gerações. Portanto, a memória desempenha um papel fundamental na produção e transmissão da identidade de uma comunidade, tanto de forma individual quanto coletiva, permitindo que as notas do passado sejam preservadas e compartilhadas com os descendentes. Nesse sentido, essa pesquisa se baseia nas memórias de moradores da comunidade de Caboto que participam ou participaram da festa de São Roque com vista a perpetuar as lembranças de como ocorria à festa no período da mocidade dessas pessoas, dando assim, significado para a identidade cultural desse povo.

Sobre a função da memória, Bosi (1994) explica:

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida (Bosi, 1994, p. 46-47).

A esse respeito, Bosi (1994) revela, através dos estudos de Bergson, a ação de duas memórias, a memória-hábito e memória-lembrança:

O passado conserva-se e além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamentos de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memórias dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, particulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. A imagem-lembrança, constituída por rememorações isoladas, vocativas, que ocorrem independentes de qualquer hábito. Essa última, por ser inconsciente e individualizada, é considerada por ele como a verdadeira memória, pois o passado estaria aí, vivo para “*souvenir*”, vir à tona, constituindo-se em autênticas ressurreições do passado. As lembranças, nesse caso, poderiam ser buscadas no inconsciente para serem atualizadas, no presente (Bosi, 1994, p. 48).

Segundo os estudos de Bergson, apresentados por Bosi (1994), a memória-hábito garante as lembranças de hábitos de como “comer segundo as etiquetas, o escrever, o falar uma língua estrangeira, dirigir um automóvel, costurar, etc”. Através dessas memórias compõem-se o “adestramento cultural” (Bosi, 1994 p. 49). Enquanto a memória – lembrança tem “data certa” e refere-se a “uma situação

definida”. São as repetições das atividades cotidianas que com as lembranças do passado reformulam a cultura presente.

Assim, a memória serve como uma ponte essencial entre o passado e o presente, facilitando a transmissão de valores e conhecimentos de geração em geração. Por meio dessa transferência formal e informal, instituições escolares, religiosas, associações culturais, entre outras, formalizam e perpetuam elementos culturais, garantindo que a herança cultural que se mantém viva e relevante na sociedade atual. Sendo assim, a memória atua não apenas como um registro do passado, mas também como um alicerce essencial para a continuidade e a evolução da cultura. Dessa forma, faz-se necessário discutirmos na próxima subseção sobre a construção social da memória buscando relacionar sua ação na sociedade.

2.2.1 A construção social da memória

Nessa subseção serão apresentadas proposições a respeito da construção da memória social e como essa memória circula na sociedade e quais seus efeitos. Poderemos identificar por meio da pesquisa a reconstrução da memória social existente na comunidade de Caboto ao longo dos anos.

Segundo Halbwachs (1990 *apud* Torino, 2013, p. 36), “[...] a teoria científica diz que o ser humano não lembra sozinho. Isso significa que nossa memória e lembranças são produtos da sociedade em que vivemos”. Sobre a possibilidade da existência de uma memória estritamente individual, o teórico é enfático em assegurar: “só temos capacidade de nos lembrar de quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais corrente do pensamento coletivo” (Halbwachs, 1990 *apud* Torino, 2013, s/p).

Para Peter Burke, a memória social é “uma forma útil e de simplicidade que resume o complexo processo de seleção e interpretação em uma fórmula simples, e enfatiza a homologia entre os meios pelos quais se registra o passado” (Burke, 2000, *apud* Mota, 2019, p. 235). Porém, o termo transporta alguns problemas tais como, as relações entre o pensamento individual e o de grupo para alguns pesquisadores que podem ser indiferentes do que para outros, pois cada indivíduo tem acesso ao passado como ao presente via categorias e esquemas. (Burke, 2000, p. 71-73 *apud* Mota, 2019, p. 235).

Aqui valem as explicações dadas por Halbwachs (2004) sobre a memória individual a partir de sua dimensão social, relacionada aos grupos sociais. Segundo ele:

[...] as memórias individuais se constituem a partir de “quadros” fornecidos – ou impostos – pelo meio sociais. Esses são os chamados “quadros sociais da memória”, que funcionam como pontos de referência para a construção subjetiva de lembranças. Eles determinam o que deve ser lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado pelos indivíduos. A contextualização realizada pelos quadros sociais inclui, ainda, a padronização social do tempo e do espaço, dimensões fundamentais da experiência humana. (Halbwachs, 2004 *apud* Rios, 2013, p.6).

Ao integrar os "quadros sociais" a um "sistema de representações", o autor enfatiza que as memórias são formadas por imagens e esquemas do passado que são adquiridos e compartilhados na convivência social, como na família, no grupo profissional ou na classe social. Isso ressalta a natureza coletiva e social da memória, mostrando como as lembranças individuais são interdependentes e influenciadas pelo contexto social mais amplo. Esse ponto de vista sobre a memória individual como uma construção social é crucial para entender como as lembranças são formadas e compartilhadas dentro dos grupos sociais.

Nesse sentido, as lembranças só ocorram a partir dos “quadros sociais da memória”, tendo como menções às “estruturas simbólicas e culturais do grupo”, mesmo que se assemelhe resultado de sentimentos, pensamentos e experiências, exclusivamente pessoais (Halbwachs, 2004 *apud* Torino, 2013). O autor denomina a essa abordagem como memória coletiva, a qual:

[...] Assim, como uma construção social, essa memória é seletiva, pois o indivíduo pode recordar somente aquilo que considera importante para seu grupo, reivindicando a sua formação identitária a partir dessas experiências coletivas. A memória coletiva seria, assim, uma memória partilhada por um grupo, um povo, uma nação, constituindo e modelando a identidade, a particularidade, a inscrição na história do grupo relacionado (Halbwachs, 2004 *apud* Torino, 2013, s/p.).

A memória coletiva fica evidente em falas das pessoas da comunidade e uma entrevistada deixa isso explícito quando ela envolve outros participantes a fim de validar sua memória individual: “Nessa época eu vi é o respeito e a fé é muito grande do povo, eram pessoas simples, assim como todos nós, mas eram pessoas que tinha muito respeito” (Bica, 2024). Essa afirmação refere-se ao que a

entrevistada guarda de lembrança dos Festejos de São Roque na sua juventude, denota que atualmente não vê a mesma importância dada a essa manifestação cultural/religiosa.

Bosi (1994) analisa a construção social da memória de forma ampla considerando as lembranças pessoais em relação à construção da memória coletiva, ou seja, a memória grupal. De acordo com o autor,

Um dos aspectos mais instigantes do tema é o da construção social da memória. Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros "universos de discurso", "universos de significado", que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos. No outro extremo, haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações. A rigor, o efeito, nesse caso, seria o de esquecer tudo quanto não fosse "atualmente" significativo para o grupo de convívio da pessoa. É o que sucede às vezes: os fatos que não foram testemunhados "perdem-se", "omitem-se", porque não costumam ser objeto de conversa e de narração, a não ser excepcionalmente [...], (Bosi, 1994, p. 66-67).

A autora ainda acrescenta que “quando o sujeito os evoca” algum fato, não encontra “o apoio contínuo dos outros, é como se ele estivesse sonhando ou imaginando; quando não nos confundimos, sempre que devemos falar de um fato que só foi presenciado por nós, ou que sabemos por ouvir dizer” [...] (Bosi, 1994, p. 67). Dessa forma, compreende-se que quando a memória não é coletiva, ou seja, é individual pode ser confundida com um sonho, já que não tem testemunhas que confirmem essas lembranças.

Considerando que lembrar o passado é aprender e entender o que viveu e como viveu, compreende-se que com as identidades culturais a memória transmite ensinamentos que foram aprendidos no passado e se atualizam no dia a dia com o contato de novas culturas. Dessa forma, “A memória é um fragmento do evento e continuidade do que passou. Por isso, o sentido das identidades consiste nos arranjos e rearranjos dos pedaços e fragmentos do passado” (Gomes; Oliveira Junior; Araújo, 2013, p.11). Os autores ainda afirmam que “a memória dirige a vida de cada um de nós. A importância da memória coletiva no que diz respeito ao ato individual de lembrar é tão poderosa, que os fatos e noções mais fáceis de lembrar são os de domínio comum” (Gomes; Oliveira Junior; Araújo, 2013, p.11).

A lembrança em extensa medida é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, organizada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (Halbwachs, 1990 *apud* Torino, 2013). Ao evocar uma memória, estamos constantemente reinterpretando-a com base em nossas experiências atuais e nas influências sociais e culturais que nos cercam.

Além disso, a memória é moldada por reconstruções anteriores, sugerindo que cada lembrança é uma camada sobreposta de interpretações passadas. Isso ressalta a natureza dinâmica e fluida da memória, mostrando como ela está sujeita a mudanças e distorções ao longo do tempo. Bosi (1994) acrescenta que a lembrança é uma imagem edificada pelos materiais que estão disponíveis, no conjunto de representações que formam a consciência atual.

As lembranças individuais são experiências pessoais e subjetivas que cada membro de um grupo carrega consigo. Essas memórias, quando compartilhadas dentro do grupo, contribuem para uma compreensão comum do passado. A memória coletiva, por outro lado, é construída através da interseção dessas lembranças individuais, moldadas e fortalecidas por narrativas, tradições, rituais e instituições sociais. Ela representa uma memória comum que transcende as experiências pessoais e é mantida e transmitida através das gerações.

Entende-se, portanto, a importância de registrar a memória dos idosos participantes dos festejos de São Roque. Através das memórias coletivas podemos perceber as representações sociais que são promovidas pelos festejos de São Roque quando reconhecemos as mudanças de identidade dos sujeitos, na quantidade de sujeitos que deixaram de participar dos festejos, no aumento de evangélicos na comunidade e ainda o fluxo de moradores, pessoas que chegam e outras que se mudam da comunidade por vários motivos.

Nesse sentido, a memória desempenha um papel crucial na formação da identidade, tanto a nível individual quanto coletivo. É um instrumento poderoso que ajuda a construir e manter um senso de continuidade e coerência ao longo do tempo transmitida pelas gerações de um povo. Assim, a construção da memória social e coletiva é essencial para a coesão e a identidade de qualquer grupo social, permitindo que seus membros se conectem com um legado comum e se fortaleçam mutuamente através de uma compreensão compartilhada de sua história e cultura.

Ao lembrar e revisitar experiências passadas, tanto pessoais quanto compartilhadas, as pessoas e os grupos podem reafirmar sua história e sua narrativa coletiva, fortalecendo assim seu senso de identidade e pertencimento através de várias linguagens, assim é com os sujeitos da comunidade de Caboto.

Dessa forma sentimos a necessidade de discutir na próxima subseção sobre a relação da linguagem com a identidade dos grupos sociais.

2.3 SOBRE A “LINGUAGEM”

Nessa subseção, busca-se discutir como ocorre a relação da linguagem e a cultura, reafirmando que, através da linguagem, o sujeito apresenta sua identidade e o grupo social a que pertence. Souza e Costa (2015) nos asseguram que é por meio “da linguagem que podemos falar, explicar, acreditar na realidade com a qual temos contato e fazer afirmações baseadas em fatos científicos ou senso-comum”, permitindo conhecer um dado local ou grupo social. Os autores ainda explicam que com “essas impressões e na forma que nos relacionamos com essas informações, é admissível construir representações do que é o mundo, permitindo tratá-la como mediadora dessa relação.” (Souza; Costa, 2015, p. 43).

Para sustentar as discussões sobre linguagem considerou-se os estudos de Bakhtin, em que o teórico, conforme explicam Necke e De Melo (2017, p. 5) “[...] defende que a natureza da linguagem tem relação com o social, o histórico e o ideológico, ou seja, a realidade fundamental da língua é a interação verbal”. Na busca por entender a linguagem como meio de comunicação, Bakhtin, segundo os autores, diz que “[...] ela [a linguagem] só pode ser analisada na sua complexidade quando considerada como fenômeno sócio-histórico-ideológico realizado por meio da enunciação que emerge da comunicação verbal concreta” (Necke; De Melo, 2017, p. 5). Isso significa dizer que a linguagem permeia todas as esferas da experiência humana, sendo fundamental para a compreensão das interações e das identidades culturais. Essa perspectiva permite identificar as dinâmicas culturais e as pertencas de uma comunidade, revelando como as narrativas e memórias refletem e constroem sua identidade.

Diante do exposto, o estudo dessa categoria permitirá compreender a importância dada às diferentes linguagens que aparecem na pesquisa, valorizando palavras, expressões, cânticos, hinos, músicas, entre outras linguagens próprias dos

sujeitos, como aspectos identitários dos participantes dos festejos de São Roque e dos moradores de Caboto. Nas peças de linguagem dessa manifestação da cultura popular, marcas identitárias, muitas vezes entendidas como “erros” frente à norma culta da língua, evidenciam resistências linguísticas a essa norma imposta por uma cultura homogeneizante e eurocêntrica, assim como fornecem pistas acerca das marcas de línguas africanas trazidas pelos escravizados e que constituem o que se entende por “português brasileiro”. Para as políticas linguísticas, isso representa um movimento “in vivo” em contraposição aos ordenamentos políticos “in vitro” organizados pelos agentes políticos de gestão da língua (Calvet, 2007).

Orlandi (2011), explica a relação social da linguagem, esta, constituidora do próprio sujeito, sendo, igualmente, por ele constituída. Nas palavras da autora,

Considerando-se ainda, no estudo da linguagem, o processo que reúne o eu e o outro, na simultaneidade falante-ouvinte, podemos chegar à articulação social entre interlocutores e deriva daí a possibilidade de se apreender a ilusão subjetiva que muitas vezes está refletida, e não criticada, nas teorias linguísticas: o sujeito que produz linguagem também está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso, quando, na realidade, retoma um sentido preexistente (Orlandi, 2011, p. 26).

Pode-se considerar, a partir das reflexões proporcionadas pelos autores citados, que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta fundamental para a construção da realidade e da identidade dos sujeitos, possibilitando que comuniquem suas ideias, emoções e experiências. A linguagem vai além da fala e da escrita, envolvendo também gestos, expressões faciais e corporais, além de outros meios de comunicação não verbal. Dessa forma, a linguagem é uma ponte entre o sujeito e o mundo, influenciando e sendo influenciada pela interação social, identidade, cultura entre outros aspectos.

Bakhtin estuda a linguagem em seus contextos de produção, isto é, ele considera a linguagem no seu aspecto social, na interação entre os sujeitos e em suas intenções discursivas. Assim, a linguagem é organizada a partir do que ouvem e repetem, seja no convívio familiar, escolar ou em sua comunidade, composto por uma interlocução entre indivíduos, que é ideologicamente organizada. A essa prática Bakhtin chama de enunciação, na qual a linguagem conduz a comunicação e a interação social por meio dos diálogos.

Bakhtin destaca a inadequação dos procedimentos de análise linguística estrutural (aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos) para compreender a

enunciação completa, seja ela uma palavra, uma frase ou uma sequência de frases. Para Bakhtin (2006, p. 9), a enunciação, entendida como uma réplica do “diálogo social”, é a unidade básica da língua, seja no discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ele enfatiza que a enunciação é de natureza social e, portanto, ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor possui um “horizonte social”.

Bakhtin valoriza a fala, mas ressalta que a enunciação não se limita apenas à fala, pois também ocorre na escrita e está sempre relacionada às práticas de linguagem. Ele afirma que a enunciação tem uma natureza social, não individual no seu pensamento afirma que a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, portanto vinculadas às “estruturas sociais”.

Essas ideias de Bakhtin são fundamentais para a análise das memórias dos participantes dos festejos de São Roque, pois permitem compreender como as interações verbais e escritas refletem e constroem as pertencas culturais da comunidade de Caboto. A enunciação, sendo social e ideológica, oferece um meio para investigar como os indivíduos dentro dessa comunidade comunicam e perpetuam suas identidades culturais e suas ideologias por meio da linguagem, tanto nas práticas cotidianas, quanto nos eventos festivos. A partir da enunciação, políticas linguísticas advindas das negociações “informais” do cotidiano operam valores e intenções culturais e identitários que demarcam e fortalecem o pertencimento a uma determinada comunidade.

Ainda analisando as ideias de Bakhtin, Necke e De Melo (2017) acrescentam que,

[...] vale destacar o entendimento de Bakhtin para o conceito da realidade concreta da língua: o enunciado. Para o autor, ele é sempre uma réplica de um diálogo, ou seja, trata-se da realidade da língua que não existe fora das relações dialógicas. O seu limite depende sempre da resposta do outro ou ainda pode-se dizer que todo enunciado é sempre uma réplica e nele estão sempre inseridas as recusas, as concordâncias, as lembranças de outros enunciados que o constituem como realidade linguística (Necke; De Melo, 2017, p. 10).

O diálogo é, de fato, um elemento essencial na construção da identidade social e pessoal. Por meio da interação com os outros, os indivíduos ampliam uma compreensão de si mesmos e do mundo ao seu redor. A linguagem, como principal ferramenta de comunicação, desempenha um papel fundamental nesse processo.

Através dela, os indivíduos não só se comunicam, mas também se compreendem e se posicionam no mundo, transferem conhecimentos e valores culturais através das gerações, fortalecem suas crenças e ideologias, além de constituírem e legitimarem as identidades individuais e coletivas.

Conforme Lemke (2008), o “artefato simbólico” situado na linguagem fiança ao sujeito a chance de erguer o mundo e suas “relações sociais”,

O artefato simbólico presente na linguagem garante ao indivíduo a oportunidade de construir o mundo e suas relações sociais, e é nessa conjuntura que se forma a identidade. Talvez seja essa uma das prerrogativas para a LA se enveredar na pesquisa sobre o tema, já que é pelo atributo da comunicação entre pessoas que a identidade se articula. Afinal, perscruta-se a identidade a partir da ação de linguagem que pessoas em comunicação socialmente realizam. Logo, é buscado, como interpretação, o registro histórico de amparo desse consenso coletivizado no ato linguístico, mesmo que, em muitos casos, não deixe de haver estereótipos, segregações e classificações enrijecidas (Lemke, 2008 *apud* Frank; Conceição, 2021, p. 14).

O artefato simbólico de que o autor fala desempenha um papel decisivo na construção e na expressão das pertencas culturais e identitárias dos indivíduos de uma comunidade. É a partir da linguagem, em suas práticas cotidianas ou específicas de algum evento que os discursos são moldados e reforçados na comunidade. Partindo dessa perspectiva, essa pesquisa observa as memórias dos participantes dos festejos de São Roque e suas manifestações linguísticas, procurando entender os discursos de pertencimento e construção de uma identidade cultural da comunidade de Caboto.

Os estudos da linguagem se interessam por esse tema porque é pela interação comunicativa entre pessoas que a identidade se articula. A identidade cultural é analisada a partir da ação de linguagem que indivíduos em comunicação socialmente realizam. Assim, busca-se interpretar o registro histórico de como esse consenso coletivizado se manifesta no ato linguístico, mesmo que, em muitos casos, coexistam estereótipos, segregações e classificações enrijecidas (Lemke, 2008 *apud* Frank; Conceição, 2021, p. 14). Dessa forma, ao estudar as memórias dos festejos de São Roque, entendemos como os artefatos simbólicos da linguagem contribuem para a construção das identidades culturais e sociais da comunidade de Caboto, revelando tanto as dinâmicas de inclusão quanto as de exclusão presentes nessas interações.

Os participantes dos festejos de São Roque, a fim de agregar outros participantes, procuram divulgar as etapas da festa para pessoas que chegam à comunidade, seja a passeio ou para morar. Alguns conhecem Caboto pelas redes sociais ou por fotos de conhecidos. Além disso, todos os domingos ocorre a celebração em louvor a São Roque, com o intuito de manter viva a fé dos que frequentam a igreja e ainda comunicam aos que chegam à comunidade a cultura local e a devoção ao santo protetor. Através dessas práticas de linguagens são sustentadas as interações entre as pessoas da comunidade e os visitantes, pois muitos participam da celebração.

Nesse sentido, a identidade surge em “virtude da interpretação do sentido” ligada pelo interlocutor durante “atos comunicativos”, ou quando esse “interlocutor traz um parecer sobre dada relação social” (Soares, 2006 apud Frank; Conceição, 2021, p.16). A linguagem, como parte integral da identidade individual e cultural dos indivíduos, reflete e constrói a cultura, permitindo a transmissão de tradições, valores e conhecimentos de geração em geração. Através da linguagem, os indivíduos se unem e interagem com outros, principalmente, quando fazem contato com outras pessoas com uma nova língua, com novas culturas, essa ação facilita a formação das relações sociais.

Segundo Frank e Conceição (2021),

As pessoas falam de um lugar e levam em conta suas profundas ligações particulares com esse ambiente, incluindo formas de linguagem/cultura ali presentes. Há uma atribuição qualitativa desse lugar social para o que dizem. As variedades linguísticas fazem movimento orgânico e enunciam lugares (sociais) ao serem usadas por pessoas que lhes fazem referência (Frank; Conceição, 2021, p. 20).

Nesse movimento de usar a língua conforme o contexto social (cultura, região, status social etc.), surge maneiras diferentes de falar uma mesma língua, que a linguística entende por “variedades” dessa língua. As variações linguísticas estão profundamente interligadas à identidade cultural, pois representam manifestações linguísticas singulares de cada comunidade linguística (Lima; Vieira, 2017, p.40). Essas variações não são meramente diferenças na fala, mas sim expressões de valores, tradições e histórias que moldam a identidade de um grupo. A linguagem, nesse contexto, torna-se um marcador poderoso de pertencimento a um grupo cultural.

Sabe-se que “variação linguística” ocorre com a língua em determinados espaços e tempo, podem se apresentar como “variação geográfica”, “variação social” e “variação estilística”. Referem-se, respectivamente, as diferenças linguísticas observáveis entre falantes oriundos de regiões distintas de um mesmo país ou de diferentes países; a organização socioeconômica e cultural da comunidade; e os contextos socioculturais que exigem maior formalidade. (Görski; Coelho, 2009 p. 75-78). Ao falar uma determinada variação linguística, os indivíduos reforçam não apenas a comunicação específica do grupo ao qual pertencem, mas também a identidade cultural e o sentimento de comunidade. Essa conexão entre linguagem e identidade é visível em diversos aspectos da vida cotidiana e das interações sociais. Os festejos de São Roque, em Caboto, por exemplo, servem como um espaço onde as variações linguísticas, oriundas do contato histórico entre as línguas africanas e indígenas, com o português, são vividamente expressas e celebradas. Durante esses eventos, as narrativas, cânticos e expressões locais não apenas comunicam informações, mas também reafirmam as tradições e a coesão do grupo.

Através da linguagem, os membros de uma comunidade podem transmitir e perpetuar seus conhecimentos, valores e costumes, de geração em geração. Essa transmissão é essencial para a preservação da identidade cultural da comunidade. Além disso, a linguagem pode servir como uma barreira ou um ponto de inclusão, definindo quem é considerado parte do grupo e quem está fora dele. Variações linguísticas locais, por exemplo, podem diferenciar membros da comunidade de forasteiros, criando um sentido de exclusividade e solidariedade entre os falantes.

Em um contexto de globalização e migração, a preservação das variações linguísticas locais se torna ainda mais significativa. Elas são um sustentáculo contra a homogeneização cultural e uma forma de resistência que protege e valoriza a diversidade cultural. As variações linguísticas, portanto, são mais do que meros elementos de comunicação; são símbolos de identidade e pertencimento que desempenham um papel crucial na manutenção das tradições culturais e na construção do sentimento de comunidade.

No estudo das memórias dos participantes dos festejos de São Roque, é essencial considerar como as variações linguísticas refletem e reforçam as pertencas culturais da comunidade de Caboto. Ao analisar as narrativas e discursos presentes nesses eventos, podemos compreender melhor como a linguagem atua

como um veículo de identidade cultural, fortalecendo os laços comunitários e perpetuando a herança cultural.

A linguagem, como mediadora das interações humanas, também é veículo de manifestação e manutenção da memória. Quanto a essa questão, Sampaio (2015) demonstra como a linguagem interage com a memória:

[...] A linguagem é responsável pela construção dos nossos conhecimentos e ao mesmo tempo ela é conhecimento. Nós reconstruímos discursivamente a memória com nossas práticas. Dessa forma, linguagem e memória são duas formas constituídas de conhecimentos. Tudo o que está conservado na memória ocorre por meio da linguagem e suas práticas sociais e interativas. Para recordarmos um evento, uma informação, um fato, ao evocar uma palavra ou usar uma estratégia cognitiva para realizar uma tarefa, a linguagem entra em ação porque estamos sempre utilizando os conhecimentos verbalmente, escrito ou não, para (re)significar aquilo que aprendemos (Sampaio, 2015, p. 407).

Dessa forma, a memória precisa da linguagem porque ela é construção ativa do pensamento e não mero registro passivo de acontecimentos que ocorrem numa ordem cronológica. Esses instrumentos serão de extrema importância para verbalizar as narrativas descritas nessa pesquisa.

Portanto, para manter a memória viva como cultura de uma comunidade, faz-se necessário a utilização da linguagem para a transmissão desses conhecimentos. O autor explica, através das palavras de Foucault, dizendo que:

Através da linguagem, podemos “checar” e “(re) constituir” memórias próprias e alheias, do presente e do passado. Pela linguagem, a memória se constitui num ato de reflexão sobre seus conteúdos e formas cada vez que os evoca e é a partir da linguagem que podemos transformar em novo o retorno do evento (Foucault, 1969 *apud* Cruz, 2006, p. 605).

Nesse sentido, a linguagem exerce um papel fundamental na construção e reconstrução das memórias, tanto pessoais, quanto coletivas. Através dela, somos capazes de conferir significados às experiências, refletir sobre elas e compartilhá-las com os outros. Cada vez que evocamos uma memória, estamos envolvidos em um ato de reflexão e reinterpretação, moldando-a de acordo com nossas perspectivas e contextos atuais. Portanto, a linguagem não só nos permite acessar nossas memórias, mas também transformar e reinterpretar constantemente o passado refazendo, no tempo presente, as ideologias e identidades individuais e coletivas.

A identidade, a memória e a linguagem são pilares fundamentais na perpetuação da cultura de um lugar. Essas questões interagem de maneiras complexas para garantir que os valores, tradições e conhecimentos de uma comunidade sejam transmitidos de geração em geração. A identidade proporciona um senso de pertencimento e continuidade, a memória mantém viva as experiências e conhecimentos passados e a linguagem atua como o principal meio de transmissão cultural. Juntas, essas forças garantem que a cultura não apenas sobreviva, mas também floresça e evolua ao longo do tempo.

Com a linguagem, a memória também pode ser narrada para outras pessoas dando vida a histórias do sujeito e do seu grupo social, transmitindo seus costumes e suas crenças. Nesse sentido, essa seção fundamenta a teoria da pesquisa Fé e linguagens: ressignificando o patrimônio cultural do povo de Caboto em Candeias-BA.

Na próxima seção, será apresentado o Percurso percorrido da pesquisa, a metodologia, que descreve o campo de pesquisa e seus sujeitos, como aconteceu as entrevistas, quem são os sujeitos da pesquisa e como se deu a análise dos dados enfim todo o processo desse estudo baseado nas memórias dos participantes da Festa São Roque em Caboto, Candeias - BA.

3 SEÇÃO II – PERCURSOS DA PESQUISA

Nessa seção, o texto apresenta os mecanismos usados para desenvolver a pesquisa, o tipo de pesquisa, os métodos utilizados, o “cenário” da pesquisa e os contextos e quem são os sujeitos da pesquisa, com o objetivo de situar o leitor quanto ao roteiro de investigação e levantamento de dados realizado durante esse estudo.

3.1 TIPO E MÉTODOS DE PESQUISA

A investigação desenvolveu-se através de um caráter exploratório de pesquisa com “[...] objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema [...]. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a importância dos mais variados aspectos relativos ao evento estudado”. (Gil, 2002, p. 41). O mesmo autor acrescenta que “boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como estudos bibliográficos” (Gil, 2002, p. 44). A etapa bibliográfica da pesquisa contou com o levantamento de fontes teóricas a fim de explorar os conceitos utilizados para o entendimento dos fenômenos estudados na investigação.

A pesquisa também se trata de uma investigação documental, uma vez que envolve materiais existentes que não são do campo acadêmico científico, como documentos diversos, notícias, fotos etc. Segundo Gil, “Os documentos constituem fonte rica e estável de dados” (Gil, 2002, p. 46). O autor explica também que, como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica. Portanto, essa pesquisa valorizará toda fonte documental disponível que contribua para registrar as memórias dos participantes e dos festejos de São Roque.

A fim de investigar a origem dos festejos de São Roque e sua atualização ao longo dos anos, foi necessário o reconhecimento das memórias dos participantes da festa como elemento de perpetuação cultural do território. Nesse sentido, buscamos algumas dessas memórias através de entrevistas e depoimentos de cinco anciãos e anciãs, ainda residentes ou não em Caboto, que vivenciaram durante anos a Festa de São Roque. Incluem-se aqui os relatos de memória da pesquisadora como sexta integrante do grupo de sujeitos da pesquisa.

Buscou-se uma abordagem qualitativa na análise dos dados levantados para uma melhor compreensão dos significados dos eventos, sem a necessidade de apoiar-se em informações quantitativas e estatísticas. Segundo Araújo e Oliveira (1997), a pesquisa qualitativa se desenvolve:

[...] numa situação natural, é rica em dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada (Araújo; Oliveira, 1997, p.11).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa é a mais indicada para atingir os objetivos dessa pesquisa, pois, mais do que apontar a quantidade de pessoas que participam da festa ou qualquer outra informação numérica, interessa entender quais foram as representações identitárias propiciadas nesse estudo para obter uma análise mais legítima e detalhada do problema. A análise ainda revelará as memórias dos participantes, a relação de suas recordações como elemento cooperador para a continuidade das manifestações culturais de Caboto.

3.2 CONTEXTO E SUJEITOS DE PESQUISA

A festa de São Roque possui características atuais que se modificaram com o passar dos anos. A festa acontece há vários anos no distrito de Caboto, do município de Candeias, no Recôncavo Baiano. Gilmar de Oliveira (2008) em seu Blog Ambiental, conta a história do distrito de Caboto da seguinte forma:

Para promover o povoamento das terras do Brasil de forma lucrativa, para os portugueses, resolveram-se doar sesmarias (imensos lotes de terras) de tamanhos variáveis. Em Candeias, a primeira sesmaria foi concedida em Caboto, em 1560, ao português Sebastião Álvares, Homem influente que ostentava o título de cavaleiro da casa do rei de Portugal. De acordo com o historiador Jair Cardoso, a região de Caboto foi uma das primeiras da Bahia e do Brasil a assistir ao florescimento da economia açucareira; foi aqui onde tudo começou, onde escravos trazidos da África pelos portugueses eram obrigados a trabalhar nos engenhos de cana-de-açúcar. O açúcar, na época, custava caro, e era de grande aceitação nos mercados europeus. O Distrito é herdeiro da antiga freguesia que no passado tinha duas irmandades: uma composta de negros e outra composta de brancos. Nos anos de 1970, mesmo com algumas indústrias que se instalaram no local, muitos dos moradores continuam valorizando as atividades pesqueiras, pois grande parte dessas indústrias tem pouco valorizado a mão de obra dos moradores desse distrito, semelhantemente, também os moradores de Candeias, que vem enfrentando os mesmos problemas. A partir do meado do Século XVI, em terras conhecidas como Matoim, originou-se o município

de Candeias onde, Matoim era uma sesmaria muito importante naquela época, pois, ali abrigava os Engenhos de Caboto e freguesia, oriundos das terras dos Engenhos Pitanga e da Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do Passé. O ciclo da cana-de-açúcar foi um marco dessas localidades, etapa fundamental na formação da Bahia, principalmente do Recôncavo. Nas proximidades do Engenho freguesia, desenvolveu-se o lugarejo chamado Caboto, cujas atividades principais eram o transporte de açúcar para a capital, pequeno comércio e a pesca (Oliveira, 2008, s/p).

Apresentamos o mapa da localização do distrito de Caboto na Baía de Aratu na figura abaixo:

Figura 1 - Baía de Aratu



Fonte: Wikipedia.

Atualmente, o distrito de Caboto consiste em uma pequena vila de pescadores sendo um dos distritos com maior potencial turístico de Candeias. Apresenta uma culinária bastante procurada em restaurantes e bares na beira mar, bastante frequentado em datas comemorativas e fim de semanas e durante a semana é cenário para almoços, reuniões e confraternizações de empresas situadas na Baía de Aratu e adjacências.

O distrito é ponto de traslado para Ilha de Maré, no qual embarcam estudantes, trabalhadores e turistas todos os dias na enseada de Caboto. O lugarejo também possui três pousadas. Apesar dos atributos turísticos a vila segue sem um desenvolvimento estrutural adequado para receber os visitantes, a exemplo de espaço para estacionamento, farmácia, mercado, atendimento médico de emergência, entre outras necessidades básicas que acabaram afastando alguns

moradores para os centros urbanos de Candeias, Camaçari e Salvador. Neste ano de 2024, participei efetivamente de algumas etapas da festa e foi possível perceber essas dificuldades bem de perto, pois, pelos mesmos motivos, resido no centro de Candeias há 30 anos.

Como participante dos Festejos de São Roque, me senti totalmente sujeito da pesquisa e, com os registros das narrativas coletadas, esperamos que essas memórias, minhas e dos demais sujeitos, possam retratar como esse evento cultural contribuiu/contribui para a afirmação da identidade cultural individual e coletiva dessa comunidade. A pesquisa de campo ocorreu, portanto, com entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores antigos e atuais da Comunidade de Caboto em Candeias – BA, participantes da festa de São Roque durante muitos anos.

A pesquisa incidiu com a escuta das narrativas de cinco moradores da comunidade de Caboto, participantes veteranos da festa. Dentre eles estão 04 mulheres e 01 homens, com idade média entre 60 e 82 anos, todos declarados negras e negros. A fim de garantir a integridade das informações, os participantes da pesquisa não serão identificados. Sendo assim, utilizamos o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, no qual o documento é assinado por todos os participantes e pela pesquisadora, garantindo a preservação da identidade e os direitos dos sujeitos colaboradores da pesquisa.

Por isso, utilizamos codinomes em substituição aos nomes dos participantes na análise e interpretação dos resultados da pesquisa. Dessa forma, o entrevistado 01 foi chamado de Malvina, o entrevistado 02 de Bica, o entrevistado 03 de Curió, o entrevistado 04 de Praia e o entrevistado 05 de Coroa. Esta foi uma forma de homenagear a comunidade utilizando os nomes das ruas da localidade. Apresentamos algumas fotos retratando algumas etapas da pesquisa ao longo texto.

As narrações buscaram registrar as memórias existentes até os dias atuais. A pesquisa ainda retrata as relações de identidade da pesquisadora, envolvendo de que forma esta foi, e continua sendo atravessada por essa manifestação cultural.

3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Como instrumento de coleta de dados nessa pesquisa utilizou-se a entrevista semiestruturada, a qual, conforme Gil (2002, p. 117) consiste numa entrevista

guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorar ao longo de seu curso. Ou seja, a pesquisadora pode organizar a entrevista com blocos de questões que se complementam e, conforme as respostas dadas, pode inserir algum outro questionamento que julgar necessário para aprofundar ou esclarecer algum aspecto apresentado.

Com relação à parte documental da pesquisa, contamos com observação e registro de dados da Igreja Matriz de Candeias - BA, IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia, documentos como cartas pessoais, fotografias, entre outros. Acredita-se que o tratamento e análise dos dados produzidos nas entrevistas formarão subsídios consistentes que serão apresentados na conclusão dos estudos.

A entrevista é organizada em três momentos. O primeiro corresponde à “constituição dos sujeitos”, no qual os/as participantes indicam a idade, o tempo em que moram na comunidade, se ainda mora, e qual seria a motivação para residir em outro local, se for o caso. Num segundo momento, tratou-se da “relação com a festa”, na qual procuramos saber a respeito do conhecimento que eles/elas possuem sobre a Festa de São Roque e suas participações no evento, ou seja, investigou-se se havia conhecimento da origem dos festejos, quanto tempo o/a entrevistado/a participa dos festejos, se possui fotos e se há fatos da festa que marcaram suas vidas, além de explicarem seus papéis na organização da festa, caso houvesse algum. Por fim, num terceiro momento, buscou-se registrar as “memórias e identidades” guardadas pelos/pelas entrevistados/as. Nessa etapa da entrevista, abordamos as impressões e representações que a festa lhes causa, envolvendo as lembranças que marcaram suas vidas, a representatividade de festa, para si mesmos e para a localidade de Caboto, as mudanças sofridas pela festa com o tempo e do que sente falta, além de impressões sobre o alinhamento com o desenvolvimento cultural e turístico da comunidade.

A entrevista, portanto, foi composta por 12 questões abertas abordando os temas e informações explicitadas. Através desses questionamentos, e com as narrativas dos entrevistados, pretende-se mostrar quais aspectos contribuíram para o enfraquecimento dessa atividade cultural que é tão valorizada por poucos moradores.

Importante destacar que quatro das entrevistas foram realizadas pessoalmente e apenas uma por videochamada, considerando o estado de saúde

do entrevistado, entendendo que não houve comprometimento dos dados coletados. Os entrevistados foram orientados a não responderem as perguntas, se por algum motivo, lhes causasse dor ou forte emoção. A pesquisadora esteve atenta às possíveis reações ocorridas com os entrevistados ao tratar das lembranças, as quais poderiam causar algum desconforto.

3.4 SOBRE A ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados é um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles verbais ou não verbais (Souza; Santos, 2020, p. 1400). Dessa forma, esse estudo disponibilizará as narrativas dos cinco participantes da pesquisa através das entrevistas, que serão transcritas, tabuladas e alicerçadas a partir das categorias “memória”, “identidade”, “cultura” e “linguagem” a fim de constituir o escopo da análise dos dados. Os comentários analíticos levarão em consideração os conceitos teóricos discutidos na fundamentação desse trabalho, perseguindo respostas para as perguntas condutoras da pesquisa.

Agrupamos as categorias com os seguintes títulos: 1 – A constituição dos sujeitos e suas identidades trarão as vozes dos participantes dos Festejos de São Roque e pontos que os identificam com Caboto relacionando com os conceitos de identidade; 2 – As memórias dos Festejos de São Roque, as lembranças do participantes ganham vozes nesse trecho da pesquisa, serão explicadas pelos conceitos de memórias; 3 – As linguagens e as manifestações culturais, serão analisados as políticas linguística existentes nas vozes dos participantes, bem como nos cânticos e hinos de louvores ao santo, os conceitos de linguagens serão a base para as análises

Na próxima seção, será apresentada a Festa de São Roque. Nessa perspectiva, descrevemos as políticas de identidades da Festa de São Roque, como ocorre em cada etapa da tradição popular celebrada à beira da Baía de Aratu, especificamente, no distrito de Caboto, Candeias-BA.

4 SEÇÃO III – A FESTA DE SÃO ROQUE

Nessa seção será descrita a festa de São Roque, realizada em Caboto Candeias – BA, objeto de estudo dessa pesquisa, em diálogo com as questões apresentadas anteriormente. Pretendemos explicar o sentido das festividades em seu papel político representativo das identidades locais, entendendo, a partir das manifestações festivas, como a identidade cultural é construída a partir das memórias e das práticas linguísticas dos indivíduos da comunidade em estudo. Para isso, discutiremos, inicialmente, sobre a ideia de “festa” em sua relação com memória e identidade e, em seguida, abordaremos, em subseções específicas, as “etapas” da festa, a saber: as cartas, as esmolos, a lavagem da igreja, a novena, a procissão marítima, a alvorada, a procissão terrestre, a missa festiva, a festa dançante e a Santa Mazorra.

4.1 FESTA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

De acordo com Sacramento (2011, p. 531) “as festas são lugares de memórias coletivas, do jogo, do lúdico, abrangendo dimensões socioculturais e religiosas. São fatores de desenvolvimento humano na medida em que lidam com o simbólico, os mitos, a afetividade e as emoções”. Lanternari (1987, p. 27 *apud* Ferreira, 2001, p. 15) afirma que não existe sociedade humana sem festa. A festa é um “espelho no qual o ser humano se reflete, buscando, respostas para sua condição de precariedade frente à vida”. Ikeda e Pellegrini Filho acrescentam dizendo que,

As festas representam momentos de maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o momento da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal. (Ikeda; Pellegrini Filho, 2008, p. 207).

A religiosidade surge no Brasil quando “os nativos do Brasil eram suscetíveis a receber a fé cristã, fator esse que impulsiona Pero Vaz de Caminha a escrever ao

rei de Portugal solicitando missionários para o trabalho evangelizador na Colônia” (Freitas, 2005, p 11). Com a colonização, veio à imposição da cultura portuguesa aos primeiros moradores das terras brasileiras foram determinados à religião católica. O autor ainda acrescenta que o colonizador português impôs ao indígena seu “autoritarismo e superioridade [...] garantindo com isso os seus interesses particulares.” (Freitas, 2005, p. 6). Sabemos que com os negros e negras, não foi diferente foram sequestrados, silenciados, escravizados, tratados como aculturados e obrigados a cultivar a religião católica.

Com o passar do tempo, a Religião Católica introduzida na cultura da formação do povo brasileira se tornou o Catolicismo popular, como afirma Freitas (2005):

No entanto, a visão puramente passiva do nativo e posteriormente do mestiço, ao lado da imagem de eficiência absoluta na dominação por parte dos portugueses, tem sido relativizada pelos estudos sobre o catolicismo popular. Ao introduzir o catolicismo em território brasileiro, Igreja e Estado procuraram alcançar objetivos em comum, e com isso efetuar uma estreita ligação, empregando a vivência popular na propagação da fé católica entre as parcelas inferiores da população colonial. No entanto, no cotidiano da colonização, uma ideia fechada de catolicismo veio se fundindo a novas formas de recepção dos ideais cristãos representadas por índios, africanos, colonos europeus e mestiços, todos distanciados do controle das instituições católicas metropolitanas. O conjunto destas contribuições forma o que hoje chamamos de catolicismo popular. (Freitas, 2005, p. 7).

Desta forma, consideramos o catolicismo popular uma manifestação religiosa que envolve práticas comuns, muitas vezes misturadas com crenças e tradições locais. As festas populares são eventos que reúnem aspectos culturais de cada região do Brasil e que são marcados por danças, músicas, procissões, brincadeiras e tradições culinárias. Portanto, as festas populares, assim como os Festejos de São Roque é uma manifestação cultural pertencente ao Catolicismo popular.

Freitas, (2005, p. 7) descreve que o Catolicismo popular no Brasil, no período colonial é “cercado de simbolismos e significados, com características, influências e práticas que logram expressar algumas das manifestações mais marcantes da vida cotidiana como forma predominante utilizada pelos religiosos do período colonial”.

Sobre as festas religiosas, Cascudo (1999 *apud* Freitas, 2005 p. 28) afirma: “As festas religiosas no Brasil são motivos litúrgicos católicos que recebemos de Portugal, ampliadas pela contribuição africana, indígena e mestiça”. A partir dessa afirmação podemos compreender que sem as contribuições dos negros e dos povos

indígenas não teríamos uma cultura popular tão rica. Como elementos de festas católicas foram adaptados para respeitar as tradições indígenas, como os rituais de celebração da terra, os cantos e as danças. Enquanto, como o **Candomblé** e **Umbanda**, influências trazidas pelos africanos escravizados, transformaram o modo de celebrar e ritualizar algumas festas católicas. As festividades de santos católicos, como o **Santo Antônio**, **São João** ou **São Benedito** foram incorporadas danças, músicas e cânticos de origem africana tornando-se grandes manifestações de religiosidade popular em muitas cidades brasileiras.

A essas influências, estudiosos e pesquisadores denominaram “sincretismo religioso”. Sobre o sincretismo, Martins expõe:

Podemos depreender, assim, que o termo sincretismo tem sido utilizado como um termo guarda-chuva, abrigando concepções às vezes dispare. Sem desejar alçar-me a especialista em tão complexa questão, mas reconhecendo, entretanto, as inúmeras diferenças de efetivação dos variados processos sógnicos e cognitivos derivados dos cruzamentos das culturas e dos saberes, opto por empregar o termo sincretismo somente como um efeito de fusão e aglutinação de diversos registros simbólicos, distintos em sua origem, mas aglutinados em um novo código e em uma nova sintaxe significantes. A Umbanda é exemplar desse registro sincrético, fundindo, no seu tecido cognitivo e ritual, elementos de outros sistemas religiosos nagô, banto, católico, tupi guarani, kardecista, espírita numa reformatação *sui generis* (Martins, 1997, p. 30).

Não significa que uma cultura anula ou se sobrepõe a outra, mas que estas convivem em ambiguidades paralelas mantendo suas origens individuais e misturando suas características, como a autora exemplifica:

No Candomblé baiano, por exemplo, permanece visível a justaposição de dois panteões e de dois códigos religiosos distintos, o nagô (africano-iorubá) e o católico (cristão ocidental). Ali, a justaposição sógnica, articulada por uma analogia periférica, engendra um jogo ritualístico estratégico de dupla significância: ao lado do nome cristão e dos ícones católicos (como, por exemplo, N. S. da Conceição, São Sebastião, São Lázaro, Jesus Cristo), as divindades iorubás (Iemanjá, Ogun, Omulu, Oxalá) mantêm seus nomes próprios, seus atributos sagrados e seus fundamentos conceituais e originários (Martins, 1997, p. 31).

Sobre São Roque, facilmente se encontram explicações a respeito do sincretismo religioso que envolve o santo. A enciclopédia livre “Wikipédia” traz a seguinte explicação a respeito:

Anualmente, no último domingo de janeiro ocorre comemoração a São Lázaro, primeiro padroeiro da igreja, onde os católicos realizam uma missa,

tríduo e procissão dedicado a São Lázaro. E os praticantes do candomblé, em homenagem a Omulu, lavam as escadarias da igreja, acendem velas e dão banho de pipoca e no dia 16 de agosto, ocorre comemoração a São Roque, segundo padroeiro da igreja, onde os católicos realizam uma missa, tríduo e procissão dedicado a São Roque. E os praticantes do candomblé, em homenagem a Obaluaê, lavam as escadarias da igreja, acendem velas e dão banho de pipoca. Na última segunda-feira de novembro, é celebrada a festa de São Benedito. (Wikipédia)²

Já o Portal G1 acrescenta que:

No Candomblé, São Roque é representado por Obaluaê, ou Omolu, orixá responsável tanto pela cura, quanto pela disseminação de doenças infecto-contagiosas. O pai de Santo Edvaldo de Oxumaré explica por que nos rituais do Candomblé os fiéis de Obaluaê recebem os tradicionais banhos de pipoca, preparada sem sal e com pedaços de coco, além dos banhos com ervas e alfazema e o uso da Pemba de Oxalá, pó branco feito a partir de raízes (G1 Portal de notícias globo)³

Diante das explicações apresentadas, podemos considerar que os festejos de São Roque em Caboto, Candeias – BA se enquadram num sincretismo religioso, pois possuem características semelhantes às festas relacionadas ao Catolicismo popular, mas ainda com vínculos evidentes da identidade e da cultura negra dos escravizados. Percebe-se, na narrativa de uma das entrevistadas, essa influência em suas lembranças dos Festejos de São Roque,

[...] um exemplo da mistura de religiões era Dona Petú, ela doou por alguns anos as toalhas do altar para os festejos de São Roque como pagamento de uma promessa de cura, mesmo sendo a Mãe de Santo do único terreiro de Candomblé de Caboto. Ela participava ativamente da festa, a oferta mais generosa da missa era dada por ela (Coroa, 2024).

Trago também, em minhas lembranças de criança, os banhos de pipocas dado por Dona Petú a muitos fiéis, em frente à Igreja de São Roque. Confirmando a manifestação cultural sincronizada com as influências africanas dos nossos ancestrais. Faddul (2022), com base nos ensinamentos de Pai Thiago, babalorixá do terreiro de candomblé Ilê Asé Osun Dárà OlowoBaluyê, em Simões Filho, cidade da região metropolitana de Salvador, explica que:

2

https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_S%C3%A3o_L%C3%A1zaro_e_S%C3%A3o_Roque#cite_note-6

³ <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2011/08/baianos-contam-historias-de-fe-e-devocao-sao-roque.html#:~:text=Sincretismo%20religioso,tamb%C3%A9m%20em%20homenagem%20ao%20orix%C3%A1.>

Para religiões de matriz africana o banho de pipoca é uma espécie de “limpeza espiritual”. “É uma troca de energia. Eu passo o grão na pessoa e qualquer energia ruim vai pro grão, enquanto a energia do grão vai pra pessoa. Quando o grão cai no chão, tudo que é ruim se desfaz porque o solo é poderoso, é o que sustenta nossa energia vital. Passamos o deburu [milho, em iorubá] para termos paz, vida e saúde com abundância” (Faddul, 2022, s/p).

A organização de festas populares envolve a participação comunitária colaborativa e estruturada de tal forma que as funções de cada segmento da comunidade, ou de cada indivíduo, sejam bem determinadas, desde os primeiros atos de preparação dos festejos, até a condução das etapas e a finalização apropriada dos eventos. Em geral, essa organização segue regras peculiares de cada comunidade, em respeito às tradições, rituais necessários, protocolos pré-determinados, assim como inovações e vontades específicas surgidas a cada edição do festejo.

Em Caboto, Candeias-Ba, não é diferente. Sobre a organização dos Festejos de São Roque, Praia (2024) expõe, “a mais ou menos 50 anos atrás, os organizadores da festa eram chamados de juízes, tinha quatro juízes, cada um era responsável por umas etapas da festa, mas todos se ajudavam e faziam questão de participar”. Segundo relatos da Comissão atual, é sempre o mesmo grupo que assume a organização dos Festejos de São Roque.

Nesse sentido, Caponero e Leite (2010, p.104) dizem que essa organização dos festejos populares possui “[...] uma ideologia que comporta um conjunto de símbolos, valores e crenças que são repetidos pela festa [...]” em torno de uma iniciativa que, segundo os autores, agrega os participantes e representa importante vivência social da vida da comunidade.

Essa importância também é destacada por Ferreira, afirma que:

Antes da invenção dos modernos meios de comunicação, as festas constituíam a mais importante atividade pública. Eram momentos de afirmação da identidade coletiva, através dos quais o indivíduo tomava consciência do seu “pertencimento” a determinado grupo. A festa era também um “lugar simbólico” através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloram os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social. (Ferreira, 2001, p. 15).

Observa-se, portanto, que os festejos populares, desde sua concepção e organização, até a realização e desfrute de seus momentos, está repleto das

ideologias constituintes das identidades pretendidas por uma determinada comunidade. Os fatores de pertencimento e exclusão dos membros da organização são estratégias utilizadas para garantir que esses discursos identitários sejam mantidos e repassados de forma adequada para o povo em geral. E é a partir da memória das edições anteriores de uma festa, bem como da memória histórica relativamente às razões que fundamentam os motivos da festa, que as identidades se manifestam através das práticas de linguagem realizadas em cada evento constituinte da festa como um todo.

4.2 SOBRE A FESTA DE SÃO ROQUE DO CABOTO

A Baía de Todos os Santos é palco de festas populares que acontecem em muitas ilhas e comunidades durante todo o ano, as festas são relacionadas à “[...] crenças nas divindades possuem raízes em saberes ancestrais, originados da herança dos povos africanos transplantados como escravos, dos indígenas e dos europeus” (Sacramento, 2011, p. 531) De acordo com a autora, “A história dessa baía reescreve-se com resistência e superação de situações adversas, engendrando um modo de ser de seus habitantes que abrange o bem-viver, o respeito à natureza e às tradições.” (Sacramento, 2011, p. 531).

O distrito de Caboto, administrado pela Prefeitura de Candeias-BA, está situado às margens da Baía de Aratu (figura 1), uma grande enseada da Baía de Todos os Santos que abriga a Base Naval de Aratu, o Porto de Aratu, um estaleiro e duas marinas: Aratu Iate Clube e Marina Aratu. Localiza-se a cerca de 20 quilômetros ao norte de Salvador e abriga um dos três Portos mais movimentados da baía de Todos os Santos, o Porto de Aratu, cercado por indústrias químicas, petroquímicas, metalúrgicas e de alimentos, entre outras.

Conforme Santos (2008), na Sesmaria de Caboto/Matoim, localizada entre o Rio Matoim e às margens da Baía de Aratu, foi construído no século XVI o primeiro Engenho Freguesia, atualmente o Museu do Recôncavo Wanderley de Pinho. O autor relata em seu livro “Candeias: História da Terra do Petróleo” que “os engenhos eram destinados à produção de açúcar, produto de grande aceitação nos mercados europeus” (Santos, 2008, p. 28).

O distrito de Caboto pertencia à antiga freguesia que no passado era ocupada por duas irmandades, uma composta de brancos e outra de negros (Santos, 2008 p.

30). Os moradores da região eram os brancos, os donos do engenho, e os negros que eram os oriundos dos povos africanos escravizados. De acordo com o autor, “Em 1560, povoados começaram a desenvolver-se no Recôncavo com uma população fixa instaladas nas imediações do engenho” [...] (Schwartz, 1995 *apud* Santos, 2008, p. 28). Diante desses dados confirma-se que a comunidade de Caboto surgiu nesse período a partir da ação de negros e negras escravizados para o trabalho com a cana-de-açúcar.

Santos (2020) explica ainda sobre a “Instrução Primária em Candeias no primeiro e segundo reinado”, fatos que comprovam a existência da Capela de São Roque, em Caboto, com data de 16 de agosto de 1834, dia atribuído a São Roque pela Igreja Católica. Segundo o autor,

[...] O presidente da Bahia enviou ofícios ao juiz de paz Fe Matoim e também para o juiz da Cappela de São Roque (cujo cargo não existia), solicitando informações sobre o comportamento profissional desse nosso professor público. O Juiz de Paz de Matoim informa ao governante que recebeu o seu ofício datado de 16 de agosto de 1834 e que o segundo ofício dirigido à Capela de São Roque em Caboto também lhe fora entregue, porque a freguesia não era dividida em distritos (Santos, 2020, p. 133).

Conforme Santos, o registro refere-se às providências sobre o funcionamento de uma escola junto à Capela de São Roque e as faltas do profissional que ali trabalhava. Enfatiza-se ainda a explicação de Pinho (1982), a partir de Santos (2020), acerca da povoação de Caboto, logo depois da abolição da escravidão.

[...] O historiador Wanderley Pinho, descendente dos proprietários, narra que a família não esquecera de “mandar roçar as ruínas de São Roque em Caboto”, propriedade que também pertencia à sua família; para o almoço, alguém fora providenciar “temperos mandados comprar em Caboto” e, segundo Pinho, havia o saudosismo de alguns da sua família em ir “a Caboto para contemplar as enormes ruínas do sobrado inacabado”, que gera lendas na imaginação (Pinho, 1982 *apud* Santos, 2020, p. 230).

Nas palavras apresentadas há uma constatação sobre os moradores dessa comunidade, havendo uma povoação fixa em Caboto, de fato confirmada pelos registros apresentados que afirmam que “[...] em 1830 já havia o pedido de uma escola de Primeiras Letras para funcionar em Caboto, e que nesse mesmo ano tal escola já estava funcionando junto à capela de São Roque” (Santos, 2020, p. 230).

Desde criança, nas rodas de conversas com meus avós e depois com meus pais, ouvia relatos do surgimento do santo na comunidade de Caboto. Eles diziam

que a imagem de São Roque tinha sido encontrada nas ruínas do Engenho Caboto e que alguns negros escravizados, que trabalhavam na construção do engenho, encontraram a imagem em perfeito estado. Não havia explicação para o surgimento da imagem, pois não havia sinais de área povoada no interior da mata. Vovô Tomaz, descrevia que foram os negros que iniciaram o culto ao santo, logo todos os moradores da pequena vila começaram a cultuar o santo. Em pouco tempo, aconteceram alguns sinais de milagres, curas de doenças e graças alcançadas.

Apesar de não encontrar registros sobre a origem dos festejos, acredita-se que essas memórias validam a origem dos festejos que acontecem até os dias de hoje. Desse modo, percebemos que quando o “passado é venerado e os símbolos são valorizados” assim são eternizadas as “experiências de gerações” (Giddens, 1990 *apud* Hall, 2006 p. 14). Nesse sentido, compreende-se a continuidade dessa prática social como um elemento da identidade cultural da comunidade de Caboto.

Os festejos de São Roque de Caboto seguem organizados em dois momentos. O primeiro período da festa, denominada como “parte religiosa”, tem início, em média, quatro meses antes da data dos festejos. O segundo momento, chamado de “profano”, é composto da Festa dançante e a *Santa Mazorra*, etapas que duram, em média, três dias após o dia do santo.

Quanto a essa participação do momento sagrado e do momento profano das festas populares e explicado por Sacramento (2011) da seguinte forma:

A festa possui uma dimensão oficial e outra oficiosa. Se por um lado existem normas, formas de organização e planejamento a serem seguidos para o êxito do evento, por outro lado, há situações que fogem a essa estrutura, revelando demandas que escapam às convenções e acessam um mundo de liberdade e afirmação da identidade [...]. A multiplicidade de fenômenos do contexto da festa admite o poético, o imaginário, a transgressão. As festas e suas representações permitem colocar em evidência o significado das tradições, o papel da memória na preservação do patrimônio cultural e seus desdobramentos. (Sacramento, 2011, p. 532-533).

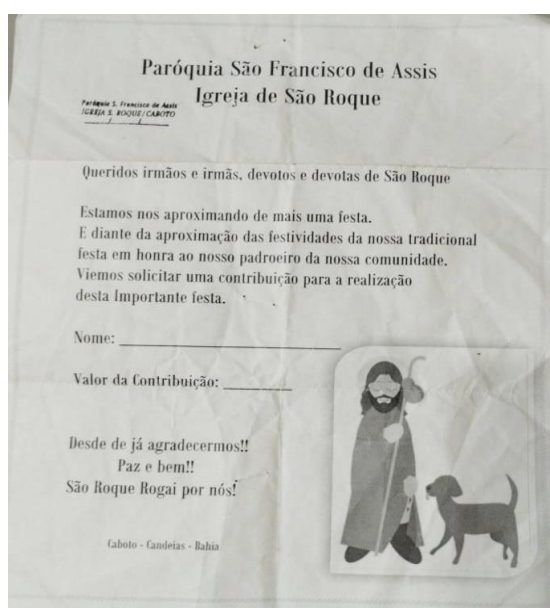
Diante dessa afirmação, a Festa dançante e a Santa Mazorra consistem na parte oficiosa da festa de São Roque de Caboto, fazendo parte de uma sequência de eventos que constituem a festa, a qual, há um tempo, tinha mais ênfase e maior participação dos moradores. Atualmente, a festa conta com uma pequena representatividade da comunidade. Nas subseções a seguir, apresentaremos os eventos oficiais (sagrados) e oficiosos (profanos) da Festa de São Roque de Caboto.

4.2.1 As Cartas

Conforme narrativas de antigos moradores e organizadores atuais da festa, a estrutura festiva inicia-se com a distribuição das Cartas, intituladas como “Cartas de contribuição”. Estas são destinadas às famílias católicas da comunidade que moram, ou não, na localidade. Esse instrumento tem a função de arrecadar fundos para a realização dos festejos. Em geral, as pessoas doam valores em dinheiro quando essas cartas são recolhidas, próximo ao mês de agosto.

Atualmente, as cartas ainda são uma grande fonte de recursos para a manutenção dos Festejos de São Roque em Caboto. Nesse ano de 2024, pude participar da distribuição de algumas e perceber a aceitação e recusa de alguns moradores. A justificativa para a recusa sempre era referente a pertencer a outra religião. Nota-se o aumento de Igrejas Pentecostais na comunidade e com isso elevou-se também o número de pessoas que deixou de frequentar a Igreja de São Roque, essas pessoas se recusam a receber as cartas em contrapartida os moradores que permanecem fiéis à devoção de São Roque demonstraram o prazer de receber a carta e a promessa de contribuir. A comissão informou que os recursos arrecadados neste ano com as cartas superaram as expectativas. A figura 2 a seguir traz um exemplo dessas cartas.

Figura 2 - Carta aos fiéis de São Roque em Caboto, Candeias – BA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Segundo a comissão atual dos festejos de São Roque, este documento tem sido utilizado há vários anos. Apesar de retratar uma tipologia de textual devendo ser apresentada nos termos da gramática normativa, a carta apresenta diversas “subversões linguísticas” que podem ser lidas como “erros”, mas que, na verdade são marcas de valores e ideologias da comunidade. Podemos enumerar: a repetição da palavra “festa”, denotando redundância no texto; o uso de letras maiúsculas no meio de frase “Importante festa”; a expressão “Rogai por nós” como forma de despedida; uso de termos repetidos para ressaltar a relevância do evento como: “mais uma festa” “Importante festa” “tradicional festa”.

4.2.2 As Esmolas

As esmolas são uma prática social que envolvia um grande número de participantes no passado, durante os preparativos da Festa de São Roque. Essa ação tinha um calendário fixo na organização da festa. Segundo relatos, iniciava no dia 02 de julho de cada ano, na própria comunidade, e encerrava nas localidades circunvizinhas, distritos de Candeias como Boca do Rio, Madeira, Passé e Passagem dos Teixeiras e na Ilha de Maré. Todo domingo, havia uma programação que, geralmente, era acompanhada de instrumentos musicais e de tocadores – pois o pedido da esmola era cantado. O evento movimentou a localidade e, por onde iam, além dos pedidos, entoavam os louvores a São Roque e sambavam.

A fotografia abaixo retrata o grupo de senhoras que participaram da única esmola cantada realizada na própria comunidade, a fim de arrecadar doações para os festejos de São Roque. Esse ritual demonstra a devoção e fé desses participantes que fazem o possível para manter viva a tradição das etapas dos Festejos de São Roque.

Figura 3 - Esmola de São Roque – em 02/07/2024.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Uma das práticas linguísticas comumente presentes na etapa da esmola é o canto do “hino da esmola”. De acordo com o Dicionário Online de Português, um hino é um poema cantado que demonstra honra a divindades ou heróis e que, no caso das situações religiosas, consiste em invocação ou adoração. A seguir, apresentamos um desses hinos de esmola, coletado das práticas orais a partir de nossas vivências na comunidade:

Hoje chegou nessa casa, o Glorioso São Roque
Afonjando a peste e salvando seus devotos (bis)
 O glorioso São Roque, veio hoje a passear e também pedir para nos auxiliar
 (bis)
 Ele **com nós** aqui está, todos com muita alegria tirando a sua esmola para
 a missa de seu dia... (bis)
 Não podemos demorar (bis)
 Para aproveitar o dia, o Glorioso São Roque fique em sua companhia.

Destacamos, no hino apresentado, alguns usos da linguagem oral popular, os quais queremos explorar com mais apropriação em nossas análises, com o intuito

de destacar as marcas identitárias dessa comunidade expressas na variação linguística utilizada por seus membros em suas práticas comunicativas. A presença desses aspectos linguísticos é uma evidência de marcas identitárias, de valores da comunidade, de sua cultura ancestral o que denota importante movimento político “in vivo” historicamente rechaçado pelas imposições de uma política linguística “in vitro” eurocêntrica e homogeneizante que busca um uso linguístico artificial para as pessoas da comunidade.

Esse ritual da “esmola” é desenvolvido com o objetivo de recolher doações de forma mais ampla para sustentar os custos com a festa de São Roque. Esses custos referem-se à ornamentação da igreja, acessórios e manutenção de andores, e outras situações que surgirem. Essa especialidade é uma prática de países europeus de tradição católica que chegou ao Brasil trazido pelos portugueses, no período colonial, uma prática que acontece na maioria das festas populares que ocorrem na Baía de Todos os Santos, como mostra o relato da Festa de São Roque, da Ilha do Paty, em São Francisco do Conde - BA:

Mesmo com o envolvimento da prefeitura através do auxílio financeiro para ornamentação e contratação de atrações musicais, a comunidade não deixa de se mobilizar internamente para conseguir recursos para realizar os festejos. Alguns dias antes da festa acontece a “esmola cantada”, uma manifestação cultural e religiosa de influência afrodescendente que percorre as casas a fim de angariar recursos para a festa de São Roque. Na “esmola cantada” canta-se e dança-se sambas de roda típicos da região (Tavares; Bassi, 2015, p. 68).

Além do compromisso com a arrecadação financeira, a “esmola” ou a “esmola cantada” também é uma forma de integração da comunidade e anúncio da festividade que se aproxima. Compreende-se que essa é uma prática social que envolve religiosidade, ludicidade, música, dança e interação social, demonstrando que a cultura afirma a identidade da comunidade.

4.2.3 Lavagem da Igreja

Como os outros rituais, a lavagem da igreja é uma prática social utilizada em diversos espaços de celebrações religiosas. Consiste em reunir pessoas para brincarem, ao tempo em que lavam as repartições da igreja, preparando o espaço

para o dia da festa do seu santo padroeiro. Com o passar do tempo, essa prática limitou-se à parte externa do templo.

Segundo relatos, a lavagem da Igreja de São Roque, em Caboto, ocorria geralmente no domingo antes de começar a novena da festa. Aqui, registro a fala de uma das participantes da festa, *Bica*, sobre a “lavagem” da Igreja de São Roque, em Caboto: “Era muito boa, lavavam-se todos os utensílios neste dia, jogava-se água, era uma festa com muita alegria, teve vez de ter até o carro pipa... mas não pode mais fazer, porque foi proibida pelo Santuário.”

Assim como na festa do Senhor do Bomfim, em Salvador, a lavagem da igreja passou a ser uma prática proibida nas festas de origem católica, e com a de São Roque não foi diferente. A proibição da lavagem, segundo Serra (1999) “teve uma consequência que o episcopado não previu: a afirmação do rito do Candomblé”. O autor ainda destaca que as baianas passaram a “[...] celebrar um ato, uma celebração sagrada, na fronteira com o profano [...] A diversão permanecia por conta do povo que brincava ao redor das baianas”. (Serra, 1999 *apud* Tavares; Bassi, 2015, p. 247).

Observa-se essa prática em várias festas populares do Recôncavo Baiano, principalmente em Salvador, com a Lavagem do Bomfim, porém houve grandes mudanças nas características desses eventos. Atualmente, a festa acontece, mantendo as particularidades do catolicismo, atos demonstrados nos rituais litúrgicos como a missa e os cânticos. No entanto, apresenta muitas especialidades do Candomblé através do Sincretismo religioso, a exemplo dos Cortejos das Baianas. Atualmente, não acontece mais a lavagem na festa de São Roque.

4.2.4 As Novenas

As novenas são constituídas por rituais de reza repetidos durante os 9 dias que antecedem a Festa de São Roque. Esses rituais assumiram o compromisso de entoar rezas e cânticos em prol de que a festa acontecesse de forma ordeira. As reuniões ocorriam na igreja, durante as noites, e participavam os organizadores e todas as pessoas da comunidade católica. Essa é uma prática cultural trazida pelos portugueses, como afirma Alamar Filha (2011):

As novenas chegaram ao Brasil ainda no período colonial, trazidas pelos portugueses. Alguns rituais eram considerados obrigatórios para todos os cristãos, como: o ato de rezar precisava constante devendo a oração ser praticada todos os dias, pois a oração era considerada a forma de entrar em contato com Deus, para recorrer na intercessão de suas necessidades, uma forma de demonstrar virtude espiritual, um conforto para a alma (Alamar Filha, 2011, p.16).

Atualmente, as novenas dos festejos de São Roque seguem com um enfraquecimento dos rituais, tendo poucos participantes, restringindo-se praticamente apenas àqueles devotos que frequentam a igreja regularmente. No período da pandemia da COVID 19, por orientação do Santuário de Nossa Senhora das Candeias, as novenas foram reduzidas a um Tríduo, contendo apenas três cerimônias, com intuito de rogar pelo santo protetor. Como peça de linguagem presente nessa etapa da festa, segue um dos hinos mais entoados nas novenas de São Roque em Caboto:

Pelas chagas dolorosas, que a vossa perna sofreu,
O amargo bruto da peste, que no bosque Deus lhe deu.
Meu glorioso São Roque, contra a peste advogado
Aos vossos pés hoje corre esse povo amargurado (bis)

São Roque também sofreu o golpe da epidemia,
Mas, ele valeu agora a nossa aflita Bahia
Meu glorioso São Roque, contra a peste advogado
Aos vossos pés hoje corre esse povo amargurado (bis)

Um anjo Deus mandou, para vos curar no deserto
Segue o anjo desse povo, que está de luto coberto
Meu glorioso São Roque, contra a peste advogado
Aos vossos pés hoje corre esse povo amargurado (bis)

Importante destacar que pretendemos explorar mais adequadamente a linguagem utilizada nos eventos mais “institucionais”, como o hino da novena, em comparação com as práticas linguísticas mais populares presentes na festa. A ideia é destacar as identidades – impostas e pretendidas – demarcadas através da linguagem em uso e seus discursos subjacentes. Destacamos que, nessa peça de linguagem, verifica-se um uso totalmente monitorado da língua portuguesa, com vocabulário rebuscado e distante dos usos linguísticos cotidianos dos moradores de Caboto. Trata-se de uma política de gestão “in vitro” da língua que acentua desigualdades sociais, inclusive criando hierarquias, favorecendo discriminações e alimentando discursos distorcidos sobre “língua certa”, “língua errada”, “língua desenvolvida/culta”, “língua primitiva/inculta” etc.

4.2.5 Procissão Marítima

Na semana que antecede a festa, é comum que a imagem do Santo passe a semana em outra igreja. A imagem de São Roque já foi para a Igreja da Conceição da Praia, em Salvador, para a Igreja de Nossa Senhora das Candeias, Igreja Matriz em Candeias, para a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, em Passé – Candeias e para a Igreja de Nossa Senhora de Santana, em Ilha de Maré. Essa última tem sido lugar de visita nos últimos anos. No sábado da Festa, a imagem do santo volta a sua casa, sua Igreja de origem, conduzida por barcos de pescadores, em procissão.

A essa prática chamamos de “Procissão Marítima” ou “Acompanhamento”, um ritual para ida e volta do Santo que é transportado em um andor todo ornado de flores, sendo acompanhado pelos fiéis cantando e rezando louvores a São Roque. O acompanhamento é, literalmente, um cortejo de barcos e canoas dos pescadores e moradores de Caboto e das localidades circunvizinhas, como Ilha de Maré e Passé, que acompanham o barco em que o santo viaja com muita alegria, fogos de artifício, músicas e bebidas. Na figura 4, a seguir, vemos a demonstração de amor pelo santo.

Figura 4 - Procissão Marítima - Em 10/08/2024.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A procissão Marítima expõe uma prática cultural que reflete o cotidiano das atividades dos moradores de Caboto, como a pesca, a puxada de rede, a ação de mariscar, as corridas de canoa, o transporte marítimo (tanto de pessoas, quanto de mantimentos). Desde o início da formação da vila, os barcos e canoas eram a principal forma de locomoção dos moradores, o principal acesso a Salvador, entre outras atividades necessárias à sobrevivência da comunidade dessa localidade, depois de muitos anos, com a implantação das vias terrestres que mudou essa realidade.

Na edição de 2024, especificamente, houve algumas mudanças na configuração da Procissão Marítima de São Roque em Caboto. Devido a algumas situações de violência urbana na localidade de destino da Procissão Marítima, isso impossibilitou a realização do ritual na sua essência. Então, um passeio no contorno da enseada entre Caboto e o Porto de Aratu registrou essa etapa dos festejos de São Roque em Caboto.

4.2.6 A Alvorada

A Alvorada é a etapa da festa que acontece no nascer do sol do início da novena até o dia 16 de agosto, dia da Festa. É o horário escolhido para saudar o santo e aclamar os fiéis para os festejos que acontecerão ao longo desses dias. Às cinco horas da manhã, um grande rojão de fogos de artifício clareia o céu marcando o período festivo. A comissão da festa designa um responsável para louvar o santo com muitos foguetes.

Bica (2024), participante dos festejos e entrevistada dessa pesquisa, nos conta que “a alvorada atualmente não se compara com que era há 30 anos. Além de uma escassez de recursos para comprar os fogos, nos últimos anos tivemos dificuldades em ter quem soltasse os foguetes”. Ela relata que “Neste ano, tivemos fogos, mas nada comparado ao show pirotécnico das lembranças da minha infância.”

A respeito da valorização e preservação de ações culturais de uma localidade, Tavares e Bassi (2015) destacam em sua pesquisa:

[...] a valorização da “tradição” também explicita outras vulnerabilidades, como o que pode ser observado no município de Candeias cujo sentimento de “decadência” das festas e de áreas de lazer é muito presente. Essa

situação também foi apontada por Anderson Epifania (2008), onde o autor destaca o saudosismo dos entrevistados quando relembram as antigas festas de largo, religiosas e cívicas, além da micareta. A relação entre decadência festiva do município e o processo de industrialização dos anos 1960 e 1970 é destacado por Jair Santos (2008), indicando o desaparecimento de manifestações culturais importantes como o “Lindro Amor” e as Festas de Reis. A Filarmônica Lira Candeense, que sempre animava as festividades cívicas, também vem enfrentando séria crise financeira (Tavares; Bassi, 2015, p.271).

Considerando as informações, percebe-se que a desvalorização da manifestação cultural tem perdido o valor dentro das comunidades, principalmente quando depende de recursos de instituições privadas ou públicas.

Identificamos ainda, uma renovação identitária das pessoas que assumem a comissão dos Festejos de São Roque, uma geração mais jovem, a maioria filhos e filhas, netos ou netas de anciãos que eram os juízes da festa a tempos atrás, São jovens de idades entre 25 e 35 anos que coordenam toda a organização dos rituais dos festejos e da manutenção das ações religiosas durante o ano.

4.2.7 Missa Festiva

A palavra missa, segundo o Dicionário *online* de Português, é a celebração da eucaristia da Igreja Católica. Diz o dicionário que “cada missa é um sacrifício verdadeiro, na qual o Cristo ressuscitado está presente corporalmente no altar como uma vítima que é oferecida outra vez pela Igreja a Deus Pai, como expiação pelos pecados da humanidade.” Os brasileiros já convivem com essa prática desde a chegada dos colonizadores portugueses e da imposição colonial da fé católica nos territórios invadidos.

A missa da festa de São Roque, para além do compromisso religioso, sempre foi a oportunidade de se apresentar com as melhores vestimentas e calçados. Era o momento que reunia o maior número de pessoas na festa, pessoas da localidade e de outras comunidades. A missa em honra e louvor a São Roque atrai muitos devotos de diversas localidades. Atualmente, a missa se inicia às 10h00 da manhã e é celebrada pelo Frei do Santuário São Francisco, de Candeias. Segundo relatos, a igreja de São Roque já foi palco de pagamento de promessas e romarias de muita gente vinda de diversos lugares. Contam que, no dia da missa festiva, apareciam ônibus e caminhões lotados de pessoas para venerar o santo.

Nesta edição tivemos alguns visitantes, mas nada tão expressivo. Foi uma linda celebração com a participação das pessoas da comunidade que costumam estar presentes nos eventos eucarísticos da Igreja de São Roque. Os visitantes são fiéis das comunidades de Madeira, Pasto de Fora, Urbis I, Urbis II e Passé (bairros da cidade), entre outros lugares como Salvador, Camaçari e Ilha de Maré.

Nessa oportunidade estiveram presentes também alguns candidatos às eleições deste ano, tanto candidatos a vereadores, quanto os candidatos a prefeito e prefeita da cidade de Candeias, não perderam a oportunidade de desfrutarem da concentração de pessoas, principalmente da comunidade.

Observa-se, através da fotografia abaixo (figura 5), a quantidade de devotos integrados nos rituais litúrgicos que envolvem essa crença popular, nota-se que a maioria veste uma camisa vermelha com uma imagem do santo estampada numa atitude de homenagear o seu padroeiro.

Figura 5 - Imagem da missa – Em 16/08/2024.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Na próxima fotografia (figura 6), podemos vislumbrar a imagem de São Roque todo arrumado com flores brancas e vermelhas, preparado para que, tão logo se encerre a missa, os devotos saíam em procissão pelas ruas de Caboto.

Figura 6 - Imagem de São Roque – Em 16/08/2024.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A missa de São Roque sempre termina com esse hino:

No jardim do paraíso, foi colhido um lindo tope
Para ser oferecido ao glorioso São Roque.
São Roque pediu a Deus que lhe desse o poder
para curar as moléstias e ao povo socorrer.
(Cancioneiro popular)

A respeito do santo milagroso, Matos (*apud* Tavares; Bassi, 2015) explica que:

No catolicismo, São Roque é o santo geralmente associado à proteção contra as pestes e está relacionado às enfermidades. Foi a este santo que, no passado, segundo os relatos de alguns entrevistados mais velhos, seus familiares e parentes haviam depositado orações e esperança de cura para as pessoas atingidas pela moléstia. As promessas representam uma forma de comunicação religiosa e de trocas entre o mundo sagrado e o terreno, por meio de milagres pedidos pela intercessão dos santos e garantidos pelo “pagamento” prometido quando a graça é alcançada. O culto ao santo, e sua homenagem pela comunidade, demonstram a relação existente entre eventos e fatos cotidianos e a prática religiosa pelos sujeitos desta coletividade. (Matos *apud* Tavares; Bassi, 2015, p. 271).

Diante do exposto, percebe-se que a crença depositada pela comunidade favorece a perpetuação da cultura através da religiosidade, a prática das promessas

ligadas à religiosidade popular, como no caso de São Roque. Isso representa uma forma de comunicação entre o fiel e o sagrado, em que a troca simbólica e material favorece tanto a continuidade da fé individual quanto a perpetuação da cultura religiosa coletiva que são passadas de geração em geração dentro da comunidade.

4.2.8 Procissão Terrestre

No mesmo dia da Missa Festiva, 16 de agosto, acontece a Procissão Terrestre. Com o passar dos tempos, assim como os outros eventos que compõem a festa, a procissão sofreu modificações na sua composição e no número de participantes. No passado, a procissão de São Roque arrastava uma multidão de pessoas pelas ruas do distrito, todos cantando e rezando hinos de louvores ao santo. Acontecia no final da tarde do dia da festa. Os devotos disputavam, durante todo o trajeto, quem carregava o andor de São Roque, ornado com as mais belas flores que mal eram mantidas até o final do percurso.

Atualmente, por determinação do Santuário de São Francisco, em Candeias, do qual a comunidade de Caboto faz parte, há uma reconfiguração da Procissão de São Roque. Segundo os relatos da participante dos festejos, Bica, “foi recomendado que o evento ocorresse logo após a missa e apenas nas ruas que rodeiam a igreja”. Mas a comunidade não aceitou essa orientação integralmente. Hoje, a procissão sai ao meio-dia e continua percorrendo as ruas principais da localidade.

Figura 7 - Procissão Terrestre- em 16/08/2024



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Como podemos observar na fotografia acima (figura 07), poderíamos contar os devotos que acompanharam a Procissão terrestre nesse ano de 2024, apesar da igreja ter estado lotada durante a missa, nem todos os fiéis acompanharam o santo na procissão. Tivemos um carro de som para propagar os louvores e um lindo cortejo com os coroinhas das comunidades circunvizinhas. Mesmo diante de tanta emoção, percebo como esse ato de fé tem perdido seu valor para os moradores de Caboto. Cabe aqui o comentário de Silveira (2015) sobre o desaparecimento da festa popular: “[...] A festa que não se tornou um produto ou não se reinventou nas novas condições econômicas e sociais e nas atuais configurações do tempo e do espaço da modernidade global, sente dificuldades em se reproduzir” (Silveira, s/d *apud* Tavares; Bassi, 2015, p. 54).

Nesse sentido, percebe-se que as pessoas que frequentam a igreja de São Roque, que mantêm viva essa fé, devem unir forças com a comunidade a fim de procurar novas possibilidades de divulgação da festa, bem como inovar suas produções culturais no sentido de acompanhar o desenvolvimento global, assim não deixarão acabar essa manifestação cultural que pertence a esse povo.

4.2.9 Festa Dançante

A Festa Dançante de São Roque sempre foi um dos momentos mais esperados dos festejos do Caboto, durante todo ano, principalmente pelo público mais jovem. Ocorre durante dois ou três dias e atrai uma grande multidão. Castro Júnior (2014) considera esse momento popular da festa como um encontro de culturas, que, de acordo com o autor,

[...] é formada por experiências históricas; é fruto das movimentações e interconexões dos corpos-culturais constituem uma das formas mais reveladoras do modo de ser de um grupo, de uma cidade e de um país e nesse espaço “intervalar”, que ficam suspensas algumas normas sociais, e outras são invertidas (Castro Júnior, 2014, p. 26).

Nesse sentido, a comunidade de Caboto reúne vivências históricas marcadas pela religiosidade, quer dos africanos escravizados, quer da Igreja Católica dos colonizadores. No que diz respeito à Festa de São Roque, a influência do evento afeta, inclusive, o âmbito doméstico. Os preparativos perpassam pela organização da casa para receber visitas, novos móveis, novas roupas, enfim, toda uma movimentação que altera a rotina das casas e da comunidade. Trata-se de uma mistura de fé e alegria que contagia a comunidade na segunda semana do mês de agosto de todos os anos.

Segundo relatos dos moradores da localidade, a parte dançante dos festejos de São Roque ocorria no “caramanchão”, espaço criado especificamente para a festa, com bandas de música, geralmente fanfarras e filarmônicas. Com o passar dos anos, foi construído o Clube São Roque que, além da festa do padroeiro, servia à comunidade para todo e qualquer tipo de evento. Inúmeras barracas instaladas à beira-mar ofereciam os mais diversos serviços, desde jogos, como tiro-ao-alvo, até baleiros, quituteiras, entre outras atrações. Com o crescimento populacional o clube tornou-se pequeno e perigoso. Hoje, o clube se encontra em ruínas e a folia tomou conta dos espaços ao redor da igreja, com imensos palcos para apresentação de bandas locais contratadas pela Prefeitura Municipal de Candeias. Atualmente, a festa dançante é uma das poucas ações que atraem a multidão para as ruas de Caboto.

Nos últimos anos, a festa dançante tem reunido poucas pessoas como nas outras etapas dos festejos. A Prefeitura só apresenta as atrações nos dias que

antecede a festa. Dessa forma, a comissão organizadora não dispõe de tempo hábil para realizar uma divulgação expressiva das bandas que tocariam nas noites de festas.

4.2.10 Santa Mazorra

É uma manifestação popular que se apresenta de formas diferentes em algumas localidades. Sofreu influência cultural pelo Recôncavo da Bahia e é basicamente advinda dos espanhóis, portugueses e holandeses que habitavam essa região. Tavares e Bassi nos explicam que,

[...] Nas festas tradicionais, os objetos e os alimentos são evocações de uma antiga circulação comunitária de bens: tanto as brincadeiras da Santa Mazorra, que apresentam roubos ritualizados de alimentos e redistribuição comunitária de comida, quanto nas feijoadas oferecidas ao término das corridas expressam uma imagem de trocas e de convívio de cunho tradicional. [...] (Tavares, Bassi, 2015, 274)

Em Madre de Deus, município vizinho a Candeias, há uma manifestação folclórica pouco conhecida, que é a "devoção" a Santa Mazorra, brincadeira que acontece no dia 24 de junho durante os festejos juninos. A Santa Mazorra é representada por uma boneca, conhecida como a "Santa dos biriteiros", porque, ao sair pelas ruas de Madre de Deus, ela passa nas casas dos moradores que estão preparados para recebê-la, com uma mesa farta de bebidas e comidas típicas juninas. Ao entrar nas casas, seus integrantes cantam a ladainha da Santa e músicas juninas em agradecimento pelo dinheiro doado.

Em Caboto, a Santa Mazorra acontece na segunda-feira que sucede a festa de São Roque. Os participantes saem às ruas de Caboto logo pela manhã. O grupo traz uma pedra numa cesta ornamentada com flores e faz pedidos de dinheiro, comida e bebida nas casas, bares, restaurantes e a todos que encontrar. O roubo de galinhas é uma prática muito comum nesse evento. Alguns moradores se previnem, prendendo seus animais antes da Santa Mazorra passar. As pessoas doam valores em dinheiro, alimentos como feijão, arroz, macarrão, temperos etc. Segundo relatos de participantes, esse evento atrai muitas pessoas.

Neste ano, a Santa Mazorra foi apresentada por uma boneca, traduzindo o lúdico nesse ritual. O cortejo é animado por instrumentos de percussão, música e

dança e o hino da Santa Mazorra. Acontece uma nova folia, compreendendo com o momento de divertimento para aqueles que trabalharam nos dias da festa. Ao final do percurso, com o local predefinido, reúnem-se em casa de alguém do grupo ou bar da localidade para comer e beber do que foi arrecadado na Santa Mazorra, em Caboto.

Nas figuras 08 e 09 podemos observar a Santa Mazorra representada pela boneca e o grupo de pessoas da comunidade pedindo doações para a realização da festa da Santa Mazorra.

Figura 8 - A figura da Santa Mazorra em 2024



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 9 - Cortejo da Santa Mazorra em 2024



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

As pessoas que conduzem a Santa Mazorra cantam músicas que anunciam sua chegada, como esta a seguir:

Lá vai, lá vai Santa Mazorra... Chegou a sua porta, não corra, não corra (bis).
Vavá, Vavá virou a porra, Vavá ficou **retado** quando viu Santa Mazorra (bis).

Junto a essa prática social, pode-se perceber várias linguagens próprias nesses rituais dessa festa. Novamente, surgem evidências de “subversões linguísticas”, justamente numa espécie de “subversão da festa sagrada”, em que a linguagem mais condizente com os valores e identidades da comunidade se

sobressaem a qualquer imposição ou monitoramento linguístico. As pessoas se alegram, mas há quem se aborreça. Eles cantam, dançam, pedem e roubam, aprendem e ensinam em busca de diversão. Aqui, vale as palavras de Firmo explicando que:

As festas podem estimular o trabalho reflexivo, produzir reinterpretações, críticas, reformulações, reinterpretações; propiciar aprendizagem de códigos sociais; estimular a produção de novas perspectivas. Atraem, encantam e integram participantes. Envolvem ricos e pobres; distintas origens étnicas; sagrado e profano. Não resolvem os conflitos e as desigualdades sociais. (Firmo s/d *apud* Tavares; Bassi, 2015, p. 139).

Pode-se ainda comparar essa prática a uma comemoração dos moradores que não tinham acesso ao cenário de ostentação em que as festividades católicas foram convencionadas. É um evento paralelo, com os participantes podendo expressar suas linguagens e afirmando suas identidades longe das convenções impostas pelo catolicismo. Através dessa brincadeira podem ser revelados aspectos da história e da experiência humana que podem ser transmitidos por gerações, com uma capacidade única de preservar e comunicar a memória coletiva da comunidade de Caboto.

A Santa Mazorra ainda revela a identidade cultural do povo de Caboto, esse povo que tem em suas origens a descendência do povo negro escravizado, que trabalhava no Engenho Freguesia. Essa ação lúdica retrata a oportunidade que os negros tinham de reverenciar suas crenças, depois que os Senhores realizavam suas comemorações.

Neste ano foram arrecadados, em média, 450 reais, além de 13 galinhas e vários alimentos. Os valores arrecadados foram convertidos em bebidas e os alimentos em comida para os participantes, concluindo mais uma forma de expressão cultural que se sustentam na base do ciclo da fé em São Roque, na congregação dos participantes e na brincadeira coletiva.

Na próxima, etapa desse estudo será apresentada a Seção IV – As vozes dos sujeitos da festa de Caboto. As narrativas referentes às entrevistas desenvolvidas na pesquisa de campo, tendo como sujeitos, anciões moradores, antigos e atuais, participantes dos Festejos de São Roque, incluindo as memórias da pesquisadora.

5 SEÇÃO IV – A VOZ DOS SUJEITOS DA FESTA DE CABOTO

A presente seção destina-se a relacionarmos os principais conceitos teóricos discutidos nesse trabalho com as narrativas de participantes da Festa de São Roque, fruto das entrevistas realizadas. Dentre essas narrativas, inclui-se as vivências e memórias da pesquisadora, como sujeito integrante do grupo de participantes da festa desde sua infância. Com as análises desenvolvidas pretende-se apontar as representações de políticas linguísticas que surgem nas linguagens exibidas na pesquisa, quer seja nas “vozes” dos participantes, quer seja nos hinos e/ou cantos. Também pretende-se entender as categorias “memória” e “identidade” nas peças de linguagem analisadas, percebendo a manutenção da cultura do povo negro nos festejos populares contemporâneos. Ainda, possivelmente, podemos encontrar indícios da contribuição da festa para o desenvolvimento cultural e turístico de Caboto.

5.1 CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS E SUAS IDENTIDADES

A fim de analisarmos a primeira categoria das entrevistas elegemos as perguntas que expõe características pessoais dos participantes dos Festejos de São Roque. Para tanto, descreveremos cada um dos entrevistados utilizando seus codinomes como estratégia para preservar suas identidades pessoais.

Reiteramos que a Identidade, já conceituada nesse estudo conforme Ciampa (1997) consiste em uma metamorfose, um processo que se transforma, resultado de cruzamentos entre as questões pessoais, históricas e sociais. Também, a partir de Stuart Hall, defendemos a ideia de que o sujeito se constitui por diversas identidades em diferentes conjunturas sociais, que assumem contornos históricos e não biológicos, tudo isso alinhado às influências da cultura.

Dessa forma, abordamos a categoria “identidade” estudada neste trabalho a partir das falas dos sujeitos da pesquisa. No quadro abaixo, podemos observar como cada pessoa entrevistada se identifica com o território em foco nesta investigação e com a Festa de São Roque. Mantivemos, sempre que possível, a transcrição das falas dos sujeitos no preenchimento dos campos informativos dos quadros apresentados.

NOME	IDADE	IDENTIFICAÇÃO COM O TERRITÓRIO	IDENTIFICAÇÃO COM A FESTA
Malvina	82 anos	Moradora de Caboto desde que nasceu	"[...] hoje, tenho em São Roque o meu santo protetor, estou adoentada, mas ele me sustenta."
Curió	74 anos	Sempre morou na localidade	"Quando me vejo no acompanhamento de São Roque, sinto que essa festa me pertence e eu pertenço a ela. Durante toda minha vida estive presente nesse momento."
Bica	72 anos	Natural de Ilha de Maré, morou em Caboto desde o casamento, atualmente mora em Salvador.	"[...] o que me traz a esse lugar é sempre quando tenho alguma coisa a fazer na igreja, tem celebração, missa ou alguma coisa sobre a festa pra resolver. Essa festa representa um pedaço da minha fé, da minha devoção ao meu São Roque."
Praia	79 anos	Mora em Salvador, saiu de Caboto para estudar e constituir família em Salvador, onde mora atualmente.	"[...] fui estudar em Salvador, depois casei e continuei por lá, mas, nunca deixei Caboto... até hoje mantenho minha casa e minha devoção a São Roque. Meus filhos são apaixonados por Caboto".
Coroa	78 anos	Nascida e criada na comunidade.	"A festa de São Roque é a lembrança viva da minha adolescência, quando comecei a namorar..."
Pesquisadora	53 anos	Nasceu, cresceu na comunidade. Mora no centro de Candeias	"A festa de São Roque representa os aspectos culturais da minha história, da comunidade de Caboto. Esse é um elemento que converge minhas crenças, minhas referências de família e de encontro com pessoas queridas que vejo apenas nesses dias de festa."

As entrevistadas Bica e Praia, atualmente moram em Salvador e deixaram de morar em Caboto pelas questões estruturais da região, ou seja, sem água

encanada, sem asfalto, sem transporte coletivo regular, entre outras necessidades básicas. Entretanto, percebemos que Bica e Praia mantiveram sua devoção a São Roque, mesmo residindo em outra cidade, demonstram a manutenção de seus pertencimentos à comunidade de Caboto, não anulando suas identidades coletivas.

Coroa, por sua vez, passou a ser evangélica, adotando uma nova identidade religiosa. Nesse caso, houve uma alteração significativa no contexto social e cultural da participante – identificação com outra religião – revelando o caráter dinâmico da identidade, conforme explicado na seção 1, a partir das novas vivências pessoais da participante. Essa “metamorfose” (Ciampa, 1987), provoca um afastamento identitário da participante com a Festa de São Roque na atualidade, no entanto sua identidade do passado continua existindo no campo da memória, como veremos mais adiante.

Observa-se, no relato de Curió, um sentimento de pertencimento identitário muito evidente ao se referir à Festa – no caso quanto à sua participação na Procissão Marítima – como um elemento cultural constituidor de sua identidade,

Em outras vozes, identificamos essa admiração pela Procissão Marítima, com um aspecto saudoso, uma vez que, no passado, envolvia várias práticas culturais, as quais foram mudando ao longo dos anos, mas que seguem sendo uma marca da identidade do povo de Caboto. Destaco a voz de Malvina (2024) quando a entrevistada declara sua fé a São Roque, confessando que, doente, acredita que o santo lhe trará a cura, uma vez que o São Roque é o santo da proteção aos enfermos. Essa demonstração de fé e confiança reafirma a identidade religiosa da entrevistada, e a Festa consiste em uma manifestação de louvação e agradecimento, reforçando o pertencimento da entrevistada a essa cultura.

Bica (2024), para além de declarar sua ligação identitária com a Festa, revela em sua fala sua relação de pertencimento ao Território de Caboto:

A festa de São Roque é o elo mais forte que me une a Caboto hoje né. Tenho meus amigos na comunidade né.

Mudei para Salvador, por conta dos meus filhos né, para que tivessem um estudo melhor para eles, uma vida melhor não que nosso endereço anterior fosse ruim em nossa terra porque eu não sou filha de Caboto, mas, me considero como tal porquê eu tenho muito mais lembrança da minha vida vivida lá (pausa)

Quando me casei passei a amar o lugar de coração, a terra e as pessoas que me cercaram. Graças a Deus não tenho nada contra a família também (Bica, 2024).

Essa narrativa expressa o sentimento da entrevistada em fazer parte desse local, em ter a identidade de moradora de Caboto, apesar de ter nascido na Ilha de Maré. Ela declara que a comunidade de Caboto é seu lugar de escolha para morar e criar seus filhos. Mesmo tendo se sentido obrigada a procurar melhores condições para sua família em outro território, sua pertença identitária mantém-se viva em relação a Caboto e à Festa.

Praia, por sua vez, expressa uma nostalgia ao declarar suas limitações em participar dos festejos de São Roque, como explica ao reconhecer sua situação de cadeirante. Porém reconhece a sua fé e devoção pelo santo protetor.

Hoje no dia da festa sinto muitas saudades porque hoje sou cadeirante e não consigo participar das novenas, da procissão, do acompanhante, por que vivo nessa cadeira e dependo de outra pessoa para ir e vir, e tenho uma saúde debilitada, mas São Roque tem me ajudado e ele sabe o quanto desejo estar em Caboto nos dia de sua festa (Praia, 2024).

Relatar sobre os Festejos de São Roque é como reviver a infância, trata-se de registrar fatos que contam a história de Caboto e que, conseqüentemente, falam de mim. É o efeito de pertencer a uma cultura, de compartilhar tradições e crenças com a comunidade que me viu crescer. Nos festejos do ano de 2024, especificamente no momento da missa, esses sentimentos ficaram nítidos. Percebi que apenas nós, os participantes fiéis, sustentamos, com nossas identidades, os ritos litúrgicos que expressavam o amor a São Roque. Observei, no capricho da ornamentação do altar, nas vestes de gala dos párocos, nas músicas e hinos entoados, nas camisas combinadas, toda uma declaração de veneração e dedicação dos moradores e amigos da comunidade de Caboto. Foi um dia cheio de recordações, até que encerramos a parte religiosa com a procissão terrestre.

Santos (2011) explica que o sentimento de pertencimento a um povo, a uma cultura, nacionalidade, região, religião, grupo, ou a outra forma que se constitui a identidade cultura se dá a partir da construção das identidades. O autor destaca o papel de uma intencionalidade, nesse processo, que se desenvolve em meio a diversos fatores socioculturais e políticos. Essas intencionalidades, conforme destaca, Nilma Gomes (2002), participam de interações e relações com outras pessoas, as quais harmonizam as identidades pessoais e as identidades sociais.

Optamos por fazer destaques nas falas dos sujeitos da pesquisa para, mais adiante comentarmos todos esses destaques com relação à linguagem por eles utilizadas.

5.1.1 A pesquisadora como sujeito de sua pesquisa

Apesar de pesquisadora, me insiro como participante da festa desde os meus dez anos de idade, que contribuiu e ainda contribui para a construção da minha identidade, me tornando também sujeito dessa pesquisa. Sinto-me representada pelos festejos de São Roque, me junto às vozes apresentadas nesse estudo e trago algumas memórias individuais para reforçar o grupo de informações, valores e ideologias expressos pelos participantes da pesquisa.

Desde a infância acompanhei meus pais em quase todas as etapas da festa, principalmente os acompanhamentos, ou Procissão marítima. Eram nesses períodos que tínhamos as roupas e sapatos mais bonitos, todos se arrumavam da melhor maneira possível para celebrar o dia do santo. Eram dias de termos visitas, tias, primos e amigos.

Cantei no Coral da igreja de São Roque até aos 14 anos, nas missas e novenas. Participava dos rituais, mas o que me encantava eram as ações que envolviam a comunidade, a Esmola cantada e a Santa Mazorra. Essas eram as atividades mais esperadas por mim. Carrego nas lembranças muitas emoções dessas experiências. A gravidez precoce afastou-me de todas as ações culturais que envolviam os Festejos de São Roque. Alguns anos mais tarde, mãe solo, professora, mulher independente e solteira, volto ao convívio da comunidade e a participar dos festejos do meu santo protetor. Era a retomada de identidades guardadas no baú dos sentimentos.

Incomodou-me as transformações sofridas nos Festejos de São Roque e, em grande medida por conta disso, dediquei-me a desenvolver esse estudo que contaria um pouco de minha história e da história de Caboto. Aos poucos, as participações nos rituais que envolvem as celebrações de adoração a São Roque foram se efetivando.

Em 2024, minha participação iniciou com a distribuição das cartas nos bares e restaurantes numa cerimônia de convencimento da necessidade da participação desses atores, as poucas pessoas que aceitaram receber as cartas se sentiram

privilegiadas em doar parte de seus proventos para a manutenção da cultura local. Depois de alguns dias, recebi o convite para participar da “Esmola cantada de São Roque”. Foi exatamente no dia 02 de julho. Iniciamos o ritual com uma oração, suplicando ao santo, proteção e muitas doações, era um grupo pequeno que ao longo do percurso foi crescendo. Havia alegria junto aos católicos ao receberem em suas casas o grupo de pedintes em nome do santo, demonstrando pertencimento a essa tradição manifestada naquela simples ação carregada de emoção, nostalgia e divertimento. O tempo era curto, mas não podia faltar a cantoria e as doações eram colocadas na bolsa de São Roque.

Infelizmente, não foi possível estar presente no acompanhamento marítimo, mas consegui registros fotográficos compartilhados pela comissão dos festejos. Esses revelaram a harmonia e satisfação dos poucos devotos que participaram nessa demonstração de persistência e fé para cumprir com todas as etapas que envolvem os Festejos de São Roque em Caboto, Candeias - BA.

Quando chegou o grande dia, 16 de agosto, o céu de Caboto amanheceu iluminado com os vinte minutos de fogos anunciando o dia do santo, a Alvorada. Uma pequena representação da Alvorada de anos passados. Ao lembrar, a emoção me toma ao memorar que, às 5h00 da manhã desse dia, acordamos, eu e meus irmãos, para registrar esse momento. A missa começou exatamente às 10h00, com a igreja cheia, não havendo lugares para todos sentarem. Muitos visitantes e poucas pessoas da comunidade

A parte profana foi iniciada à noite com bandas locais, com destaque para a “Banda Brasiham Brós”, e também houve bandas no sábado e no domingo, dias 17 e 18 de agosto. Parte da festa foi financiada pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Candeias. Com a Santa Mazorra, fechamos o circuito das comemorações dos Festejos de São Roque nessa edição de 2024.

Ao apresentar as falas dos demais sujeitos participantes dessa pesquisa, trarei minhas contribuições pessoais em cada categoria analisada, a partir de minhas vivências do passado e da experiência de participar da festa em 2024. Entendo que é difícil separar a pessoa da pesquisadora e que as intenções investigativas podem, em alguma medida, influenciar a condução de minhas falas. No entanto, buscando a honestidade e fidedignidade de minhas declarações, acredito poder contribuir para as reflexões que estamos propondo em cada momento de análise deste trabalho.

A partir do exposto pelos sujeitos, concordo com o pensamento de Hall (1987) que a identidade é cultivada e modificada sempre em relação às formas pelas quais somos concebidos ou confrontados nos sistemas culturais que nos rodeia, o sujeito adquire distintas identidades em diferentes momentos. As falas apresentadas declaram que a identidade denota a pertença a um grupo étnico, racial e/ou cultural, sua identificação de gênero entre outros aspectos identitários. Todas essas extensões de identidade estão conectadas e pode ser influenciados pelo contexto sociocultural e experiências pessoais apresentadas nessas memórias.

5.2 AS MEMÓRIAS DOS FESTEJOS DE SÃO ROQUE

Nesta subseção, serão analisadas as questões relacionadas às memórias dos participantes como lembranças que trazem cruzamentos diretos com as etapas dos Festejos de São Roque, em Caboto. São memórias que ressignificam a cultura desse território, constituindo identidades através da manutenção de valores e ideologias a partir da construção de memórias coletivas desse grupo.

A definição de “memória”, apresentada na seção 1, destaca a capacidade de lembrar e guardar ideias, imagens, deslumbramento, informações e experiências vividas no passado, podendo rever esses dados sempre que houver um estímulo que leve a recordações de momentos reconstruídos na mente humana. Diante disso, a partir das ideias de Assumpção e Castral (2022), a memória consiste em lembranças de um passado que repercutem no presente, colaborando para adaptar as modificações ocorridas em nossa identidade. Dessa forma, as influências sociais e as experiências vividas, lembradas ou esquecidas, cooperam para a constituição das características individuais e de tudo aquilo que nos rodeia.

Percebemos esses aspectos durante toda a pesquisa e agora, na análise dessa categoria, iremos destacar alguns aspectos relevantes das questões que envolvem “memória” através nas vozes dos sujeitos da festa de Caboto. A partir do quadro abaixo, apresentamos narrativas que expõem memórias dos participantes dos Festejos de São Roque em Caboto, Candeias – BA. São lembranças da festa que envolvem também as mudanças ocorridas nesta ao longo do tempo.

NOME	LEMBRANÇA DA FESTA QUE MARCOU SUA VIDA	MOMENTOS QUE GUARDA DA FESTA DE SÃO ROQUE	A FESTA SOFREU MUDANÇAS, DO QUE SENTE FALTA?
Malvina	“Só aos 23 anos que pude ir com meu noivo, meu atual marido, que exigiu do sogro que deixasse eu ir. Papai brigou muito, disse que aquele não era lugar de suas filhas ir, pois tinha muitos homens, mas meu noivo exigiu e disse que estaria sobre sua responsabilidade... <i>Eu tomo conta</i>, ele disse. (risos)” E saímos num domingo bem cedo, às 05 da manhã, vários barcos de Caboto para a Conceição da Praia (em Salvador) com muita alegria e cantarolando as músicas do louvor ao Santo. Quando chegava na igreja da Conceição da Praia, a gente ia pra missa que começava as 08 da manhã, rezava, rezava... Depois voltava todo mundo para os barcos, agora trazendo o santo... era nesse momento que era a diversão, nunca tinha saído de Caboto. Isso aconteceu a um bocado de tempo.	“A festa sempre foi à única diversão que tinha em Caboto... terminava hoje e amanhã já se começava a pensar na organização do próximo ano... escolhia o presidente e o tesoureiro para começar a organização da festa do próximo ano. Tenho algumas lembranças como da banda de instrumentos de sopro que vinham tocar na novena... músicos fardados de azul e branco... era a sensação das mulheres solteiras. Eles tocavam as 09 noites da novena, dormiam e se alimentavam na sede. As esposas do presidente e do tesoureiro eram responsáveis pela comida e acomodação dos músicos... não faltavam meninas para ajudar. Papai não permitia que chegássemos nem perto!”	“Uma grande mudança da festa, era as barracas de rua que eram arrumadas na beira da praia, todas no mesmo padrão, com lonas e mesas e bancos de madeira. As ruas ficavam lotadas com pessoas, barracas de doces, acarajé e jogos também. Vinham de muitos lugar para armar suas barracas. Mudou porque a prefeitura começou a cobrar valores para os barraqueiros, principalmente quem era de fora de Caboto. “Com o passar do tempo foi diminuindo a quantidade, hoje apenas os bares vendem na festa, há poucas barracas na festa de São Roque, só de lanche, capeta e alguns moradores que vendem no isopor.”
Curió	“Todos meus filhos foram batizados nos dias de festa	“A festa dançante no Caramanchão coberto	“Sim, sofreu muitas mudanças, não temos mais o

	de São Roque, pra ele abençoar a vida deles, livrando de toda peste.”	com as lonas das velas dos barcos, porque nesses dias de festa chovia muito e precisava proteger os tocadores.”	apoio da comunidade, alguns passaram para outra religião. São poucas pessoas que vão pra missa, pra novena, pra procissão. Vão mais pra Santa Mazorra.”
Bica	“Eu lembro que nos dias que antecedia o dia da festa, tinha muito vento forte, muito chuva e as pessoas como eu, que moravam do outro lado, ou seja, na Ilha de Maré ficava rezando para aquela tempestade passar para poder a gente ir, a única forma atravessar era barco. O interesse da gente era muito grande, não só pela festa religiosa, mas também a festa profana, ou seja, a festa dançante, a queima de fogos que era o ponto alto da festa que hoje não temos mais.”	“Nessa época eu vi é o respeito e a fé é muito grande do povo, eram pessoas simples, assim como todos nós, mas eram pessoas que tinha muito respeito né, não entendia muito, porque hoje em dia a gente compreende as missas. Naquele tempo era em latim né, e não tinha participação do povo só escutava o que falava em Deus e as pessoas acreditavam... então eu achava que naquele tempo a fé e o respeito eram muito maiores do que isso... e aí é um tempo que eu sinto saudade.”	“A queima de fogos deixou de acontecer pela falta de recurso e por falta de interesse das pessoas da comunidade, porque já naquela época não existia essa coisa de ‘vamos até a prefeitura’ né, ‘vamos até um político’ né”... a festa era feita com recurso próprio, com as pessoas da comunidade que tinham interesse... e mesmo com a pobreza, eles trabalhavam pensando nesse dia e se juntava com um pouco de cada um e no dia da festa tinha fogos de artifício. “Tinha uma sincronia, a festa dançante só começa quando tocava os foguetes do final da novena e da missa.”
Praia	“A minha primeira Eucaristia aconteceu num dia da Festa de São Roque... eu tinha 12 anos, mas me lembro como se fosse hoje. Só eu fiz a primeira comunhão. São Roque me ajudou porque o padre não queria deixar, porque era de outra Paróquia. Mas minha avó conseguiu convencer ele. Lembro também do dia que	“As maiores lembranças que tenho da festa era quando chegava a Banda de Madre de Deus... já vinha tocando no mar. Era muito emocionante! Toda a beira mar cheia de gente esperando o barco encostar com os músicos. Só tocava marchinhas, o hino de	“A festa mudou. Porque hoje fica dependendo da prefeitura de Candeias que antes tínhamos os juízes que trabalhava pra festa, fazia de tudo pra dar tudo certo e a festa brilhava tinha várias barracas na beira da praia e todo mundo participava... era feita com o dinheiro do povo, com dinheiro das cartas de São Roque. Era uma disputa

	meu pai passou mal porque não deixaram São Roque vir no barco dele, ficou muito chateado, pois reformou o barco e queria que São Roque viesse com ele no acompanhamento.”	São Roque e de Senhor do Bomfim.”	para quem ia ser Juízes da festa. Era uma alegria ouvir o nome de quem ia assumir a organização da festa do ano que vem. Tinha muita força!... pouco dinheiro, mas muita força de vontade.”
Coroa	“O batizado do meu filho foi no primeiro ano de seu nascimento, todo vestido de branco, toda família presente. Uma grande festa foi organizada para comemorar o batizado na festa de São Roque. Nesse período, era o momento de arrumar nossas casas, vestir as melhores roupas, pintar os cabelos, enfim, era o acontecimento do ano. As casas eram pintadas para a festa. As casas se abriam para receber familiares e amigos. Eram pessoas de muitos lugares. Os vizinhos e amigos se perguntavam: ‘Já comprou suas roupas e sapatos pra festa? Já pintaram a casa?’	“Antigamente, havia uma disputa dos homens para carregarem o andor do Santo... muitas pessoas querendo levar... agradecer pelas graças que alcançou... fico emocionada de lembrar como as pessoas gostavam de participar, todos arrumados, em respeito ao santo, cantando os louvores.”	“A festa hoje é outra... no tempo da minha mocidade. Tinha festa na sede e nas barracas, eu dançava agarradinha com o meu par que depois virou meu marido. Hoje só tem bandas de pagode e arrocha, e ainda tem brigas.”
Pesquisadora	“A surpresa ao ouvir alguém que estava no palco da festa de São Roque, em pleno domingo, a praça cheia, era uma tarde, ano de 2005. ‘Essa música vai para uma pessoa que não vejo há 17 anos [...]’ <i>Quando eu vi Me amarrei</i>	“A primeira vez que fui a Ilha de Maré, participando da Esmola de São Roque, foram barcos e canoas cheias de fiéis, desde a saída pela manhã até a volta à noite. Com muita alegria, cantos e hinos para louvar o santo e não podia faltar a reza.	“A festa mudou muito, era um espaço de adoração e diversão para todas as idades. Mesmo quando crianças, tínhamos o espaço das barracas de jogos, dos baleiros, dos quitutes vendidos nos tabuleiros de Baiana de acarajé. Percebo a falta de envolvimento das pessoas da comunidade com a única

	<i>No teu sorriso sonhei (...)</i> <i>(Música da Banda de pagode Exalta samba)</i> Foi uma linda declaração de amor, um registro na Festa de São Roque, que só eu sabia que era pra mim.”	Depois de batermos de porta em porta pedindo a contribuição das pessoas daquele lugar para a realização da festa nos reunimos em bar na praia e formou-se uma roda de samba e se juntou ao nosso grupo outras mulheres e homens.”	expressão cultural que se manteve viva desde a criação da vila até os dias atuais.”
--	--	--	--

É interessante perceber que, conforme explicado por Pedrazani na Seção 1 sobre a ativação da memória, houve uma volta ao passado favorecendo uma série de apelos sensoriais dos participantes a partir de suas lembranças. Cenas, emoções, imagens, sons e uma série de recordações ilustram os envolvimento de cada participante relacionado a São Roque e à Festa em si. Tal como argumentaram Assumpção e Castral, também na Seção 1, esse passado “revisitado no presente” evoca questões coletivas e individuais através das cenas recordadas, da exposição dos valores da época, aspectos que reforçam os traços identitários de cada um, bem como da comunidade.

Diante do exposto no quadro, encontramos na voz de Praia, aspectos da construção social da memória, organizada durante seu crescimento perto de sua avó, que desempenhava um papel importante na organização da festa. A entrevistada seguiu o seu exemplo de adoração a São Roque, assumindo essa identidade e transmitindo para outra geração. Ainda encontramos nessa voz, o registro da prática de entrega das Cartas com o objetivo de arrecadar recursos para a organização da festa, demonstrando uma prática antiga que sobreviveu as mudanças dos Festejos de São Roque.

Ainda, observamos uma demonstração de emoções bastante significativa na narrativa de Praia quando relata sobre a realização da sua Primeira Eucaristia, um ritual de comunhão e fé efetivado na Igreja de São Roque em um dia de sua festa, evidenciando a importância desse marco religioso em sua identidade. Também destacamos uma memória que traduz sua emoção – e de toda comunidade – com a chegada da banda de músicos em barcos, uma nostalgia que também é revelada ao

lembrar-se da tristeza de seu pai, por não ter conseguido transportar o santo durante a Procissão marítima. É notável sua admiração pela comunidade mais antiga de Caboto, descrevendo a força da união dos moradores na organização dos Festejos de São Roque, bem como a importância afetiva de situações ligadas à Festa em suas memórias identitárias.

A partir das questões relativas a memórias aqui expostas, reafirmamos a ideia da memória coletiva, como confirma Perez, na seção 1, em que as memórias são erguidas ao longo do tempo pelos grupos sociais, pois é na coletividade que são motivadas as recordações de imagens do passado. A memória seria perpetuada pelo deslumbramento deixado pelos eventos ocorridos e permanecem marcadas na memória das pessoas.

Analisando as narrativas sobre as lembranças que marcaram as vidas dos entrevistados, destacamos ainda a fala de Curió (2024) sobre o batismo dos filhos na festa do santo a fim de protegê-los de doenças como uma marca da sua devoção. Aqui, mais uma evidência da constituição identitária religiosa dos sujeitos, uma forma de unir a comunidade em torno de valores comuns. Percebemos também o cuidado que os Juízes da festa tinham em proteger os músicos e seus instrumentos das chuvas que, normalmente, caem no mês de agosto. Eles precisavam garantir o baile, outro elemento de congregação comunitária, driblando os fenômenos naturais. Porém, Curió não disfarça a tristeza de reconhecer o esvaziamento da comunidade nos rituais eucarísticos, que seriam o ponto de fé e devoção, o contato mais direto com as questões religiosas nos festejos.

Coroa (2024), também retrata em sua fala a alegria do batizado de seu primeiro filho, exhibe a comemoração organizada nesse evento, resultando na comunhão da família e na fé em São Roque. Mais uma vez, os valores religiosos coletivos estão presentes nas memórias expostas pela participante da pesquisa. Seus sentimentos na relação com a festa são percebidos ao descrever suas lembranças sobre a participação das pessoas nos festejos destacando que todos queriam segurar o andor como forma de agradecimento por uma graça alcançada. Segundo a entrevistada, havia uma preocupação em apresentar as melhores roupas, a arrumação das casas, enfim toda uma preparação para o dia dos Festejos de São Roque, evidenciando querer manter o mais belo – nas vestimentas e nas casas – para agradar ao Santo. Ela ainda retrata como as mudanças na festa

dançante afastam as pessoas idosas, atualmente há interesse por músicas como “Pagodão” e o “Arrocha”.

Essas afirmações conversam com o que expõe Ferreira, na seção 3, que a festa antes das tecnologias das informações, estabelecia a mais importante atividade pública. Eram momentos de afirmação da identidade coletiva que os sujeitos demonstravam seu “pertencimento” a determinado grupo. A chamada “modernidade” traz para as comemorações mudanças que, em grande medida, não representam mais as gerações passadas, privilegiando culturas, valores e gostos dos mais novos.

Observamos a demonstração de fé e confiança que os devotos depositavam no santo, como confirma Tavares e Bassi (2015), também na seção 3, uma vez que São Roque é o santo associado ao amparo contra as pestes e está relacionado às doenças que acometem as comunidades. Por conta disso, são realizadas promessas que simulam uma maneira de comunicação religiosa e de ligações entre o mundo sagrado e o terreno, pelos milagres solicitados pela mediação dos santos e garantidos pelo “pagamento” prometido quando a graça é conseguida.

Essas memórias estão registradas como identidades coletivas e valores do povo católico de Caboto, uma marca que aparece em outros discursos e práticas descritos nessa pesquisa. O batismo representa o primeiro dos sacramentos e é avaliado como um rito de passagem da criança no início da fé e vida cristã. A primeira Eucaristia, também um sacramento dessa religião, significa que a criança está preparada para receber o corpo e o sangue de Cristo.

A respeito dos momentos que guardam da festa de São Roque, destacamos as memórias de Malvina (2024) e Praia (2024), ambas relataram sobre a Banda de Madre Deus que chegava de barco para tocar na festa. Essa memória coletiva retrata a identidade dos moradores de Caboto. A procissão Marítima exhibe essa prática cultural das vivências desses habitantes que dependiam do transporte marítimo para sua locomoção, além de outras atividades como a pesca, as corridas de canoa.

Todos os entrevistados, assim como vários dados apresentados nesse estudo evidenciam que os Festejos de São Roque em Caboto sofreram mudanças. Do ponto de vista de pesquisadora e participante da festa, concordo com essa afirmação que demonstra que a festa vem passando por transformações ao longo dos anos. As mudanças ocorreram principalmente pela falta de interesses de alguns

moradores da comunidade em participar da parte religiosa que envolve a festa e os encargos assumidos pela Prefeitura de Candeias criando uma insatisfação aos organizadores. Ainda podemos considerar a realidade do expressivo número de igrejas evangélicas neopentecostais que se instituíram em Caboto que contribuem para o enfraquecimento da fé católica no território.

Diante das vozes dos sujeitos da festa de São Roque, observa-se que as lembranças apresentam as habilidades dos indivíduos em compreender e reunir experiências, saberes, sensações, emoções e sentimentos que foram guardados na memória. Esses aspectos representam a identidade social de uma comunidade como explica Tolentino et. al., na seção 1. Os sujeitos da festa relatam suas tristezas ao observar as mudanças na festa, ao descreverem o quanto sentem falta de alguns aspectos da organização da festa, do compromisso dos participantes nos rituais festivos e na manutenção da festa com seus próprios recursos. Esses aspectos representam o que Le Goff (2013) diz, na seção 1, que a memória é um item efetivo que chamamos de identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades.

O segundo grupo de questões da entrevista trata das relações dos participantes com a festa, recuperadas a partir das memórias dos participantes. Com relação ao surgimento do santo em Caboto, Malvina expõe não ter conhecimento de como ele apareceu o santo na comunidade. No entanto, Curió, Coroa e Praia apresentam uma declaração muito semelhante, a partir de narrativas contadas pelos seus ancestrais, que convergem para a ideia de que a imagem de São Roque foi encontrada pelos escravizados na senzala, nas ruínas do Engenho Caboto. Essa também é a memória registrada nas conversas da minha família, em que meus pais, enquanto católicos praticantes e, especificamente, devotos de São Roque, reafirmam essa versão. Essas lembranças nos mostram que os Festejos de São Roque consistem em uma herança cultural da nossa ancestralidade negra que constitui parte da população de Caboto.

Porém, Bica (2024) relata que “São Roque atravessou da Ilha de Maré para Caboto, aí naquele lugar que chama Caeira no restaurante, sabe as pessoas viram que tinha os pés de São Roque e do cachorro dele”. Nessa fala, percebemos uma ideia trazida de outra comunidade, totalmente contrária ao que foi dito pelos nativos de Caboto. Com essas ilustrações, podemos comparar ao que foi discutido sobre a construção da memória coletiva que pode ser transmitida pelos mais velhos, uma

vez que suas lembranças constituem um patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com as novas gerações, como afirma Magalhães na seção I.

Explica-se a memória coletiva desse grupo de moradores da comunidade de Caboto, compreendendo que elas fazem parte do conjunto de experiências, histórias e tradições compartilhadas por eles. Essas memórias reforçam os vínculos sociais e estimula o pertencimento a identidade negra. Além de promover o histórico sobre o território a ser transmitido para as novas gerações. Essas memórias coletivas ajudam a definir a identidade cultural da comunidade de Caboto transmitindo valores, crenças e heranças culturais de uma geração para outra.

Quanto à participação na festa, os entrevistados, recuperando suas lembranças, responderam que participam/participavam da festa desde suas infâncias, exceto Bica, que começou na adolescência, como expõe:

Comecei a frequentar festa de São Roque na adolescência quando ia com minha família né, morávamos em Ilha de Maré, aí comecei a namorar uma pessoa de lá que era o filho da comunidade né, por volta dos anos 70 e aí ia todos os anos, não perdíamos a festa (Bica, 2024).

Observamos nas vozes dos sujeitos e relatos de seus familiares como participantes da festa, na sua infância e na sua mocidade, construindo uma linha do tempo dos Festejos de São Roque em Caboto até os dias atuais. Considerando a idade da participante, e que seus avós e pais já participavam da festa no passado mais distante, podemos afirmar que a festa possui mais de dois séculos de existência, em que os moradores de Caboto vêm compartilhando suas crenças, seus valores e construindo sua identidade coletiva.

Sobre o trabalho na organização dos Festejos de São Roque, apenas Coroa não teve participação ativa. Observa-se uma característica comum entre os participantes, uma descendência familiar no culto a São Roque, na qual, se não os pais, são os avós as referências ancestrais para a devoção ao santo. A esse respeito e sobre trabalhar na organização da festa, destaco a voz de Praia (2024),

Eu seguir a devoção de minha avó, ela era muito dedicada e contribuía para que a Festa acontecesse. O que eu mais gostava era das quermesses, minha avó organizava as brincadeiras, eu a ajudava estava sempre envolvida com toda programação. A quermesse era para arranjar o dinheiro para a festa de São Roque.

Sim, no tempo que participava da organização eu fui juíza da festa de São Roque durante alguns anos, nessa época tinha as quermesses, festas pra coletar dinheiro, vendiam comidas e outras coisas pra arrecadar o dinheiro para organizar a festa, por que tinha os juízes que eram responsáveis pelas entregas das cartas, cada um era responsável para entregar uma quantidade de cartas, e todos dava o que podia com muito amor e fé em São Roque (Praia, 2024).

Nessas declarações, observamos como as memórias apontam aspectos das identidades dos sujeitos entrevistados, revelam suas expectativas sobre os sentimentos, sobre as emoções, possibilita reviver experiências provocadas por rituais que repetem todos os anos, quase sempre de forma diferente. Sobre isso, Bosi apresenta, na seção I, que as ideias coletivas constroem a identidade da comunidade e a imagem que pretendem passar à toda sociedade. Nas palavras da autora “Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos.” (Bosi, 1994, p. 67). Dessa forma os sujeitos da Festa de Caboto registram suas marcas na história desse território, construindo a identidade coletiva da comunidade ao longo dos anos, nesse caso, a partir dos festejos de São Roque.

Diante das vozes dos sujeitos de pesquisa, podemos perceber a festa de São Roque como um espaço religioso e lúdico de práticas culturais e construção de saberes e identidades, que se manifesta a partir de diferentes linguagens, promovendo memórias coletivas que abrangem extensões socioculturais e religiosas. Conforme afirma Le Golf (2013), na seção I, a recordação pode construir a identidade de uma comunidade, de forma individual ou coletiva, transmitindo impressões do passado para as gerações futuras.

Percebemos, portanto, que as vozes dos sujeitos dos festejos de São Roque expressam sua identidade coletiva através de suas memórias individuais e coletivas retratando suas emoções, suas lamentações, suas críticas e expectativas para a perpetuação dessa prática cultural e religiosa da comunidade de Caboto.

5.3 AS LINGUAGENS E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Nessa subseção analisamos aspectos relativos às linguagens que apareceram na pesquisa. São as ilustrações de práticas percebidas nos rituais religiosos, nas manifestações culturais e, portanto, que colaboram com o fortalecimento das identidades através do passado histórico do povo de Caboto e da

Festa de São Roque. Dessa forma, traremos, em alguma medida, evidências da cultura ancestral negra apresentada pelas linguagens dessas pessoas mais antigas, que nasceram/cresceram nesse contexto social.

A Esmola Cantada, como dito antes, é uma etapa dos Festejos de São Roque que ainda ocorre, porém de forma singular, com poucos participantes e em uma única ação no ano de 2024. Essa etapa envolve diferentes práticas de linguagem, como músicas, danças, falas etc. É uma manifestação de expressão popular que mescla a prática de pedir ajuda com o emprego da linguagem musical. Ela configura a linguagem de um povo de maneira única, pois reflete aspectos culturais, sociais e históricos da comunidade de Caboto. Essa prática está fortemente ligada à oralidade, ao modo como a tradição e os costumes são transmitidos ao longo do tempo, e ao uso de recursos linguísticos que carregam identidade local.

A música entoada nas esmolas cantadas reflete os valores, crenças e tradições de uma determinada comunidade. Ela pode conter expressões típicas, regionalismos e simbolismo que são específicas do povo. Dessa forma, ela se torna uma maneira de preservar e reforçar a identidade cultural. Apresentamos o hino da nossa esmola na Seção II, uma das linguagens orais destacada nesse estudo.

A expressão "**afugentando** a peste", presente no hino da esmola de São Roque em Caboto, faz referência à ideia de que São Roque é invocado para afastar ou curar as doenças, especialmente a peste, como a Peste Negra (Europa, século XVI), era associada a epidemias mortais. Essa expressão é carregada de simbolismo que atravessam essa prática religiosa e cultural, conforme Simões Junior (2022 p. 168) explica, "o simbolismo teria muito menos coesão e poderia ser considerado principalmente um filho da reação espiritualista, mística, cristã que se verificava no final do século XIX [...]". Esses simbolismos ajudam a manter vivas as tradições religiosas africanas, mesmo em um contexto de dominação cultural e religiosa, e são formas de resistência e preservação da identidade cultural.

No âmbito do simbolismo, o sincretismo religioso – como apresento, a partir das ideias de Martins, na seção 3 – é um ajuntamento de signos que, nesse caso, refere-se um jogo ritualístico de dupla significância: de um lado, nomes cristãos e ícones religiosos católicos (como N^a. S^a. da Conceição e Jesus Cristo) e, do outro, as divindades africanas (como Iemanjá e Oxalá). É interessante pensar no sincretismo enquanto linguagem, ou ainda enquanto política de língua, no sentido que, ao mesmo tempo disfarça a fé africana para que ela sobreviva aos

epistemicídios (Gonzalez, 2020) provocados pelo colonialismo, mantendo a cultura da ancestralidade negra, e, por outro lado, evidencie uma subserviência, nada ingênua da Igreja Católica à fé negra, no sentido de procurar uma convivência “fraterna” com essas manifestações e, assim, garantir seus espaços de poder na sociedade. Todas as manifestações sincréticas mantêm suas características sagradas, nomes próprios e seus embasamentos conceituais e naturais. No caso de São Roque, o santo católico tem referência no sincretismo religioso aos Orixás Omulu e Obaluaê, como mostra a figura 10.

Figura 10 - São Roque/ Omulu Obaluaê



Fonte: <https://www.raizesespirituais.com.br/o-sincretismo-de-omulu-obaluae/>

Nos Festejos de São Roque, em Caboto, podemos perceber esse simbolismo nas memórias de práticas culturais e cerimônias realizadas pela Yalorixá Petú, que cultuava o santo com banhos de pipocas na frente da igreja. Ainda quando criança, lembro-me dos ritos realizados com senhoras e jovens, todos vestidos de branco, com balaies de pipoca, que eram jogadas “banhando” várias pessoas, atestando marcas da identidade negra na comunidade de Caboto, como mostra a figura 11. Essas práticas evidenciam a inclusão da cultura africana nas manifestações originariamente católicas, a presença das pipocas e do banho de pipocas são aspectos relacionados às religiões de matriz africana.

Figura 11- *Banho de pipoca*



Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.purepeople.c>

Ainda, sobre o hino da esmola, encontramos a expressão “Ele **com nós** aqui está”, outra demonstração que denota a presença do santo durante o ritual, sem deixar dúvidas da confiança e fé dos participantes. Nessa expressão, percebe-se a substituição da palavra “conosco” pela expressão popular “com nós”, apresentando um desvio da chamada norma culta, que Lima e Vieira descrevem, na seção 1, como evidência de “variações linguísticas”. Essas variações estão fortemente integradas à identidade cultural, pois representam manifestações linguísticas particulares de cada comunidade falante, muitas delas oriunda dos falares dos negros escravizados habitantes no território no passado.

Segundo Yeda Pessoa de Castro, em seu estudo “Das línguas africanas ao português brasileiro”, existem diversas evidências das línguas africanas na construção da língua portuguesa brasileira, especificamente, na região do Recôncavo baiano. Sobre as palavras usadas em rituais religiosos, a pesquisadora declara:

São palavras que descrevem a organização sócio-religiosa do grupo, objetos ritualísticos e sagrados, cozinha ritualística, cânticos, saudações e expressões referentes a crenças, costumes específicos, cerimônias e ritos mágicos, todas apoiadas em um tipo consuetudinário de comportamento bem conhecido dos participantes desses cultos por experiência pessoal. Nesse vocabulário, de estrutura ligada a certas formulações simbólicas, não há metáforas, sinonímia precisa, pois cada “palavra-de-santo” é mantida dentro da fidelidade ritual do apelo, da denominação dos referentes. (Castro, 1983 p. 85).

Diante do exposto, considerando as linguagens que são utilizadas nos Festejos de São Roque e o sentido que essas linguagens apresentam para comunidade de Caboto, podemos afirmar que a Esmola Cantada é mais uma marca da identidade do povo negro registrado na linguagem oral presente na Festa.

A esmola cantada ainda desempenha um ato social e comunicativo direto entre o pedinte e a comunidade. As letras das canções muitas vezes falam sobre a condição social do indivíduo, mas também fazem parte de um jogo social mais amplo, que envolve a reciprocidade, o cuidado e a solidariedade. Por meio dessas canções, o pedinte não apenas solicita, mas também compartilha emoções, alegrias, histórias, lendas ou mesmo críticas sociais, configurando a linguagem como um instrumento de interação social. Com relação a essa questão, Bakhtin refere-se à enunciação, tratada na seção 1, em que, para ele essa apresenta uma diversidade de discursos dentro de uma única enunciação. Ele ainda afirma que a enunciação tem uma natureza social, e está permanentemente ligada às condições da comunicação, portanto ligadas as “estruturas sociais”.

Segundo os moradores, esse hino é cantado há muitos anos. A linguagem usada na esmola cantada é carregada de sentimento, apelo e convencimento, uma forma de sensibilizar a população utilizando palavras e melodias que tocam os sentimentos das pessoas, elegendo um vínculo emocional que pode facilitar a doação. As canções tradicionais, como as das esmolos cantadas, são exemplos de enunciados que carregam as vozes de gerações, agrupando valores, crenças e histórias coletivas, culturas, posicionamento políticos, retratando o que Bakhtin descreve como enunciado, apresentado na seção 1.

A Procissão Terrestre de São Roque consiste em uma prática que pode ser vista como uma manifestação que envolve diversas linguagens simbólicas e culturais e que comunicam valores religiosos, sociais e históricos da comunidade. Assim como outras manifestações populares, a procissão não se limita a ser um evento religioso, mas também é uma rica forma de expressão da identidade coletiva da comunidade. Ela utiliza diversos elementos que constroem significados e transmitem saberes, criando um discurso coletivo em torno do louvor ao santo e da congregação coletiva.

Os símbolos religiosos mais usados nessa linguagem dos Festejos de São Roque em Caboto são imagens de outros santos, andores, flores, cânticos e orações, que expressam a fé e as tradições desse povo. A figura de São Roque,

associado à cura e proteção, tem um papel central nesse evento, transmitindo mensagens de devoção, esperança e amparo. Durante a procissão é legível o interesse dos participantes em carregar o andor, numa evidente representação da vontade de estar “perto” dos santos, e, no término do cortejo, levar as flores que adornam os andores expressa ter consigo uma parte de algo sagrado, da proteção e da beleza pertencentes ao ritual. Esses símbolos são comuns em muitas festas religiosas e servem como uma espécie de “código” que a comunidade reconhece e interpreta como sua identidade. Lemke (2008) trata esses “códigos” como artefato simbólico, conforme discutido na Seção 1, em que o autor discorre sobre o papel determinante na construção e na expressão das pertencências culturais e identitárias dos indivíduos de uma comunidade.

Essa é uma prática de social de identidades coletivas, em que os membros da comunidade se envolvem ativamente, seja como participantes, seja como observadores, pois, quando São Roque passa pelas ruas, muitos moradores saem às portas para apreciar, outros largam seus afazeres para receber a benção do santo. Nesse momento, as ruas se transformam em outros espaços sagrados, estabelecendo um diálogo entre o terreno e o divino. A união do povo em torno da figura de São Roque simboliza a solidariedade, a proteção mútua e a identidade coletiva, funcionando como uma “linguagem” de pertencimento e cooperação social.

A Procissão Marítima é outra celebração religiosa dos Festejos de São Roque em Caboto bastante citada nas entrevistas. Ela possui diversas manifestações de linguagem, semelhantes àsquelas encontradas na Procissão Terrestre, mas adaptadas ao ambiente aquático e aos símbolos associados ao mar e às águas. Essas linguagens ajudam a comunicar a devoção, a tradição e os laços entre a comunidade e a divindade, bem como a natureza sagrada do evento.

O mar é outro elemento simbólico bastante presente na religiosidade de matriz africana, podendo ter significados mais ligados à proteção, à purificação e a uma viagem segura. Os barcos que transportam as imagens ou participantes da procissão, geralmente são decorados com flores, panos coloridos ou bandeiras, criando uma imagem de beleza e devoção. Esses barcos, flutuando sobre o mar, representam a conexão entre a terra e o céu, entre o humano e o grandioso São Roque. Carregam a imagem do santo simbolizando a proteção aos marinheiros e às pessoas que vivem à beira-mar, para os pescadores e para a comunidade.

É interessante a ideia de uma procissão marítima nos festejos de São Roque pois, dentro dos estudos da mitologia africana, há uma forte relação entre os orixás Obaluaê e Yemanjá – a deusa do mar – que é narrada sob diferentes perspectivas. Cabrera (2004 *apud* Queiroga, 2015) explica uma infidelidade de Yemanjá quando está casada com Ogum, teria Obaluaê como seu amante. Segundo a autora, o envolvimento amoroso de ambos teria sido descoberto pelos cachorros de Ogum, sempre fiéis ao orixá guerreiro. Já Ribeiro e Amaral (2002 *apud* Queiroga, 2015) trazem explicações mais conhecidas no Brasil que expõem um vínculo maternal entre Yemanjá e Obaluaê, em que este teria sido abandonado por sua mãe, Nanã Buruquê, por ter nascido com o corpo coberto de feridas e Nanã se julgou incapaz de poder ajudá-lo, entregando-o para Yemanjá, na beira do mar. Por ter curado Obaluaê, Yemanjá deu a ele a missão de ser o responsável pela cura dos males e doenças do mundo.

Podemos relacionar o simbolismo do mar ao que Diegues (2000) aborda no livro “Imagem das águas”, especificamente ao tratar da Festa do Senhor dos Navegantes, que acontece em Salvador-BA. O texto traz uma referência que Jorge Amado faz a Iemanjá, a rainha do mar:

É a mãe d'água, é a dona do mar, e por isso, todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam. Ela castiga. Ela nunca se mostra aos homens a não ser quando eles morrem no mar. Os que morrem na tempestade são seus preferidos. E aqueles que morrem salvando outros homens, esses vão com ela pelos mares afora, igual a um navio, viajando por todos os portos, correndo por todos os mares. Destes, ninguém encontra os corpos, que eles vão com Iemanjá. Para ver a mãe d'água, muitos se jogaram no mar sorrindo e não mais apareceram. (Amado, 1986, p. 22 *apud* Diegues, 2000, p. 117).

Podemos rever o sincretismo religioso envolvido no simbolismo do mar. Autores falam do mar com o símbolo de respeito e proteção para aqueles que dependem do mar para o trabalho e lazer. As vozes dos sujeitos da festa de São Roque também reafirmam essa ligação com o mar ao se referirem à Procissão marítima na voz de Curió, Praia e Malvina.

A linguagem verbal usada nessa prática cultural também desempenha um papel central na procissão marítima. Os fiéis recitam orações e cânticos, que são específicos para proteção no mar, para os pescadores, marinheiros e para a comunidade nos Festejos de São Roque. Os Instrumentos de sopros há tempos atrás e os tambores atualmente, marcaram e marcam o ritmo da procissão, criando

uma linguagem sonora que ressoa com os participantes e com a natureza ao redor combinando com o ato do movimento dos barcos de forma lenta e reverente pelo mar em um gesto simbólico de respeito ao santo.

Através dessa linguagem, os sujeitos dialogam e interagem num processo de construção da identidade individual e coletiva, ao tempo que constroem atos comunicativos difundindo seus valores e crenças através dos cânticos, hinos e orações. Através dessas peças de linguagem, os membros da comunidade atuam como “interlocutores dos atos comunicativos”, na linguagem de Bakhtin, permitindo a transferência desses saberes e conhecimentos para outras gerações.

Por fim, trataremos da Santa Mazorra, um ritual que é uma manifestação popular de origem religiosa e cultural, comum em algumas regiões do Brasil, misturando elementos de fé católica com práticas afro-brasileiras e indígenas. Como todo ritual, ele se realiza através de diferentes formas de linguagens, criando uma experiência emocional e simbólica para os participantes. Essa prática envolve diversos elementos e enunciados que comunicam significados espirituais, sociais, identitários e culturais.

O ritual da Santa Mazorra também envolve a linguagem das oferendas, ou seja, a preparação e o oferecimento de alimentos e bebidas para os participantes, são solicitados todo e qualquer item que possa contribuir para esse ritual profano. Esses elementos têm um caráter simbólico e ritualístico, dentro de uma espécie de “jogo” que aparece entre as ações de pedir e roubar esses itens. Essa prática cultural se difere das esmolas cantadas, pois seu objetivo é promover a brincadeira e a interação entre aqueles participantes dos festejos que não desfrutavam dos rituais sagrados.

A oferta de alimentos é uma forma de comunicação com o sagrado e é um gesto de reciprocidade, no qual os participantes se conectam com as forças divinas por meio de suas crenças e práticas culturais. Considerando que a população que formou a vila Caboto foi composta, em sua maioria, por negros escravizados, que trabalhavam no Engenho Freguesia, portanto pessoas pobres que não tinham recursos para participar dos Festejos de São Roque. Dessa forma, a Santa Mazorra é uma prática de linguagem que permitiu (e permite) a participação de todos os moradores sem exclusão social, confirmando o que diz Lanternari (1987), como dito na seção 3, que a festa é um “espelho no qual o ser humano se reflete”. A festa da Santa Mazorra configura-se uma prática cultural com traços da identidade negra,

apontando a demonstração da manutenção da cultural do povo negro nos Festejos de São Roque.

Os participantes cantam e invocam a presença divina e a proteção de Santa Mazorra, muitas vezes de forma repetitiva e ritualística. Pode-se observar nessa linguagem o uso de variações linguísticas populares, discutidas na seção 1, sem compromisso com a norma culta, evidenciando uma aproximação de formas de linguagem herdadas dos antepassados escravizados. Essas palavras, carregadas de intenção, possuem um poder comunicativo tanto no plano espiritual quanto no social.

A linguagem musical é outra forma expressiva importante nesse ritual, que pode envolver instrumentos como tambores, atabaques, pandeiros e outros objetos musicais, associados a rituais que evocam o sagrado, pertencentes à cultura afro-brasileira. Compreende-se que “a música, dentro deste contexto religioso, é elemento ordenar tanto do culto quanto do tempo e, que a todo o momento está em conexão com os mitos nos ritos de candomblé quando é acionado” (Santos, 2005, Amaral; Silva, 1992 *apud* Cruz, 2018 p. 61). A música e o som são usados para criar uma atmosfera ritualística, intensificando a experiência emocional e espiritual, uma ideia que dialoga com as de Cascudo, apresentadas na Seção 3, que explicam que os rituais de celebração da terra, os cantos e as danças de origem indígenas e africanas foram harmonizados para com os itens das festas católicas.

A linguagem comunitária se reflete na maneira como os participantes se envolvem uns com os outros, compartilhando uma identidade coletiva. A Santa Mazorra, como um ritual que envolve a comunidade, também é uma linguagem de pertencimento, em que os indivíduos se comunicam por meio da participação, união e partilha de um espaço comum. O ritual cria e reforça laços sociais, onde a experiência coletiva de fé é vivida e registra-se como a construção de uma memória social, pois durante o ritual se fazem comparações às edições anteriores.

O ritual da Santa Mazorra também carrega em si uma linguagem da tradição, passada de geração em geração. Ele está profundamente enraizado na oralidade, sendo transmitido principalmente por meio de histórias, experiências e ensinamentos passados pelos mais velhos para os mais jovens. Esse caráter de transmissão oral torna a tradição flexível, adaptando-se às necessidades e contextos das diferentes gerações, mas mantendo sua essência. Percebe-se uma afirmação das suas

identidades em que os participantes anunciam suas linguagens longe das combinações estabelecidas pelo catolicismo.

Caponero e Leite (2010) dialogam com essa ideologia, conforme apresentado na seção 3, afirmando que um conjunto de símbolos, valores e crenças são produzidos pela festa a cada ano. Nesse sentido, a Santa Mazorra acrescenta uma importante experiência social aos participantes dos festejos de São Roque em Caboto. Em suma, o ritual da Santa Mazorra é uma rica expressão de múltiplas linguagens que se combinam para criar um evento simbólico, cultural e espiritual dos festejos de São Roque. Ela comunica através de símbolos, palavras, gestos, sons, alimentos, e até da participação social, formando uma rede de significados que vão além da simples prática religiosa, refletindo a identidade, a história e as crenças da comunidade de Caboto em Candeias - BA.

Retomamos aqui os destaques feitos nas falas de alguns sujeitos apresentadas nos quadros anteriores, os quais evidenciam desvios linguísticos em relação à norma culta e que, facilmente, são entendidos como erros provenientes de uma escolaridade deficitária em relação ao aprendizado de língua portuguesa. Para além do que já foi explicado anteriormente com base em Yeda Pessoa de Castro, é preciso destacar que o discurso do “certo” e do “errado” em termos linguísticos só acentua desigualdades sociais existentes que enaltecem uma elite escolarizada, em grande medida composta por sudestinos, brancos, de classe média ou superior e urbana. Por outro lado, as ocorrências “erradas” majoritariamente estão presentes nas falas de moradores das periferias urbanas e das zonas rurais, pessoas não brancas e de classes mais baixas da sociedade. Essa realidade está presente no contexto dessa pesquisa e evidencia os movimentos de “resistência” e /ou “subversão” linguística já discutidos anteriormente, bem como manifestações de uma política linguística “in vivo” que reflete e reforça a identidade, os valores e as ideologias da cultura da comunidade de Caboto. Entendemos que esse estudo pode – e deve – ser aprofundado para melhor evidenciar tais marcas identitárias nas produções linguísticas, mas também entendemos que, apesar das possíveis interferências do processo eletrônico de transcrição das falas, há diversos elementos expostos e destacados que corroboram com o que explica Yeda Pessoa de Castro e com a defesa de uma prática política de uso de linguagem identitária que adotamos nesse trabalho.

Diante das linguagens expostas sobre as práticas religiosas podemos entendê-las como as identidades culturais dos Festejos de São Roque constituídas pelos aspectos das identidades formadas a partir do nosso pertencimento, entre elas aparecem às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

5.4 DESENVOLVIMENTO CULTURAL E TURÍSTICO DE CABOTO

Nessa subseção pretende-se identificar, através das vozes dos sujeitos participantes dos Festejos de São Roque, em que medida a festa promove ações que favorecem o desenvolvimento cultural e turístico do distrito de Caboto em Candeias – BA.

NOME	OS FESTEJOS TÊM ALINHAMENTO COM O DESENVOLVIMENTO CULTURAL E TURÍSTICO DE CABOTO.
Malvina	“As pessoas que saíram da comunidade foram morar em outros bairros de Candeias ou de Salvador porque buscaram melhorar suas vidas, pois Caboto apesar do comércio dos bares e restaurantes, não cresceu para melhorar o transporte público, farmácia, supermercado, pousadas, e outras coisas. Então acho que não teve desenvolvimento por causa da festa.”
Curió	“Acredito que no passado as pessoas vinham a Caboto para conhecer a Igreja de São Roque, vinha pra festa, mas agora o que interessam são os restaurantes que vivem cheios. Mas não considero que houve o desenvolvimento cultural e turístico através da festa.”
Bica	“Eu sei e penso que é nível de Cultura. As pessoas nos últimos anos tem se aproveitado para se promover né, a política, eles se aproveita para se promover, entendeu, porque ajuda é muito pouca da parte dele, mas para se promover no dia da festa. Durante o tempo que a gente ficava procurando recursos, se vai até eles, ultimamente não, mas a gente já foi muita a secretaria (de cultura) e tal, ainda quando tinha assim um representante na comunidade, a gente conseguia alguma coisa, ultimamente não se consegue nada. Eles armam o palanque para falar da festa de São Roque, mas aí é a parte profana. Que a parte religiosa eles não ajudam em nada e quando chega o dia que tem a procissão com muito sacrifício da gente da comunidade eles se aproveitam para se promover então quem chega que vê não a prefeitura que fez a prefeitura... mas a gente sabe o sacrifício para chegar”.

Praia	“Acho que muitas pessoas que prosperam em Caboto foram com a benção de São Roque, tem até um restaurante com o nome do santo. Outros cresceram com os visitantes que iam para os festejos e quiseram voltar. De qualquer forma os festejos de São Roque é a única festa da comunidade.”
Coroa	“Não vejo essa ligação, são poucas pessoas da comunidade que participam das coisas da igreja durante o ano. No dia da festa, ultimamente, até aparece mais uns gatos pingados. Algumas pessoas que se mudaram daqui e continuam devotos de São Roque. Mas, o que enche a igreja mesmo é os políticos que querem aparecer e registrar suas presenças, principalmente, de dois em dois anos que tem eleição, ou pra prefeito ou pra deputados ou os devotos de São Roque que vem de outros lugares para participar da missa. “Na verdade, também não vejo desenvolvimento cultural em Caboto, o que teve foi que ficou conhecido pelos restaurantes que ficam cheios de turistas.”
Pesquisadora	“Não acredito nessa relação. Percebe-se um esvaziamento dos Festejos de São Roque se apresentando gradativamente há alguns anos. Caboto tem sido procurado diariamente, vezes por turistas outras vezes por trabalhadores das empresas instadas no Porto de Aratu e da região depois de divulgações em redes sociais pelos donos dos restaurantes e por outros turistas e até mesmo artistas que aqui visitam. É um movimento diurno pois, durante a noite, não encontramos nem restaurantes abertos. O atendimento de transporte publica é escasso, pois se limita ao horário comercial para atendimento aos moradores que se deslocam ao centro da cidade. “Não encontrei durante a pesquisa relações entre os festejos de São Roque e o desenvolvimento cultural e turístico de Caboto.”

Analisando as narrativas podemos perceber que apenas Praia (2024) afirma que o desenvolvimento cultural e turístico ocorreu pelas influências dos festejos de São Roque, enquanto os outros entrevistados reconhecem outros aspectos, como a divulgação nas redes sociais que são atribuídas para explicar o volume de turistas que visitam Caboto aos fins de semanas.

Segundo Coroa (2024), muitos turistas frequentam a comunidade atualmente, atraídos pela gastronomia. Ela destaca ainda que os políticos se aproveitam dos festejos de São Roque para divulgar sua campanha política, diante dessa afirmativa, percebemos que a entrevistada discorda que o desenvolvimento Cultural e turístico do local tem alinhamento com os Festejos de São Roque. A entrevistada explica que a Prefeitura através da Secretaria de cultura do município de Candeias patrocina a parte profana da festa, as bandas, palanque, som, iluminação, segurança, entre outros recursos que garantem a festa, porém na parte religiosa não é dada a mesma

importância. Outros entrevistados atribuem o desenvolvimento de Caboto atrelado à culinária cultivada pelos restaurantes locais, que acabam atraindo turistas.

Quanto ao desenvolvimento estrutural da localidade observa-se nas narrativas que a localidade ainda não desfruta de serviços públicos necessários para garantir uma moradia com o mínimo de serviços que os moradores precisam, apresenta uma linha de transporte alternativo com um mínimo de viagens diárias, durante a noite a comunidade é atendida pelo transporte urbano. Percebemos que Caboto é um território ainda pouco desenvolvido, além do transporte, falta de oferta de supermercados, farmácia, entre outras necessidades. .

Segundo Hall (2006), “as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes”, o que confirma a relevância da identidade cultural nas pequenas comunidades. Entendo sua importância para afiançar os sentidos de pertencimento que acontecem quando há identidade cultural numa sociedade e há registros dessa identidade nas vozes dos moradores de Caboto expostas nessa pesquisa, uma identidade construída na coletividade nas memórias de ações grupais, tanto na religiosidade quanto na cultura.

Diante das análises das vozes aqui apresentadas podemos afirmar que apesar dos Festejos de São Roque representar uma manifestação cultural e religiosa conservada ao longo dos anos pelos moradores da comunidade, percebe-se que ocorreram várias mudanças na execução das etapas das festas e com isso se as identidades individuais foram transformadas. Foram apontados aspectos externos que contribuíram para essas mudanças, porém novos valores foram acrescentados, antigos foram aperfeiçoados, produzindo novos valores e sentidos a identidade coletiva da comunidade de Caboto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre Identidade, memória e linguagem: os Festejos de São Roque da comunidade de Caboto em Candeias – BA, essa pesquisa justificou-se pelo desejo de entender as razões para o esvaziamento de participantes dos Festejos de São Roque em Caboto, resgatar e fortalecer a cultura ancestral negra, conhecer a história da comunidade, bem como da pesquisadora e analisamos as linguagens apresentadas pelas políticas dessa prática religiosa e cultural.

Para tanto, investigamos como ocorreram e ocorrem atualmente as etapas da festa considerando os conceitos de Identidade, memórias e linguagem e as narrativas dos anciãos participantes da festa, moradores ou não de Caboto atualmente.

As abordagens sobre identidade discutidas nesse estudo permitiram uma profunda reflexão sobre a interseção entre identidade, memória e as diversas linguagens que compõem esta manifestação cultural. Através das entrevistas realizadas com os cinco participantes, foi possível captar não apenas as narrativas individuais, mas também as experiências coletivas que moldam a identidade da comunidade de Caboto. Compreendemos que a identidade não é estática; ela se transforma ao longo do tempo, influenciada por fatores sociais, culturais e históricos. Em Caboto, a identidade da comunidade é moldada pelas festividades, tradições e práticas coletivas, que se modificaram com as interações entre os membros da comunidade e a influência da Prefeitura de Candeias.

Ainda observamos que, embora a comunidade de Caboto compartilhe uma identidade cultural comum ligada ao festejo de São Roque, existem mudanças nas vivências e interpretações individuais. Semelhanças podem ser encontradas nas tradições e rituais que todos conhecem e participam, mas as diferenças emergem das experiências pessoais, de classe social, idade e vivências familiares construindo uma identidade coletiva a partir de cada membro da comunidade contribuindo de maneira única.

Foi constatado nesse estudo, através das vozes dos participantes das festas e as investigações documentais, o reconhecimento das identidades negras referenciadas aos ancestrais que viveram no Engenho Freguesia. Eles iniciaram essa manifestação cultural na comunidade da Vila Caboto com o registro da Igreja de São Roque ainda no período da colonização, o sincretismo religioso com

heranças do Candomblé também aparece como indício da identidade negra encontradas principalmente nas linguagens, nos simbolismos das etapas dos Festejos de São Roque. Igualmente, as práticas de linguagem popular, descompromissadas com a norma culta da língua portuguesa, o que evidencia o uso de variações linguísticas que, em alguma medida, possuem traços de línguas africanas, conforme explicam os estudos de Yeda Pessoa de Castro.

As memórias compartilhadas durante as entrevistas revelaram a importância do festejo como um espaço de reafirmação cultural e ressignificação de vivências passadas. Cada relato trouxe à tona elementos que conectam as gerações e reforçam o sentimento de pertencimento, destacando como essas festividades é um meio de transmissão de valores e tradições, apesar de observarmos que há uma pequena expressão de participantes nessa comunidade atualmente, são sempre os mesmos atores que compõe os cenários.

Percebemos que a memória coletiva no conjunto das lembranças manifestadas nas tradições e nos festejos de São Roque, são experiências e significados compartilhados nas vozes dos sujeitos que participaram desse estudo. Foram memórias evocadas e reencenadas, permitindo que a comunidade ligue o passado ao presente e reafirme sua identidade cultural. Através da prática de recordar e celebrar suas tradições, a comunidade não apenas tem preservado sua identidade cultural, mas também se reinventado continuamente, adaptando-se às novas realidades e experiências que surgem.

Além disso, minhas próprias memórias contribuíram significativamente para o estudo, trazendo um olhar pessoal e íntimo sobre os festejos. Essa perspectiva ajudou a entender como as experiências individuais se entrelaçam com a coletividade, formando um mosaico cultural.

Percebemos ainda, na pesquisa, que a linguagem desempenha um papel fundamental nas festividades, especialmente nos rituais e nas representações culturais dos Festejo de São Roque em Caboto. As narrativas orais foram parte essencial para registrar as histórias sobre a origem da festa, os milagres atribuídos ao santo e as experiências pessoais dos participantes. Essa prática não apenas conta a história da comunidade, mas também reforça a identidade coletiva, criando um vínculo entre os membros.

Os rituais do Festejo de São Roque são repletos de simbolismo, envolvem uma linguagem cerimonial com as orações, cânticos e hinos proferidos durante as

celebrações, refletindo a espiritualidade da comunidade e a devoção ao santo. As imagens do santo, as vestimentas e os elementos decorativos são acompanhados por uma linguagem que nos ajudou a explicar e contextualizar seu significado. Essas interpretações simbólicas durante a festa no ano de 2024 permitiu compreender a importância cultural e histórica dos Festejos de São Roque para a comunidade. Apesar das vozes dos sujeitos declararam não reconhecer as festividades como motivador para o desenvolvimento cultural e turístico de Caboto.

Segundo as vozes dos sujeitos, um número significativo de moradores assumiu uma nova identidade religiosa, cultuando o protestantismo devido a ascensão das igrejas evangélicas na comunidade. Outro aspecto registrado nessas vozes foi à falta de desenvolvimento estrutural do distrito de Caboto, alguns oradores mudaram seus endereços, apesar da comunidade movimentar muitos turistas nos finais de semana, feriados e dias festivos

Em suma, a pesquisa não só reafirma a relevância dos Festejos de São Roque como um patrimônio imaterial, mas também evidencia a necessidade de preservação e valorização dessas práticas. Percebemos que as heranças da ancestralidade negra contribuíram para a formação da memória social existente na comunidade. Portanto, a continuidade dessas tradições é fundamental para a manutenção da identidade cultural da comunidade, servindo como um elo entre o passado e o presente a fim de preservar a identidade coletiva desse povoado.

Considerando que ainda há o que se aprender com a história dessa comunidade, esperamos que essa pesquisa possa desencadear o interesse para novos estudos, permitindo comparar, quem sabe, os festejos de São Roque em Caboto com outras festas populares de outras comunidades, a fim de interpretar quais aspectos se modificaram nessas manifestações culturais que ocorrem em outras regiões do Recôncavo Baiano.

REFERÊNCIAS

- ALAMAR FILHA, Edneuda A. B. **A Novena de Terno entre o sagrado e o profano [manuscrito]: práticas culturais no Sítio Verdes entre 1981-2011**. Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação, 2011. Disponível <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2175/1/PDF%20-%20Edneuda%20Amancio%20Benevides%20Alamar%20Filha.pdf> Acesso em 10 mai 2024.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- ARAÚJO, Aneide Oliveira; OLIVEIRA, Marcelle Colares. **Tipos de pesquisa**. São Paulo, 1997.
- ASSUMPÇÃO, Ana Laura e CASTRAL, Paulo César. Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.14, n.27, Jul/Dez 2022.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças dos velhos** - 3 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.
- CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v.7, n. 10, abr.-mai.-jun./2010, p. 99-113.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Africanias em terras brasileiras. **Antropologia e lingüística nos estudos afro-brasileiros**, 1983.
- CASTRO JUNIOR, Luis Victor. **Festa e corpo: as expressões artísticas nas festas populares baianas**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- CRUZ, Fernanda Miranda da. Da relação entre linguagem e memória: implicações para a Neurolinguística - Universidade Estadual de Campinas. **Estudos Linguísticos**, XXXIII, p. 601-606, 2004.
- DUEGUES, Antonio Carlos (Org.) **A imagem das águas**. Editora HUCITEC, São Paulo, 2020.
- FARIA, Ederson de e SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 35-42.
- FADDUL, Julian. **Obaluaê na mira da intolerância religiosa**. Revista Piauí, 2022.

FERNANDES, Viviane Barboza. **Educação e relações raciais: percepções de alunos e professores de uma escola pública de São Carlos**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2010. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/2139.pdf Acesso jun/2024.

FERNANDES, Viviane Barboza e SOUZA, Maria Cecília C. C. de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiro**. (63) • Janeiro – Abril, 2016.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

FIALHO, Lia Machado Fiuza. (ET al.) O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–13, 2020.

FRANK, Hélio; CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. Identidade em Linguística Aplicada: em direção a uma sistematização conceitual. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 21, n. 1, p. 11-31, jan./abr. 2021.

FREITAS, Luiz Antonio de. **Catolicismo Popular e Festas Religiosas: A Religiosidade no período colonial**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Departamento de História, Natal, 2005. Disponível em: <http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/426/1/CATOLICISMO%20POPULAR%20E%20FESTAS%20RELIGIOSAS%20RELIGIOSIDADE%20NO%20PER%20C3%8DODO%20COLONIAL.pdf> Acesso em out./2024.

GALVÃO, Cleyton Leandro. O problema da identidade nas tecnologias da informação e comunicação, **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 6, n. 2, p. 104–114, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed São Paulo. Atlas. 2002.

GODOY, Vieira; SANTOS, Elenilton Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.30 n.03 p.15-41 julho-Setembro, 2014.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Work. pap. linguíst.**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista De Estudos De Literatura**, 2002, 9, 38 – 47.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Marcos Aurélio; OLIVEIRA JÚNIOR, José; ARAÚJO, Nelma Carmelo de. Memórias: construção social, lugares e competências. **CTCM - Conferência sobre tecnologia da cultura e memória estratégia para preservação e acesso à informação**, 2013.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 179-182.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte/Brasília, Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 346.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. Celebrações populares: do sagrado ao profano. In: CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA. **Terra Paulista**: Histórias, artes, costumes, v. 3 Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial; CENPEC, 2008, p. 169-209.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... Q(et al), - 7º ed. revisada - Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

LIMA, Vanessa Viana; VIEIRA, Wellington Neves. Variação Linguística: a caracterização da identidade linguística cultural nordestina nos poemas 'O Nó da Sabedoria' e 'Uma Paixão Pra Santinha', de Jessier Quirino. **Revista Científica da FASETE**, 2017.2.

MACHADO, Adilbênia Freire. Linguagem e identidade africana /afro-brasileira. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista v. 3, n. 2 p. 201-219 jul./dez. 2011.

MARTINAZZO, Celso José. Identidade Humana: Unidade e Diversidade Enquanto Desafios para uma Educação Planetária **CONTEXTO & EDUCAÇÃO** Editora Unijuí, Ano 25 nº 84 Jul./Dez. 2010.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá** - São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza edições, 1997.

MATOS, Agrimária Nascimento. **Festividades e cultura popular em Ilha do Paty in**. Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades / Fátima Tavares, Francesca Bassi (Organizadoras). - Salvador: EDUFBA, 2015. 293.

MOTA, Fabrício Paiva. Língua e memória indígena em uma reportagem online. **Revista Philologus**, Ano 25, Nº 74. Rio de Janeiro: CIFEFIL, maio/ago. 2019.

NECKE, Malverique; DE MELO, Bergson R. S. de. Bakhtin: um diálogo interdisciplinar a partir de relações dialógicas. **Revista Eletrônica Assistência Social & Interdisciplinaridade Edufor**, 2017.

OLIVEIRA, Gilmar de. **Candeias Bahia BLOG Ambiental**. Disponível em: <https://www.candeiasbahia.net/2009/10/distrito-de-caboto.html> Acesso em Agosto/2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987. 263 p.

PEDRAZANI, Viviane A memória como objeto de (re) construção do passado: um debate teórico. **Humana Rev.**, v. 1, n. 1, 2019, p. 66 - 80. ISSN

PERES, Sonia Maria Zanezi. Maurice Halbwachs e a Memória coletiva e Individual. **Revista Missioneira**, Santo Ângelo, v. 23, n. 2, p. 71-78, jul./dez. 2021.

QUEIROGA, Luanda do Carmo. **Senhora das águas e da canção: lemanjá na música Popular Brasileira (1933-2014)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015. Disponível: <file:///C:/Users/passa/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Luanda%20-%20vers%C3%A3o%20reposit%C3%B3rio.pdf> Acesso em dez/2024.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **INTRATEXTOS**, Rio de Janeiro, 5(1): 1-22, 2013.

SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos. Linguagem, memória e escrita. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 10(2), São João del-Rei, julho/dezembro, 2015.

SACRAMENTO, C. **Festas na Baía de Todos os Santos**. In: CAROSO, C., TAVARES, F., and PEREIRA, C., orgs. Baía de todos os santos: aspectos humanos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011,

SANTOS, Jair Cardoso dos. **Candeias: História da Terra do Petróleo** – Salvador, Gráfico Salesiano: 2008.

SANTOS, Jair Cardoso dos. **Histórias de Fé e Trabalho**. Quarteto, Salvador, 2020.

SANTOS, Luciano. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. **Revistas Rascunho Cultural**, Coxim, MG- 2011.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. Veríssimo, crítico do simbolismo (1899-1901). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 83, p. 165–175, 2022.

SOUZA, Emanuelle Carine da Silva; COSTA, Candida Soares da. Memória, identidade e linguagem: impressões a partir do processo de transcrição de entrevistas. **Revista Extensão & Cidadania Vitória da Conquista** v. 3, n. 5 p. 35-45 jun./dez. 2015.

SOUSA, José Raul de e SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em**

Educação, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444.

TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca (Orgs.). Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades. - Salvador: **EDUFBA**, 2015.

TEIXEIRA, Beatriz Yumeko de Souza e RIBEIRO, Daniela Menengoti Gonçalves. A construção da identidade frente à cibercultura. **Anais Eletrônico XII EPCC UNICESUMAR** - Universidade Cesumar, 2021.

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); João Pessoa: IPHAN, 2013.

TORINO, Isabel Halen da Costa. **A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade. Contribuciones a las Ciencias Sociales**, 2013. Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/26/memoria-social.html Acesso em maio/2024.

APÊNDICE

ENTREVISTA - 01**1 - Qual sua idade?**

Tenho 82 anos

2 - Seu endereço atual?

Moro em Caboto – Candeias.

3- O que te levou a mudar-se da localidade de Caboto?

Não se aplica

4- Tem conhecimento sobre a origem dos Festejos de São Roque?

Não sei como surgiu a festa, mas cresci vendo bem de perto com organização dos festejos de São Roque, pois os meus tios e papai fazia parte da comissão da festa.

5- Tem registro de fatos ou fotos dos festejos?

Não tenho fotos

6- Há quanto tempo participa dos Festejos de São Roque?

Comecei a participar da festa bem novinha com minhas 08 irmãs, meu pai nem sonhava em deixar participar da festa dançante apenas na novena, na missa e na procissão.

7- Já teve participação na organização desses festejos, qual período, conte-nos a sua experiência?

Quando meus filhos cresceram um pouco comecei a trabalhar também na comissão da festa, mudava todos os anos, mas depois voltava. As mulheres começaram a ter participação na organização da festa, na parte da igreja, por que antes era só os homens

Eles distribuíam as cartas e recolhiam o dinheiro, todas as famílias participavam, cada uma dava de acordo com o que tinha, tinha o dinheiro que recolhido nas esmolas e as doações dos donos dos bares e restaurantes de Caboto.

Tinha um caderno para anotações e depois a comissão resolvia como gastava o dinheiro.

9- Que lembrança dos festejos marcou sua vida?

Só aos 23 anos que pude ir com meu noivo, meu atual marido que exigiu do sogro que deixasse e ir, papai brigou muito, disse que aquele não era lugar de suas filhas ir, pois tinha muitos homens, mas meu noivo exigiu e disse que estaria sobre sua responsabilidade, eu tomo conta, ele disse.(risos).

E saímos num domingo bem cedo, às 05 da manhã, vários barcos de Caboto para a Conceição da Praia (em Salvador) com muita alegria e cantarolando as musicas do

louvor ao Santo. Quando chegava na igreja da Conceição da Praia, a gente ia pra missa que começava as 08 da manhã, rezava, rezava... Depois voltava todo mundo para os barcos, agora trazendo o santo... era nesse momento que era a diversão, nunca tinha saído de Caboto. Isso aconteceu a um bucado de tempo.

8- Relate momentos que guarda na lembrança dos festejos de São Roque?

A festa sempre era a única diversão que tinha em Caboto, terminava hoje e amanhã já se começava a pensar na organização do próximo ano, escolhia o presidente e o tesoureiro para começar a organização da festa do próximo ano.

Tenho algumas lembranças, como da banda de instrumentos de sopro que vinha de tocar na novena, músicos fardados de azul e branco, era a sensação das mulheres solteiras.

Eles tocavam todas as 09 noites da novena, dormiam e se alimentavam na sede. As esposas do presidente e do tesoureiro eram responsáveis pela comida e acomodações dos músicos, não faltava meninas para ajudá-las. Papai não permitia que chegássemos nem perto.

10- Como os festejos de São Roque representam você e a localidade de Caboto?

Os festejos representam a minha história de vida nesses dias que tinha festa era momento de conviver com outras pessoas de sair de casa, pois só ia pra escola e pra fonte lavar roupas e carregar água, era onde conversava com as amigas e primas, papai não deixava sair de casa nem ia a festa nenhuma apenas nesse mês de agosto passeava pelas ruas. E hoje, tenho em São Roque o meu santo protetor, estou adoentada, mas ele me sustenta.

11 - Considera que a festa tem sofrido mudanças ao longo do tempo, do que sente falta?

Uma grande mudança da festa, era as barracas de rua que eram arrumadas na beira da praia, todas no mesmo padrão, com lonas e mesas e bancos de madeira. As ruas ficavam lotadas com pessoas, barracas de doces, acarajé e jogos também. Todos viam de muitos lugares para armar suas barracas.

Mudou porque a prefeitura começou a cobrar valores para os barraqueiros, principalmente quem era de fora de Caboto. Com o passar do tempo foi diminuindo

a quantidade, hoje apenas os bares vendem na festa, há poucas barracas na festa de São Roque, só de lanche, capeta e alguns moradores que vendem no isopor.

12- Como você vê os festejos de São Roque alinhado ao desenvolvimento cultural e turístico da localidade de Caboto?

As pessoas que saíram da comunidade, muitas vezes foram morar em outras, outros bairros de Candeias ou de Salvador porque buscaram melhorar suas vidas, pois Caboto apesar do comércio dos bares e restaurantes, não cresceu para melhorar o transporte público, farmácia, supermercado, pousadas, e outras coisas.

ENTREVISTA – 2

1- Qual sua idade?

Tenho 72 anos

2- Seu endereço atual?

Moro na Rua Almirante Tamandaré 93 complemento, Paripe. Salvador.

3- O que te levou a mudar-se da localidade de Caboto?

Mudei para Salvador por conta dos meus filhos né para que tivessem um estudo melhor para eles, uma vida melhor não que nosso endereço anterior fosse nossa terra porque eu não sou filha de Caboto, mas, me considero como tal porquê eu tenho muito mais da minha vida vivida lá e acabou que morei na minha própria terra até os 19 anos né, quando me casei e passei a amar o lugar de coração a terra e as pessoas que tem que me cercaram, Graças a Deus não tenho nada contra a família também. Graças a Deus meus filhos estudaram e se formaram, concluíram o ensino médio.

4- Tem conhecimento sobre a origem dos Festejos de São Roque?

*Sobre o conhecimento da origem da festa: Mas **eu vi os meus antepassados falar** o seguinte de São Roque atravessou da Ilha de maré para Caboto ali aquele lugar que chama caeira no restaurante sabe das pessoas que tinha os pés de São Roque e do cachorro mas era o que eu vi que começou daí e ele veio para cá para cá acabou entendeu o começo era ali naquele focado ali no sobrado que não foi concluído a gente não sabia a verdadeira história daquele sobrado jogar lá no Google não é brasileiro que ele era filho único a família é muito horrível e os pais*

morreram ele doou toda sua riqueza e saiu pelo mundo terminando passou por várias cidades coroa muitas pessoas ajuda até ele ter contraído também pela peste levou ele também ficar doente aonde o cachorro um senhor muito rico é todos os dias ia levar o alimento e o dono desse cachorro incomodado por dia que ele cão daí pão na boca um dia seguiu e aí encontrou não era tanto também que ele voltou depois dele lá por vários estados do país ele voltou para a terra dele Natal.

5- Tem registro de fatos ou fotos dos festejos?

Em relação as fotos há talvez 10 anos atrás você sabe, eu sempre procurava tirar foto do acompanhamento de chegada a saída não tem nada procissão terrestre entendeu, durante a missa tem, mas daí depois tirava e sempre assim cada ano a foto do ano anterior eu fazia um mural ali na igreja do atual, mas depois que eu sair da comissão não fez mais. Mas de uns anos para cá as pessoas com esse negócio de celular, tirou no celular se perdeu, revelado é caro muita gente não quer fazer isso, tira mas não revela mesmo que não tirava se perde né agora eu tenho algumas fotos mas também tive tempo de fazer essas coisas com antecedência, mas algumas coisa eu sei viu sofrido muita mudança viu muita mudança mesmo.

6- Há quanto tempo participa dos Festejos de São Roque?

Comecei a frequentar festa de São Roque na adolescência quando ia com minha família, morávamos em Ilha de Maré comecei a namorar uma pessoa daí que o filho da comunidade né por volta dos anos 70 e não perdíamos. Na minha vida de adolescente eu ainda não participava né não morava aí na comunidade então eu ainda não participava da festa na minha adolescência eu ia né a missa, procissão na minha adolescência.

7- Já teve participação na organização desses festejos, qual período, conte-nos a sua experiência?

Eu casei, e mudei definitivamente para Caboto aos 19 anos, a igreja ainda era onde funciona a escola Municipal, meu primeiro filho foi batizado há 49 anos na capela de São Roque, sete anos depois foi construída a atual igreja e daí eu comecei a fazer parte da organização da festa. Tive alguns períodos de afastamento por conta de mudança de coordenação, outros afastamentos quando o meu marido faleceu.

(pausa, Ficou um tempo pensativa)

Agora temos quatro anos de coordenação, mas nunca deixei de participar, mesmo indiretamente ajudo a coordenação.

8- Que lembrança dos festejos marcou sua vida?

Eu lembro que nos dias que antecedia o dia da festa, tinha muito vento forte, muita chuva e as pessoas como eu que morava do outro lado, ou seja, na Ilha de Maré ficava rezando para aquela tempestade passar para poder a gente ir, a única forma atravessar era barco. O interesse da gente era muito grande, não só pela festa religiosa, mas também a festa profana, ou seja, a festa dançante, a queima de fogos que era o ponto alto da festa que hoje não temos mais.

9- Relate momentos que guarda na lembrança dos festejos de São Roque?

Nessa época eu vi é o respeito e a fé é muito grande do povo, eram pessoas simples, assim como todos nós, mas eram pessoas que tinha muita respeito né não entendia muito, porque hoje em dia a gente compreende as missas. Naquele tempo era em latim né e não tinha participação do povo só escutava o que falava em Deus e as pessoas acreditavam então eu achava que naquele tempo a fé e o respeito era muito maiores do que isso e aí é um tempo que eu sinto saudade.

10- Como os festejos de São Roque representam você e a localidade de Caboto?

A festa de São Roque é o elo mais forte que me une a Caboto hoje né. (identidade com o território) Tenho meus amigos na comunidade né. Mas, o que me trás a esse lugar é sempre quando tenho alguma coisa pra fazer na igreja, tem celebração, missa ou alguma coisa sobre a festa pra resolver. Essa festa representa um pedaço da minha fé, da minha devoção ao meu São Roque.

Mudei para Salvador, por conta dos meus filhos né para que tivessem um estudo melhor para eles, uma vida melhor não que nosso endereço anterior fosse ruim em nossa terra porque eu não sou filha de Caboto, mas, me considero como tal porquê eu tenho muito mais da minha vida vivida lá

(pausa)

Quando me casei passei a amar o lugar de coração, a terra e as pessoas que me cercaram, graças a Deus não têm nada contra a família também. Eu sempre esperava pela festa de todo ano e quando passava a festa às pessoas já estavam pensando no ano seguinte mesmo porque naquele tempo não tinha tanta festa que existe hoje, os jovens principalmente, ficavam aguardando com muita ansiedade né o ano seguinte para poder ter aquela participação maior no evento.

11- Considera que a festa tem sofrido mudanças ao longo do tempo, do que sente falta?

A queima de fogos deixou de acontecer pela falta de recurso e por falta de interesse das pessoas da comunidade, porque já naquela época não existia essa coisa de vamos até a prefeitura né, vamos até um político né, a festa era feita com recurso próprio, com as pessoas da comunidade que tinham interesse e mesmo com a pobreza, eles trabalhavam pensando nesse dia e se juntava com um pouco de cada um e no dia da festa tinha fogos de artifício. Tinha uma sincronia, a festa dançante só começa quando tocava os foguetes do final da novena e da missa. A alvorada atualmente não se compara com que era há 30 anos. Além de uma escassez de recursos para comprar os fogos, nos últimos anos tivemos dificuldades em ter quem soltasse os foguetes, às vezes.

Tinha a lavagem da igreja, era muito boa, lavavam-se todos os utensílios neste dia, jogava-se água, era uma festa com muita alegria, teve vez de ter até o carro pipa, mas não pode fazer, porque foi proibida pelo Santuário.

Ultimamente é lastimável, eu digo lastimável por que eu fico revoltada até as pessoas que se diz católica da comunidade, viu, tem dia que tem uma celebração, como já presenciei ele tem duas três pessoas não tem gente nem para cantar nem para fazer as leituras que nós sabemos que durante uma missa que tenha né o evangélico é feito pelo ministro ou pelo padre mas tem as leitura tem o salmo, que as pessoas da comunidade já que a gente não tem uma equipe de liturgia nem nada né isso, então eu fico muito triste quando eu vejo essas coisas acontecer, procura ajudar da maneira que eu posso se eu ainda tivesse morando lá eu enfrentava mais do que já enfrento né, esse ano mesmo já penso assim numa maneira que a gente adquirir recurso para não ficar naquela peregrinação quando chegasse a festa.

- Como você vê os festejos de São Roque alinhado ao desenvolvimento cultural e turístico da localidade de Caboto?

Eu sei e penso que é nível de Cultura as pessoas nos últimos anos tem se aproveitado para se promover né, a política, eles se aproveita para se promover, entendeu, porque ajuda é muito pouca da parte dele, mas para se promover no dia da festa. Durante o tempo que a gente ficava procurando recursos, se vai até eles, ultimamente não, mas a gente já foi muita a secretaria (de cultura) e tal, ainda quando tinha assim um representante na comunidade, a gente conseguia alguma coisa, ultimamente não se consegue nada.

Eles armam o palanque para falar da festa de São Roque, mas aí é a parte profana. Que a parte religiosa eles não ajuda em nada e quando chega o dia que tem a procissão com muito sacrifício da gente da comunidade, eles se aproveita para se promover então quem chega que vê não a prefeitura que fez, a prefeitura... mas a gente sabe o sacrifício para chegar.

ENTREVISTA 03

1 - Qual sua idade,

79 Anos

2 - Seu endereço atual?

Conjunto habitacional, de Paripe, 74-E, Salvador- BA.

3- O que te levou a mudar-se da localidade de Caboto?

Fui morar na casa de parentes em Salvador para estudar. Hoje sou viúva, Mas conheci meu marido nas idas pra Caboto, Viajava pela Base Naval de Aratu de barco, pois não tinha transporte por terra pra Caboto. Ele era marinheiro.

4- Tem conhecimento sobre a origem dos Festejos de São Roque?

Meu pai contava que os pais dele contava que desde quando nasceu tinha a igrejinha de São Roque, mas nunca sobe da origem do Santo, depois de grande ouvir falar que tinha sido achada pelos escravos.

5- Há quanto tempo participa dos Festejos de São Roque?

Eu seguir a devoção de minha vó, ela era muito dedicada e contribuía para que a Festa acontecesse. O que eu mas gostava era das quermesses, minha vó organizava as brincadeiras, eu a ajudava estava sempre envolvida com toda programação. A quermesse era para arranjar o dinheiro para a festa de São Roque.

6- Tem registro de fatos ou fotos dos festejos?

Tenho algumas fotos dos batizados dos filhos, de casamento de meu irmão, que casou na igreja de São Roque, mas não sei onde andam.

7- Já teve participação na organização desses festejos, qual período, conte-nos a sua experiência?

Sim, no tempo que participava da organização eu fui juíza da festa de São Roque durante alguns anos, nessa época tinha as quermesses, festas pra coletar dinheiro, vendiam comidas e outras coisas pra arrecadar o dinheiro para organizar a festa, por que tinha os juízes que eram responsáveis pelas entregas das cartas, cada um era responsável para entregar uma quantidade de cartas, e todos dava o que podia com muito amor e fé em São Roque.

8- Que lembrança dos festejos marcou sua vida?

A minha primeira Eucaristia aconteceu num dia da Festa de São Roque, eu tinha 12 anos, mas me lembro como se fosse hoje. Só eu fiz a primeira comunhão. São Roque me ajudou porque o padre não queria deixar, por que era de outra Paróquia. Mas minha avó conseguiu convencer ele. Lembro também do dia que meu pai passou mal por que não deixaram São Roque vir no barco dele, ficou muito chateado, pois reformou o barco e queria que São Roque viesse com ele no acompanhamento.

9- Relate momentos que guarda na lembrança dos festejos de São Roque?

As maiores lembranças que tenho da festa era quando chegava a Banda de Madre de Deus já vinha tocando no mar. Era muito emocionante, toda a beira mar cheia de gente esperando o barco encostar com os músicos. Só tocava marchinhas, o hino de São Roque e de Senhor do Bomfim.

10- Como os festejos de São Roque representam você e a localidade de Caboto?

Hoje no dia da festa sinto muitas saudades porque hoje sou cadeirante e não consigo participar das novenas, da procissão, do acompanhante, por que vivo nessa cadeira e dependo de outra pessoa para ir e vir, e tenho uma saúde debilitada mas Só Roque tem me ajudado e ele sabe o quanto desejo estar em Caboto nos dia de sua festa.

11- Considera que a festa tem sofrido mudanças ao longo do tempo, do que sente falta?

A festa mudou. Porque hoje fica dependendo da prefeitura de Candeias que antes tínhamos os juízes que trabalhava pra festa, fazia de tudo pra dar tudo certo e a festa brilhava tinha várias barracas na beira da praia e todo mundo participava, era

feita com o dinheiro do povo, com dinheiro das cartas de São Roque. Era uma disputa para quem ia ser Juízes da festa. Era uma alegria ouvir o nome de quem ia assumir a organização da festa do ano que vem. Tinha muita força, pouco dinheiro mas muita força de vontade.

12- Como você vê os festejos de São Roque alinhado ao desenvolvimento cultural e turístico da localidade de Caboto?

Acho que muitas pessoas que prosperam em Caboto foi com a benção de São Roque, tem um restaurante com o nome do santo. Outros cresceram com os visitantes que iam para os festejos e quiseram voltar. De qualquer forma os festejos de São Roque é a única festa da comunidade.

ENTREVISTA 04

1 - Qual sua idade?

74 anos

2 - Seu endereço atual?

Caboto – Candeias

3- O que te levou a mudar-se da localidade de Caboto?

Não se aplica

4- Tem conhecimento sobre a origem dos Festejos de São Roque?

Sei que o santo apareceu na senzala.

5- Há quanto tempo participa dos Festejos de São Roque?

Desde criança acompanhava meu pai no acompanhamento sempre íamos de canoa, meus irmãos eram pequenos e apenas eu o acompanhava. Nos dia de hoje, quando me vejo no acompanhamento de São Roque sinto que essa festa me pertence e eu pertenço a ela. Durante toda minha vida estive presente nesse momento

6- Tem registro de fatos ou fotos dos festejos?

Não tenho.

7- Já teve participação na organização desses festejos, qual período, conte-nos a sua experiência?

Tive experiência com Juiz, depois como presidente, vice-presidente dos Festejos de São Roque nos períodos de 1990 pra cá passou a ser comissão. Quando fui presidente, começamos a pedir ajuda as empresas do Porto de Aratu para garantir algumas coisas como óleo Diesel para os barcos do acompanhamento por exemplo, tenho copia de um oficio desse.

8- Que lembrança dos festejos marcou sua vida?

Todos meus filhos foram batizados nos dias de festa de São Roque, pra ele abençoar a vida deles, livrando de toda peste.

9- Relate momentos que guarda na lembrança dos festejos de São Roque?

A festa dançante no Caramanchão coberto com as lonas das velas dos barcos, porque nesses dias de festa chovia muito e precisava proteger os tocadores.

10- Como os festejos de São Roque representam você e a localidade de Caboto?

Sim, os festejos de São Roque é uma tradição de Caboto, muito antes de eu nascer já existia, espero que não acabe. Seu Ubaldo e Maneca juntto com dona Mundinha e Celina eram os pioneiros da Festa, todos já morreram, mas viviam pra Festa de São Roque.

11- Considera que a festa tem sofrido mudanças ao longo do tempo, do que sente falta?

Acredito que no passado as pessoas viam a Caboto para conhecer a Igreja de São Roque, vinha pra festa, mas agora o que interessam são os restaurantes. Que vivem cheios. Mas não considero que houve o desenvolvimento cultural e turístico.

12- Como você vê os festejos de São Roque alinhado ao desenvolvimento cultural e turístico da localidade de Caboto?

Sim, sofreu muitas mudanças, não temos mais o apoio da comunidade, alguns passaram para outra religião. É poucas pessoas que vai pra missa, pra novena, pra procissão. Vão mais pra Santa Mazorra.

ENTREVISTA 04

1 - Qual sua idade?

74 anos

2 - Seu endereço atual?

Caboto – Candeias

3- O que te levou a mudar-se da localidade de Caboto?

Não se aplica

4- Tem conhecimento sobre a origem dos Festejos de São Roque?

Meus pais contavam que o santo foi encontrado pelos negros na senzala do Museu, estavam presos dentro da gruta.

5- Há quanto tempo participa dos Festejos de São Roque?

Sempre participei, mãe levava todo mundo pra novena e para missa, e depois podia brincar na rua eu e meus irmãos.

6- Tem registro de fatos ou fotos dos festejos?

A festa de São Roque é a lembrança viva da minha adolescência, quando comecei a namorar... Por alguns anos era o único momento que podia ver meu namorado, ele era um amigo de meu primo que vinha para a festa.

Depois de cinco anos nos a gente casou.

7- Já teve participação na organização desses festejos, qual período, conte-nos a sua experiência?

Nunca fui da comissão, participava de tudo, mas não assumia cargo, porque tinha muitos filhos e muitos afazeres em casa.

Mas me lembro de que algumas famílias eram responsáveis por alguma parte da festa, a comida dos músicos, os fogos, o transporte do padre, sempre por devoção ou promessa.

Um exemplo foi dona Petú, ela doou por alguns anos as toalhas do altar, pagamento de uma promessa de cura ao santo, além disso, ela era uma mãe de santo do único terreiro de Caboto, mas participava ativamente da festa, as ofertas mais generosa da missa eram dadas por ela.

8- Que lembrança dos festejos marcou sua vida?

O batizado do meu filho foi no primeiro ano de seu nascimento, todo vestido de branco, toda família presente. Uma grande festa foi organizada para comemorar o batizado na festa de São Roque. Nesse período, era o momento de arrumar nossas casas, vestir as melhores roupas, pintar os cabelos, enfim, era o acontecimento do

ano. As casas eram pintadas para a festa. As casas se abriam para receber familiares e amigos. Eram pessoas de muitos lugares. Os vizinhos e amigos se perguntavam, já comprou suas roupas e sapatos pra festa? Já pintaram a casa? Eram várias esperas para esse mês de agosto.

9- Relate momentos que guarda na lembrança dos festejos de São Roque?

Antigamente, havia uma disputa dos homens para carregar o andor do Santo, muitas pessoas querendo levar, agradecer pelas graças que alcançou, fico emocionada de lembrar como as pessoas gostavam de participar, todos arrumados, em respeito ao santo, cantando os louvores.

10- Como os festejos de São Roque representam você e a localidade de Caboto?

Sim me representa, porque é uma data marcante em minha vida. Tenho saudades do tempo que Caboto enchia de pessoas de todos os lugares para festejar o dia do santo, era muito bom, tinha trabalho porque vendia bolinho na festa e ganhava dinheiro. Faz parte da minha história.

Mas pra Caboto, acho que não faz mais tanta diferença, é um dia de festa comum, poucas pessoas participam, sou evangélica e todos da minha casa também é.

11- Considera que a festa tem sofrido mudanças ao longo do tempo, do que sente falta?

A festa hoje é outra do tempo da minha mocidade. Tinha festa na sede e nas barracas, dançava agarradinha com o meu par que depois virou meu marido. Hoje só tem bandas de pagode e arrocha e ainda tem brigas.

12- Como você vê os festejos de São Roque alinhado ao desenvolvimento cultural e turístico da localidade de Caboto?

Não vejo essa ligação, são poucas pessoas da comunidade que participam das coisas da igreja durante o ano. No dia da festa, ultimamente, até aparece mais uns gatos pingados.

Algumas pessoas que se mudaram daqui e continuam devotos de São Roque.

Mas, o que enche a igreja mesmo é os políticos que querem aparecer e registrar suas presenças, principalmente, de dois em dois anos que tem eleição, ou pra prefeito ou pra deputados.

Ou os devotos de São Roque que vem de outros lugares para participar da missa.

Na verdade, também não vejo desenvolvimento cultural em Caboto, o que teve foi que ficou conhecido pelos restaurantes que ficam cheios de turistas.